



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

LAIS ALVES PORTO

A LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO DO *SETTING*
TERAPÊUTICO DE LINGUAGEM

TEIXEIRA DE FREITAS - BA

2024

LAIS ALVES PORTO

**A LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO DO *SETTING*
TERAPÊUTICO DE LINGUAGEM**

Dissertação apresentada para Banca de Defesa do Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Departamento de Educação - *Campus X*, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres.

TEIXEIRA DE FREITAS - BA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.
Dados fornecidos pelo próprio autor.

P8531 Porto, Lais Alves

A literatura infantil negro-brasileira no contexto do setting terapêutico de linguagem / Lais Alves Porto. Orientador(a): Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres. Prazeres. Teixeira de Freitas, 2024.

114 p : il.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL, Teixeira de Freitas. 2024.

Contém referências, anexos e apêndices.

1.Literatura Infantojuvenil. 2.livro. 3.Fonoaudiologia. 4.Fatores raciais. I. Prazeres,Lílian Lima Gonçalves dos. II. Universidade do Estado da Bahia. Teixeira de Freitas. III. Título.

CDD: 804

LAIS ALVES PORTO


**A LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO DO *SETTING*
TERAPÊUTICO DE LINGUAGEM**

Dissertação apresentada para Banca de Defesa do Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Departamento de Educação - *Campus X*, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.


Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Profª Drª LÍLIAN LIMA GONÇALVES dos Prazeres.


Teixeira de Freitas, 18 de dezembro de 2024.

Documento assinado digitalmente
 LÍLIAN LIMA GONÇALVES DOS PRAZERES
DATA: 18/12/2024 17:00:51 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profª Drª LÍLIAN LIMA GONÇALVES dos Prazeres.
Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 EMILIANE SANTANA GOMES
DATA: 17/12/2024 10:48:08 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profª Drª Emiliane Santana Gomes
Secretaria de Educação do Estado da Bahia
(Membra Externa - Titular)

Documento assinado digitalmente
 ALINE SANTOS DE BRITO NASCIMENTO
DATA: 23/12/2024 14:13:39 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profª Drª Aline Santos de Brito Nascimento
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
(Membra Interna - Titular)


FOLHA DE APROVAÇÃO
"A LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO DO SETTING
TERAPÊUTICO DE LINGUAGEM"

LAIS ALVES PORTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS – PPGL, em 18 de dezembro de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Mestrado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **LILIAN LIMA GONÇALVES DOS PRAZERES**
Data: 12/01/2025 01:58:43-8300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) **LILIAN LIMA GONÇALVES DOS PRAZERES**
UFSB
Doutorado em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente
 **ALINE SANTOS DE BRITO NASCIMENTO**
Data: 05/01/2025 13:42:48-0308
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) **ALINE SANTOS DE BRITO NASCIMENTO**
UNEB
Doutorado em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente
 **EMILIANE SANTANA GOMES**
Data: 09/01/2025 11:13:19-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Professor(a) Dr.(a) **EMILIANE SANTANA GOMES**
UFES
Doutora em Letras
Colégio Estadual Professora Aurivaldina Joazeiro
Examinador(a) Externo Suplente

Dedico esta dissertação a todos os pacientes e seus familiares que me formaram fonoaudióloga, durante a graduação nos estágios curriculares e extracurriculares e nesses 6 anos de atuação profissional na rede pública e privada.

AGRADECIMENTOS

À minha, por ser o meu maior exemplo de profissional de saúde e me fazer acreditar em uma prática de saúde humanizada.

A paiño, minha irmã, meu companheiro e minhas amigas, por me apoiarem e não me deixarem desistir.

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB), por ter sido, pela segunda vez, a minha casa oportunizando meu crescimento enquanto pesquisadora e profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), por ter acolhido a minha pesquisa.

Ao Programa de Bolsa de Pesquisa (PROGPESQ) da UNEB, por ter concedido a bolsa de pesquisa do mestrado por 1 ano.

A Aline Quaresma, por desempenhar tão bem o seu trabalho como secretária do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e sempre ter me ajudado quando precisei.

Às orientações das professoras Lílian dos Prazeres, Aline Nascimento, Gabriela Carvalho e Emiliane Gomes.

Aos colegas, João, Sandro, Leiliane e Daniele, que conheci durante o mestrado, por tornarem a jornada acadêmica mais enriquecedora.

A minha psicóloga, por ter cuidado da minha saúde mental durante o período que sobrevivi à cidade Teixeira de Freitas.

À cidade Salvador, por ser a pequena África que me fortalece.

Aos meus pacientes e seus familiares, por todo dia me ensinarem a ser fonoaudióloga.

A Bomani, por me mostrar que é possível construir uma literatura infantil negro-brasileira.

A LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO DO *SETTING* TERAPÊUTICO DE LINGUAGEM

RESUMO

A prática de contação de história é amplamente exercida em diversas áreas, incluindo Letras, Educação e Saúde. Na esfera da Saúde, é frequentemente realizada por terapeutas, com destaque para a fonoaudiologia, na qual essa atividade se insere no *setting* terapêutico com crianças e adolescentes. A presente pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), teve como objetivo investigar e analisar as práticas de fonoaudiólogas atuantes na área de linguagem que utilizam a literatura infantil negro-brasileira em seus procedimentos terapêuticos. Os teóricos Bonvini (2001) e Amadou Hampâté Bâ (2010, 2013) discorrem sobre a tradição oral brasileira ser herdeira da tradição oral africana. Dentro desta tradição, tem-se a contação de história que se caracteriza como uma tecnologia ancestral. Para a contação utilizando o livro, observa-se a importância de realizar a escolha literária considerando esta uma produção cultural como abordado por Debus (2017). A literatura infantil negro-brasileira, terminologia utilizada por Santos (2016) e Sabadini (2022), baseada no termo literatura negro-brasileira pautado por Cuti (2010), apresenta uma produção literária construída por pessoas negras com consciência crítica racial. A abordagem escolhida para a pesquisa de campo foi a de caráter qualitativo, de natureza exploratório/descritivo. As entrevistas com as cinco fonoaudiólogas voluntárias sucederam-se por meio da plataforma *Google Meet*. Os achados resultantes das entrevistas foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011). Além da pesquisa de campo, foi produzida a análise de três obras literárias: *Makeba vai à escola* (2019), *Brincando de antigamente* (2019) e *Que saudade da minha vó!* (2020). A análise dos dados das entrevistas revela uma carência de letramento literário e racial das fonoaudiólogas, evidenciando a necessidade de formação e conscientização desde a graduação sobre a importância da temática étnico-racial e literária na fonoaudiologia para que assim seja exercida uma prática de contação de história respeitosa e sem propagação de preconceitos. As três obras analisadas escritas por mulheres negras refletem temáticas inovadoras dentro das construções narrativas e imagéticas da literatura infantil negro-brasileira.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Livro. Fonoaudiologia. Fatores raciais.

BLACK-BRASILIAN CHILDREN'S LITERATURE IN THE CONTEXT OF THE THERAPEUTIC LANGUAGE SETTING

ABSTRACT

The practice of storytelling is widely practiced in various areas, including Literature, Education and Health. In the health sphere, it is often performed by therapists, especially speech therapy, where this activity is part of the therapeutic setting with children and adolescents. The aim of this research, carried out in the Postgraduate Program in Languages (PPGL), was to investigate and analyze the practices of speech therapists working in the area of language who use black-Brazilian children's literature in their therapeutic procedures. Theorists Bonvini (2001) and Amadou Hampâté Bâ (2010, 2013) discuss how the Brazilian oral tradition is heir to the African oral tradition. Within this tradition, storytelling is characterized as an ancestral technology. For storytelling using books, it is important to make a literary choice, considering this to be a cultural production, as discussed by Debus (2017). Black-Brazilian children's literature, the terminology used by Santos (2016) and Sabadini (2022), based on the term black-Brazilian literature used by Cuti (2010), presents a literary production constructed by black people with a critical racial conscience. The approach chosen for the field research was qualitative and exploratory/descriptive in nature. The interviews with the five volunteer speech therapists took place using the Google Meet platform. The findings from the interviews were analyzed using Bardin's (2011) content analysis. In addition to the field research, three literary works were analyzed: *Makeba vai à escola* (2019), *Brincando de antigamente* (2019) and *Que saudade da minha vó!* (2020). The analysis of the interview data reveals a lack of literary and racial literacy among female speech therapists, highlighting the need for training and awareness-raising since graduation on the importance of ethnic-racial and literary themes in speech therapy so that a respectful storytelling practice can be practiced without spreading prejudice. The three works analyzed, written by black women, reflect innovative themes within the narrative and imagery constructions of black-Brazilian children's literature.

Keywords: Children's literature. Books. Speech therapy. Racial factors.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do fundo do livro Peppa de Silvana Rando	68
Figura 2 - Mãe cortando com alicate o cabelo da filha	68
Figura 3 - O cabelo da personagem puxa um carrinho de compras, a personagem participa do cabo de guerra e seu cabelo é puxado	69
Figura 4 - Dedicatória da escritora Ana Fátima	76
Figura 5 - Dedicatória da escritora Fabíola Cunha	77
Figura 6 - Jamal e Makeba se abraçam	78
Figura 7 - Sala de aula com os colegas, a professora e Makeba	79
Figura 8 - Makeba e a professora Lara	80
Figura 9 - Jamal penteando o cabelo de Makeba	84
Figura 10 - Mariana chateada e o gato correndo	85
Figura 11 - Mariana brincando na rua com os colegas e a avó Joana segurando um bolo	86
Figura 12 - Mariana e a avó olhando o bolo assando no forno	88
Figura 13 - Porta retrato da vó	90
Figura 14 - Protagonista entregando giz de cera para a mãe	91
Figura 15 - Protagonista nos ombros da mãe, ambos voltados para a parede com o giz de cera nas mãos	92
Figura 16 - Protagonista de costa, é visto somente o topo da cabeça e em evidência o cabelo	92
Figura 17 - Protagonista de frente, é visto somente o topo da cabeça e em evidência o cabelo	93
Figura 18 - Brinquedos artesanais, jogo da velha e jogo das cinco marias	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Formação e atuação profissional	52
Quadro 2 - Formação e atuação profissional	53
Quadro 3 - Síntese das categorias analisadas	54
Quadro 4 - Conhecimentos sobre contação de história	55
Quadro 5 - Conhecimentos sobre contação de história	57
Quadro 6 - Conhecimentos sobre contação de história	59
Quadro 7 - Noções sobre representatividade	61
Quadro 8 - Representatividade étnico-racial na literatura infantil	63
Quadro 9 - Fonoaudióloga 1 explana sobre a obra Peppa de Silvana Rando	67
Quadro 10 - Repercussão da literatura com protagonismo negro	71
Quadro 11 - Desafios relacionados a literatura com protagonismo negro	72
Quadro 12 - Devolutiva das entrevistadas	74

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAUS	Coletivo Auto-organizado de Saúde
CF	Constituição Federal
CFFa	Conselho Federal de Fonoaudiologia
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COVID 19	Corona Virus Disease
DI	Deficiência Intelectual
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LOS	Leis Orgânicas de Saúde
MS	Ministério da Saúde
PC	Paralisia Cerebral
PCA	Programa de Conservação Auditiva,
PCC	Projetos Pedagógicos de Cursos
PcD	Pessoa com Deficiência
PNSIPN	Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
PPGL	Pós-Graduação em Letras
QSMS	Qualidade, Segurança, Meio Ambiente e Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
VERSUS	Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FONOAUDIOLOGIA E LITERATURA	20
3 ENTRE LITERATURAS: LITERATURA INFANTIL E LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA	31
3.1 Literatura infantil	31
3.2 Literatura infantil negro-brasileira	40
4 METODOLOGIA	49
5 A FONOAUDIOLOGIA E A LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	53
5.1 Contação de história: concepções e usos	56
5.2 Literatura e raça	63
6 PROPOSTAS DE USOS DE OBRAS DA LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA	78
6.1 Makeba vai à escola (Makeba goes to school)	80
6.2 Brincando de antigamente	87
6.3 Que saudade da minha vó!	92
6.4 Possibilidades de usos das obras no <i>setting</i> de linguagem	97
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
APÊNDICE A	112
APÊNDICE B	114

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação parte de uma das inúmeras inquietações que reverberam o meu corpo de mulher negra atuante na clínica de linguagem como fonoaudióloga e na academia como pesquisadora. Há seis anos, ao estar trabalhando na clínica de linguagem com livros com protagonismo negro e escritos por autores negros, pude observar como essas obras contribuem para o avanço do processo terapêutico dos pacientes.

Contudo, na fonoaudiologia as produções acadêmicas que abordam a temática étnico-racial são poucas, tem-se os trabalhos de Reis (2019), Vasconcelos (2022), e Moreno e Silveira (2019); destas nenhuma discute sobre a literatura infantil negro-brasileira na prática fonoaudiológica. Assim sendo, o presente estudo apresenta de forma inovadora a discussão do uso da literatura infantil negro-brasileira na clínica de linguagem.

Para tanto, foi necessário o deslocamento da área de concentração de estudo, visto que, nas ciências biológicas, o conhecimento teórico literário é inexistente, sendo assim, o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado da Bahia - *Campus X* acolheu o desafio de mediar o diálogo entre as áreas de conhecimento, Letras e Saúde, para a concretização de tal pesquisa.

As instituições de ensino brasileiras, como apontou Ferreira (2022), reproduzem uma educação baseada na concepção eurocêntrica, como consequência a matriz curricular da área da saúde prioriza o conceito de saúde ocidental, principalmente o modelo cartesiano, o qual coloca em evidência a doença e define o saudável somente pela ausência da doença, desta forma, tanto nos conteúdos quanto em quem leciona, é observada a predominância da branquitude (Schucman, 2020).

Ao sair da graduação, iniciei a vida profissional trabalhando no Sistema Único de Saúde (SUS). Este sistema é uma das maiores conquistas do povo brasileiro, resultado das reivindicações da população e trabalhadores da saúde, reconhecida pela *Constituição Federal* (CF) de 1988 (Brasil, 1988), regulamentada pelas Leis Orgânicas de Saúde (LOS) 8.080/90 e 8.1422/90 (Brasil, 1990).

O SUS é baseado em princípios doutrinários, são eles: universalidade, integralidade e equidade. Deste último princípio, foi possível conhecer a sua teoria nas aulas ministradas em sala, mas a vivência da sua prática no dia a dia foi possibilitada pelo movimento estudantil e por um dos tripés da universidade, a extensão. Essas experiências contribuem para preparar o

estudante para a vida profissional, foram esses conhecimentos, teóricos e práticos, durante a graduação, que me prepararam para ser uma trabalhadora ativista pelo SUS.

Dentre as muitas vivências, vale destacar algumas delas: na extensão houve o projeto intitulado “Juventude, identidade e qualidade de vida: O uso da fotografia como ferramenta em saúde entre jovens moradores do Alto das Pombas”, e também a “Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VERSUS)”, no qual o grupo de estudantes selecionados ficaram em imersão na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto em Teixeira de Freitas. Nessas duas vivências, foi possível ressignificar na prática as ideias sobre saúde e educação. No movimento estudantil, o Coletivo Auto-organizado de Saúde (CAUS) foi marcante, pois nele aconteceu o aprendizado compartilhado sobre saúde e movimento social.

Compreender a potência da equidade na saúde, haja vista os aspectos raciais, de gênero e de classe da maioria dos usuários do SUS, estruturou os alicerces da minha atuação profissional, desta forma, os métodos, as estratégias e os recursos utilizados na prática fonoaudiológica na área de linguagem são escolhidos com atenção e respeito.

A equidade assegura que os serviços de saúde considerem as diferenças entre os grupos populacionais e indivíduos, sendo assim, é preciso primeiro saber identificar as diferenças, para possibilitar que exista uma tratativa adequada na atenção à saúde, essa ideia deve estar inserida na prática fonoaudiológica, principalmente na atuação das trabalhadoras do SUS, mas podendo também estar alicerçando a prática no âmbito da atenção em saúde na rede privada, como nos consultórios particulares.

A fonoaudiologia está regulamentada há 43 anos no Brasil, inserida no serviço público e privado de saúde. É notório o avanço das discussões e atuações dentro da fonoaudiologia para uma concepção e prática humanizada e dialógica, contudo, pouco se observa tanto na prática clínica, quanto na produção científica, uma fonoaudiologia que reconhece e se compromete com as responsabilidades étnico-raciais.

Atualmente a fonoaudiologia consta com 14 especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa), são elas: Audiologia, Disfagia, Fluência, Gerontologia, Fonoaudiologia Educacional, Fonoaudiologia Neurofuncional, Fonoaudiologia do Trabalho, Neuropsicologia, Linguagem, Motricidade Orofacial, Voz, Saúde Coletiva, Perícia Fonoaudiológica, Fonoaudiologia Hospitalar. Nesses seis anos de formada, tenho atuado na área de linguagem, tendo o título de Especialista em Linguagem pelo CFFa.

A especialidade em linguagem, regulamentada pela resolução CFFa nº 320/2006 (Brasil, 2006), apresenta por objetivo o estudo e a intervenção na comunicação humana, desta forma, o fonoaudiólogo da área da linguagem se depara com a produção comunicativa individual de cada

sujeito. A linguagem do sujeito pode estar fora do considerado como uma comunicação eficiente devido a alguma síndrome, transtorno, distúrbio ou atraso, a causa só será possível identificar durante o processo terapêutico.

Nesse encontro de e para a linguagem, o terapeuta contribui para uma relação dialógica favorável deste sujeito na sociedade. Estes sujeitos estão inseridos em uma sociedade alicerçada em concepções preconceituosas como o capacitismo, ocorrendo de, na maioria dos casos, os sujeitos já chegarem com diagnósticos, assim estes já chegam na clínica fonoaudiológica pertencentes ao grupo das pessoas com deficiência (PcD).

No *setting* de linguagem, muitas estratégias e recursos são utilizados dentro do processo terapêutico o qual pode favorecer o desenvolvimento da linguagem, dentre estes, uma das estratégias bastante utilizadas é a contação de história. No entanto, observa-se que tal estratégia é utilizada sem o devido reconhecimento de suas origens e repercussões sociais. Utilizando da ideia da equidade, é possível proporcionar momentos de contação de história com livros que reflitam e apresentem as diferenças dos pacientes assistidos no serviço público ou particular.

O livro utilizado como recurso para a contação de história é significativo, pois pode contribuir para uma construção de identidade da criança que reforce os estereótipos sociais ou que desconstrua os preconceitos e apresente alternativas de vivências positivas, como é abordado nos estudos de Pelisson e Rodrigues (2017); Pastorello (2004); Rosenberg (1981); Pestana (2021); Nascimento (2021); Debus (2017) e Oliveira (2018). Um dos fatores de importância são as ilustrações, estas constituem a história e contribuem para uma contação de história representativa (Campos, 2016; Pestana, 2021; Silva, 2015).

Teóricos como Bonvini (2001) e Amadou Hampâté Bâ (2010; 2013) discorrem sobre a tradição oral brasileira ser herdeira da tradição oral africana, estudos que refletem sobre como a contação de história se constitui como herança ancestral que conseguiu resistir devido à sabedoria dos mais velhos e à resistência da memória ao longo das gerações. Partindo deste reconhecimento, percebe-se a importância de demarcar a origem e manutenção dessa tradição oral. Deste modo, ao realizar, no *setting* de linguagem, a contação, esta deve ser feita de forma consciente, principalmente nas escolhas das obras a serem utilizadas.

A literatura é apresentada por Debus (2017) como uma produção cultural, ou seja, é uma arte, sendo arte consegue acessar de forma única os diversos sujeitos. A arte, ao ser utilizada no *setting* terapêutico de linguagem, contribui para a criação de vínculo entre o terapeuta e o paciente, possibilita ressignificar a linguagem, favorece a comunicação e influência na construção de identidade desse sujeito. Considerando a equidade, no que tange aos aspectos

étnico-raciais, a literatura infantil e juvenil precisa ser escolhida com análise da linguagem escrita e imagética para que assegure a qualidade da atenção à saúde.

No entanto, a contação de história reproduzida na clínica de linguagem não reconhece as origens desse conhecimento e nem as suas repercussões sociais. Observa-se, na literatura do campo fonoaudiológico, o predomínio do uso de uma literatura infantil e juvenil padronizada com escritores e protagonismo branco, como identificado nos estudos de Marra (2006); Albano (2010); Oliveira (2004, 2006); Bordin e Sheila (2011). Tal fato acaba demonstrando que a fonoaudiologia ainda centraliza a sua prática e produção científica segundo a concepção da branquitude (Schucman, 2020).

A literatura infantil, que possibilita o reconhecimento da diferença étnico-racial, oportuniza a representatividade para as crianças negras e a reflexão sobre a multiplicidade cultural para as crianças não negras, é a literatura infantil negro-brasileira, conforme abordado por Santos (2016) e Sabadini (2022). Esta se alicerça sob o termo Literatura Negro-Brasileira cunhado por Cuti (2010), o qual pontua que tal literatura é construída por pessoas negras que tenham a consciência crítica racial, pois assim contribuem para o fortalecimento do povo negro.

Desta forma, o presente estudo propõe investigar as práticas das fonoaudiólogas entrevistadas atuantes na área da linguagem que utilizam a literatura infantil negro-brasileira no *setting* terapêutico. Para tanto, foi delimitado como instrumento metodológico entrevistas semiestruturadas realizadas de forma *online* por videoconferência através da plataforma *Google Meet*, o qual possibilitou a interação com fonoaudiólogas da Bahia e do Rio de Janeiro. Para a análise das entrevistas, foi escolhida a análise de Bardin (2011).

Diante do exposto, fica evidente que tal pesquisa contribui para a valorização da literatura infantil negro-brasileira, possibilitando abranger ainda mais a multiplicidade de seus usos na área de Letras e a inserção na fonoaudiologia. Além de possibilitar a reflexão e consciência da temática étnico-racial dentro da área de linguagem na fonoaudiologia. No que se refere ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), fortalecerá a permanência e a fomentação do programa para que continue sendo um lugar de construção de conhecimento científico nas áreas da literatura e linguística, pelos discentes e docentes.

Assim sendo, o estudo se estrutura nas seguintes sessões: sessão 2, “Fonoaudiologia e literatura”, a qual explana sobre a ciência fonoaudiológica associando-a ao conhecimento literário e a contação de história; na sessão 3, “Entre literaturas: literatura infantil e literatura infantil negro-brasileira”, que discorre nos subtópicos sobre a literatura infantil e a literatura negro-brasileira; na sessão 4, “Metodologia”, em que é apresentada uma reflexão sobre a pesquisa nas áreas de Letras e Saúde; na sessão 5, “A fonoaudiologia e a literatura infantil

negro-brasileira: análise das entrevistas” são apresentados os resultados e as análises das entrevistas; na sessão 6, “Propostas de obras da literatura infantil negro-brasileira”, foi realizada a análise literária de três obras de escritoras negras que podem ser utilizadas na contação de história no *setting* de linguagem. As obras são: *Makeba vai à escola (Makeba goes to school)* (2019); *Brincando de antigamente* (2019); *Que saudade da minha vó!* (2020).

2 FONOAUDIOLOGIA E LITERATURA

A fonoaudiologia é uma ciência híbrida, fundamentada nas ciências da saúde e ciências humanas, que tem como objeto de estudo e intervenção a comunicação. Ela está regulamentada pela Lei Nº 6.965, de 09 de dezembro de 1981. Tal lei garante que o profissional pode atuar em pesquisa, prevenção, avaliação e realizar terapia fonoaudiológica nas áreas da comunicação oral e escrita, voz e audição, bem como em aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz (Brasil, 1981).

A área da saúde apresenta em sua trajetória uma predominância hegemônica da branquitude (Ferreira, 2022), tardiamente, como resultado de reivindicações, foram construídas políticas para assegurar uma atenção à saúde específica para a população negra, para democratizar o acesso da população a universidade e para reorganizar a matriz curricular que pudesse contemplar as discussões referente as relações étnico-raciais. A exemplo tem-se a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), instituída pela portaria nº 992/2009 (Brasil, 2009), as políticas afirmativas como as cotas, e a Resolução MS/CNS nº 569/2017 (Brasil, 2017), que aborda os Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC).¹

A fonoaudiologia presente nessa conjuntura também apresenta esse alicerce hegemônico que vem sendo ressignificado através dos movimentos macro como as políticas e diretrizes e os movimentos micro como as organizações estudantis em coletivos. No estudo de Santos e Luccia (2015), é possível perceber essa mudança de forma específica na fonoaudiologia, a pesquisa reflete sobre o perfil dos estudantes da graduação em fonoaudiologia nos anos de 2004, 2007 e 2010 segundo os dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE).

Foi identificado, pelos pesquisadores supracitados, que a maioria dos estudantes são do sexo feminino nos três anos, 96,3% (2004), 92,0% (2007), 92,4% (2010), para o sexo masculino observou-se um aumento do quantitativo, 3,7% (2004), 8,0% (2007), 7,6% (2010), a porcentagem de pessoas pretas (negras e pardas) aumentou, de 22,6% (2004) foi para 35% (2010), mas ainda ficou inferior a quantidade de pessoas brancas que em 2010 foi de 62,9%.

¹ Resolução MS/CNS nº 569/2017: É relevante que os PPC e os componentes curriculares fundamentais dos cursos de graduação da área da saúde estejam relacionados com todo o processo saúde-doença do cidadão, da família e da comunidade e referenciados na realidade epidemiológica e profissional, proporcionando a integralidade e a segurança assistencial em saúde. VI - abordagem de temas transversais no currículo que envolvam conhecimentos, vivências e reflexões sistematizadas acerca dos direitos humanos e de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, TEA, educação ambiental, língua brasileira de sinais (Libras), educação das relações étnico-raciais e história da cultura afro-brasileira, africana, dos povos tradicionais e indígena.

Existiu a prevalências do curso na região sudeste do Brasil nos três anos, 55,1% (2004), 50,0% (2007), 43,9% (2010), sendo a maioria das faculdades de âmbito privado, 88,8% (2004), 87,5% (2007), 76,8% (2010).

O estudo de Santos e Luccia (2015) demonstra o aumento da inserção de pessoas pretas (negros e pardos) na graduação em fonoaudiologia, contudo ainda se mantem o predomínio de pessoas brancas. Esse predomínio produz como consequências a não inclusão dos temas étnico-raciais, resultando em pesquisas e estudos que se alicerçam somente na ideia do padrão social hegemônico, no caso da fonoaudiologia, mulheres brancas da região sudeste do país. Desta forma, observa-se na profissão tanto na prática clínica, quanto nas produções científicas a falta de letramento racial.

O letramento racial se constitui como uma ação contínua de aprendizado que instrumentaliza o sujeito a identificar como o aspecto racial opera na sociedade e a agir frente a essas situações de forma racializada (Severo, 2011). Desta forma, essa é uma ferramenta que precisa estar presente na formação das pessoas negras e não negras, pois falar sobre raça é se referir tanto a branquitude (Schucman, 2020), quanto a negritude (Munanga, 2019).

A escassez de diálogos e pesquisas abordando a temática étnico-racial na fonoaudiologia também é observada na área da linguagem, que constitui uma das 14 (quatorze) especialidades da fonoaudiologia. O profissional que atua nessa área busca promover e otimizar o uso das habilidades de linguagem do indivíduo, independente da sua faixa etária, objetivando a comunicação e garantindo o bem-estar e inclusão social (Brasil, 2006).

Analizando a clínica de linguagem, é possível identificar duas vertentes de atuação, que se mantêm desde a graduação até a prática profissional: uma delas apresenta uma abordagem centrada na patologia ou sintoma, na qual a demanda sempre parte de uma equipe médica, da escola ou da família; a outra vertente apresenta uma abordagem centrada no sujeito, em que o terapeuta precisa identificar qual a demanda do indivíduo (Oliveira; Friedman, 2006).

O fonoaudiólogo se depara com o fenômeno da linguagem que destoa da considerada produção comunicativa adequada, comunicação esta que foi sendo padronizada para solidificar uma estrutura social e racial no país. Desta forma, o terapeuta lida, na prática clínica, com a linguagem heterogênea, ou seja, com a representação comunicativa individual de cada sujeito (Arantes, 1994).

Esta fala destoante está permeada pelos aspectos sociais e raciais, tais aspectos por muito tempo estiveram fora das avaliações, protocolos e análises realizadas pelos fonoaudiólogos da área da linguagem. Então com a crescente discussão sobre o preconceito linguístico (Bagno, 2007) e racismo linguístico (Nascimento, 2019), houve a necessidade de a fonoaudiologia

reconhecer tais discussões, e assim de forma tímida se constrói uma discussão sobre os aspectos sociais e raciais na prática clínica.

No que se refere a temática racial existem dois (2) trabalhos que abordam de forma explícita sobre as consequências do racismo na linguagem e de como o letramento racial precisa estar presente na formação do fonoaudiólogo. O trabalho de Thalia Vasconcelos (2022) com título *A cor que não apagaram da língua: a colonialidade na fonoaudiologia brasileira*, e a matéria *Fonoaudiologia e desigualdade social* na Revista do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia que entrevistou a Fonoaudióloga Lucia Masini (Rocha, 2018).

Thalia Vasconcelos (2022) pontua sobre os primórdios da fonoaudiologia e como as consequências desta atuação repercutiu na sociedade

Descrevendo as falas dos ditos desviantes ou patológicos, foi delineada a língua que se deveria usar, pois almejava-se uma pronúncia sem vícios, sem sonoridade e a musicalidade dos diferentes grupos sociais. Ou seja, a fonoaudiologia originou-se como forma de intervenção social com o objetivo de superar as diferenças linguísticas em nome de uma unidade e do progresso nacional, sendo escolhida uma pronúncia dentre as diversas existentes para que a unificação da língua fosse alcançada. Medidas de normalização e padronização da língua impostas e sustentadas por um discurso moralizador, que imprimiu a segregação e inferiorização dos chamados desviantes (Vasconcelos, 2022, p. 276).

As falas com diferenças linguísticas que deveriam ser superadas eram as falas dos povos originários, africanos e indígenas, desta forma, seria possível obter uma unificação padronizada da fala brasileira. A fonoaudióloga Lucia Masini entrevistada por Raíza Rocha (2018) aponta que “se optarmos por analisar aspectos da língua ou da aprendizagem, retirando-as das reais condições de produção, estamos do lado de quem culpabiliza os indivíduos por suas próprias fragilidades e fracassos” (Rocha, 2018). A partir desses dois (2) estudos, é possível identificar a importância de discutir como a clínica de linguagem é atravessa pela temática racial.

A prática clínica ocorre em sua potencialidade no *setting* terapêutico; um dos fatores que o compõe é o espaço físico; esse espaço pode ser presencial ou virtual: alguns exemplos são a sala em uma clínica, o jardim, a praça, o supermercado, a vídeo chamada, fica entendido que esse espaço será o local onde for proposto acontecer a terapia. Outros fatores que também o compõem são: o tempo, as regras, os acordos, a relação da díade terapeuta-usuário, o conhecimento técnico do terapeuta, a demanda do usuário. Desta forma, concorda-se com Cardoso (2009) quando caracteriza o *setting* como sendo “O campo de jogo, a zona de experimentação na qual a relação terapêutica acontece” (Cardoso, 2009).

Na clínica de linguagem, o público mais assistido é o público infantil, estes chegam acompanhados pelos responsáveis e em sua grande maioria encaminhados pela escola ou pela equipe médica, poucos são os casos em que os responsáveis buscam por iniciativa própria. A criança normalmente já apresenta algum diagnóstico ou ainda está em processo de investigação, em específico para a área de linguagem, as crianças apresentam alguma alteração na linguagem ou fala, sendo esse o maior fator para a busca pelo profissional de fonoaudiologia da área de linguagem (Peixoto et al. 2010; César e Maksud, 2007; Barros e Oliveira, 2010; Costa e Souza, 2009).

Os pesquisadores Peixoto et al. (2010) apresentaram um estudo de caracterização da população assistida por um serviço de fonoaudiologia no município de Maceió, como resultado obteve que a maior busca pelo serviço foi para crianças de zero a seis anos, estas estavam na fase pré-escolar e escolar. O estudo de César e Maksud (2007) caracteriza a população encaminhada ao Serviço de Fonoaudiologia do Núcleo de Atenção Psicopedagógica Infanto-juvenil (NAPPI) em Minas Gerais, 41% dos assistidos foram encaminhados por médicos, a prevalência da idade foi entre cinco e dez anos, com principais queixas de alterações de fala (46%) e linguagem (18%).

As pesquisadoras Barros e Oliveira (2010) identificaram o perfil dos pacientes cadastrados e atendidos pelo setor de Fonoaudiologia de um serviço público de Recife, a maioria dos encaminhamentos foram feitos por pediatras (25%), otorrinolaringologista (16%) e clínico geral (10%), a idade varia entre zero a onze anos, as queixas mais frequentes foram de desvio fonológico (14%) e atraso de linguagem (11%). Já o estudo de Costa e Souza (2009) caracteriza o público assistido pela clínica-escola de fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), verificou-se que a faixa etária prevalente foi a entre zero e doze anos, com área de maior busca sendo a linguagem (52,4%).

Os estudos citados com suas pesquisas em diferentes cidades do país demonstram que a procura pelo serviço de fonoaudiologia na área de linguagem é voltada para o público infantil que apresenta alguma alteração na fala ou linguagem, desta forma, é com esse público que o fazer fonoaudiológico irá se concretizar, será no encontro do terapeuta e a criança que o *setting* terapêutico acontecerá em sua plenitude.

No *setting*, o terapeuta tem a possibilidade de assumir diversos papéis, dentre eles pode-se ser um escutador, intérprete, técnico e aprendiz. Esses papéis ora estão todos interligados, ora cada um assume a responsabilidade principal, tanto na relação com a criança, quanto com sua família ou rede de apoio. Sendo assim, é possível garantir uma práxis dialógica, horizontal

e humanizada, favorecendo um processo terapêutico de autonomia e independência comunicativa (Arantes, 1994).

No lugar do técnico, são traçadas quais estratégias podem contribuir para o avanço terapêutico; na escutatória, identificam-se as nuances raciais, sociais e de gênero que moldam cada história; no setting o intérprete e aprendiz lançam mão dos objetivos planejados e ressignificam toda a vivência da criança e a sua própria experiência de vida, seja profissional ou pessoal (Arantes, 1994).

Uma das estratégias que o fonoaudiólogo pode utilizar é ser um contador de histórias, utilizando como recurso terapêutico livros da literatura infantil e juvenil. Contudo, é imprescindível que o profissional compreenda que a contação de história é uma tecnologia ancestral herdada dos povos originários (Bâ, 2010), indígenas e africanos. Reconhecendo tal aspecto, é possível construir uma prática de contação de histórias baseada em uma postura respeitosa à individualidade de cada criança.

A contação de história é uma herança decorrente da tradição oral, a qual se consolidou no Brasil como resultado dos conhecimentos dos povos originários, africanos e indígenas. O intelectual Amadou Hampaté Bâ (2010) discorreu sobre a importância da palavra para os povos africanos e de como a contação de histórias está presente em muitas situações sociais:

Ora, todo africano é, até certo ponto, um contador de histórias. Quando um estranho chega a uma cidade, faz sua saudação dizendo: “Sou vosso estrangeiro”. Ao que lhe respondem: “Esta casa está aberta para ti. Entra em paz”. E em seguida: “Da-nos notícias”. Ele passa, então, a relatar toda sua história, desde quando deixou sua casa, o que viu e ouviu, o que lhe aconteceu, etc., e isso de tal modo que seus ouvintes o acompanham em suas viagens e com ele as revivem. É por esse motivo que o tempo verbal da narrativa é sempre o presente (Bâ, 2010, p. 208).

A contação de história foi assim se ressignificando com o tempo, sobrevivendo através da memória e sabedoria dos mais velhos. Amadou Hampaté Bâ (2010), além de reivindicar o reconhecimento para a tradição oral como tecnologia ancestral, associa essa reivindicação com a produção escrita para a materialização também em outra linguagem, contribuindo assim para a maior perpetuação deste conhecimento.

No *setting* terapêutico é possível realizar a contação de história com diversos recursos, fantoches, bonecos, livro, ou sem nenhum recurso, somente com o poder da palavra. Na literatura observa-se que as pesquisas que relatam sobre a contação de história na clínica de linguagem utilizam o livro como um recurso (Bordin e Sheila, 2011; Albano, 2010; Oliveira e

Friedman, 2006; Oliveira, 2004). Desta forma, o livro passa a ser mais um integrante da contação exercendo um papel significativo.

O livro é um recurso que vem sendo cada vez mais utilizado na prática clínica fonoaudiológica em suas diversas especialidades, como linguagem, fluência e fonoaudiologia educacional, como também nas demais profissões da área da saúde, principalmente no campo da psicologia. Pelisson e Rodrigues (2017), que abordam o uso do livro para avaliação dos estados mentais, afirmam que a leitura do livro infantil utilizado em terapia contribui não somente para o desenvolvimento linguístico, mas também para o desenvolvimento sociocognitivo, o qual favorece a compreensão dos princípios sociais e culturais que a criança está inserida, como também o desenvolvimento da teoria da mente, habilidade sociocognitiva que possibilita o adequado desempenho nas interações sociais.

Ao realizar a contação de história, o fonoaudiólogo se coloca como o mediador de leitura, torna-se o colaborador responsável por estabelecer o elo entre o sujeito, a leitura e os livros. Sendo assim, é imprescindível que o fonoaudiólogo tenha domínio da história literária escolhida, além do cuidado ao escolher o livro que será utilizado como recurso na sessão. É preciso que sejam identificados aspectos presentes no livro que favoreçam a conexão com o contexto histórico social do indivíduo, sem desconsiderar as demandas fonoaudiológicas a serem trabalhadas.

Ao usar o livro infantil como recurso na clínica, o terapeuta, no papel de mediador, pode compartilhar reflexões sobre a história narrada, possibilitando reconstruções de situações reais, pode fazer perguntas ao paciente, descrever ou solicitar a descrição das imagens contidas nos livros, podem construir dramatizações a partir das histórias. Tudo isso favorece o desenvolvimento da imaginação e criatividade, o que contribui para que a criança, nas vivências do dia a dia, possa apresentar respostas e resoluções criativas e adequadas (Pelisson; Rodrigues, 2017).

Quando se utiliza a leitura de livros literários com mediação, é oportunizado que a criança consiga reestruturar sua fala com os modelos apresentados pela produção verbal do fonoaudiólogo e pela escrita presente no livro (Pastorello, 2004). Essa prática acaba demonstrando que, mesmo sem focar de forma direta na possível alteração na fala, a contação de história possibilita que o próprio usuário modifique aspectos do seu discurso narrativo, sejam semânticos, fonológicos ou sintáticos.

Na prática clínica de linguagem centrada em uma vertente dialógica, a criança se apresenta atuante e se reconstrói linguisticamente, esta maneja aspectos linguísticos tendo como possibilidade a linguagem do fonoaudiólogo que a organiza dando forma, sentido e significado

e assim, ao perceber a estruturação da língua na relação da díade, a mesma consegue modelar com autonomia a sua própria linguagem (Santana, 2001).

Oliveira (2004) pontua que o livro infantil pode ser considerado um instrumento nas relações não patologizantes entre terapeuta e usuário, pois o terapeuta não coloca o recurso na intenção de higienizar ou consertar a fala do paciente. A autora também considera que

O terapeuta ao lidar com o livro na clínica coloca o discurso em funcionamento. Ao ler histórias para o paciente vai permitindo que efeitos sejam produzidos na criança, por meio do texto do autor/narrador do livro, e assim, o paciente retorna para o terapeuta - outro atravessado pela história (Oliveira, 2004, p. 82).

Desta forma, na relação dialógica o livro torna-se um instrumento de potência na relação terapeuta e criança. Assim, percebe-se a necessidade de ter cuidado ao escolher o livro utilizado na prática de contação de história no *setting* terapêutico. Ao reconhecer que a criança é um sujeito com sua individualidade e especificidades é preciso colocar em uso uma atenção à saúde equânime e escolher um livro que consiga acolher as diferenças da criança.

Ao que se refere a linguagem, uma prática clínica centrada na perspectiva discursivo-enunciativa, busca identificar e validar o modo como o indivíduo usa os recursos que o possibilitam a atuar como sujeito da linguagem (Santana, 2001). Assim, o sujeito falante é visto pelo fenômeno da alteridade, no qual tem-se os três momentos da arquitetura, eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim (Bakhtin, 2010). Desta forma, a linguagem é abordada pelo viés da interação, sendo uma destas interações o diálogo, onde se considera todo o contexto enunciativo extrapolando o reducionismo do campo do verbal (Cardoso, 2002).

Assim sendo, o sujeito é reconhecido para além da sua patologia, pois busca-se valorizar todos os aspectos presentes na interação dialógica, que não centra a sua atuação somente na percepção da saúde-doença, mas na autonomia de todos os sujeitos presentes na relação durante o processo terapêutico, no qual o terapeuta e usuário são responsivos e não indiferentes um para com o outro (Ponzio, 2010).

Ao refletir sobre a arquitetura da alteridade (Bakhtin, 2010), podemos observar nos três momentos algumas características, pensar o outro-para-mim requer reconhecer o usuário na sua singularidade e como insubstituível. Ao validar a fala da criança, o terapeuta reforça o lugar de importância desta no diálogo. O eu-para-o-outro ocorre quando o usuário compartilha algo de sua vivência por meio da comunicação verbal ou não verbal com o terapeuta. E o eu-para-mim se constitui em como o terapeuta se posiciona na interação, tanto com o usuário, quanto com a sua rede de apoio e para consigo mesmo.

Sendo assim, na clínica de linguagem pautada numa prática dialógica, humanizada, a qual ressalta a relação de alteridade, o terapeuta apresenta a responsabilidade ao escolher o livro infantil a ser utilizado. Nesta escolha, é preciso levar em conta as próprias preferências do terapeuta, o seu repertório de leitor, e o contexto sócio-histórico que se faz presente no caso trazido pelo usuário e também por seus familiares desde o momento da anamnese e durante todo o processo terapêutico.

Contudo, não são observados na literatura trabalhos que reconhecem a diversidade na autoria dos livros infantis ou no protagonismo de tais livros, poucos são os que buscam refletir sobre a valorização do livro como recurso terapêutico, e a prática clínica de linguagem dialógica. Albano (2010) e Silva (2008) pontuam que, na fonoaudiologia, os estudos apresentam o livro infantil como um corretor da linguagem do sujeito, prática baseada em uma perspectiva patológica, principalmente no que se refere aos distúrbios de leitura e escrita, deixam de reconhecer esse recurso como um facilitador da prática discursiva.

Referente às práticas na clínica de linguagem pautadas na perspectiva enunciativa do filósofo Bakhtin (2010), o qual compreende a importância da intersubjetividade do sujeito e a linguagem como elemento da interação social, tem-se os seguintes trabalhos: *Dialogismo e fonoaudiologia: a intersubjetividade na clínica*, de Cardoso (2002); *Um outro olhar acerca da formação do profissional em fonoaudiologia*, de Cronemberger (2016); *A perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e a análise da linguagem na clínica fonoaudiológica*, de Santana e Santos (2017); *A linguagem na clínica fonoaudiológica: implicações de uma abordagem discursiva*, de Santana (2001).

Sobre a importância da contação e narrativa de histórias na prática fonoaudiológica, tem-se *Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem*, de Bento e Befi-Lopes (2010); *Contando histórias para crianças com deficiências: uma possibilidade de atuação fonoaudiológica na estimulação da linguagem*, de Marra (2006).

Sobre a atuação do profissional de fonoaudiologia para instrumentalizar docentes para a prática de contação e narrativa de histórias, tem-se *Fonoaudiologia, contação de histórias e educação: um novo campo de atuação profissional*, de Neto, Silva e Arruda (2006); *Leitura de história em voz alta: proposta de uma intervenção fonoaudiológica com Professores*, de Cordeiro, Tozzo e Ferreira (2021).

Sobre o uso do livro como recurso terapêutico, tem-se *Literatura infantil e fonoaudiologia: o trabalho (de) com a leitura do livro infantil*, de Albano (2010); *A clínica da gagueira e o livro infantil: considerações a partir de um caso*, de Oliveira e Friedman (2006); *O livro infantil como instrumento terapêutico na clínica fonoaudiológica da gagueira*, de

Oliveira (2004); *Usos e sentidos da linguagem escrita na clínica fonoaudiológica*, de Silva (2008); *Livros infantis: material motivador para crianças disfônicas em processo terapêutico*, de Bordin e Sheila (2011).

Não foi encontrado qualquer estudo que mencione ter utilizado a literatura infantil negro-brasileira em práticas de contação de histórias na área da linguagem ou em demais práticas na fonoaudiologia. Os sites utilizados para as pesquisas foram Google Acadêmico, Scielo e PubMed. Os termos selecionados para a busca foram: literatura infantil negra e fonoaudiologia, literatura infantil negro-brasileira e fonoaudiologia, literatura infantil afro-brasileira e fonoaudiologia, literatura negra e fonoaudiologia. No Google Acadêmico, apareceram artigos, contudo nenhum deles reflete sobre o livro da literatura infantil negra/negro-brasileira/ afro-brasileira ser utilizado na prática fonoaudiológica. No Scielo, o resultado que aparece é a frase “Não foram encontrados documentos para a sua pesquisa”. No PubMed aparecem, com alguns dos termos utilizados, poucos artigos, no entanto, o resultado é similar ao do Google Acadêmico.

No estudo de Silva Marra (2006), há a reflexão sobre a prática da contação de histórias para crianças com deficiências, no entanto as obras utilizadas são as mais comuns no meio literário, são elas: *O lobo e os sete carneirinhos*, *O leão e o rato*, *A tartaruga e a lebre*, *Formiga e a cigarra*, *O macaco e o jacaré*, *A cobra e o sapo*, *O cavalo e a raposa*, *Salimbancos*. No estudo de Albano (2010), é apresentado o livro como um recurso na clínica fonoaudiológica; os livros selecionados foram categorizados em livros sem texto e livros com texto; dos 86 livros na categoria livros com texto, nenhum destes tem autoria indígena ou negra. O estudo de Bordin e Sheila (2011) discorre sobre o uso do livro infantil no processo terapêutico de crianças com disfonia, ou seja, na área da voz, foram utilizados as seguintes obras: *O peixe que podia cantar*, *Contos de Grimm- Rapunzel*, *O Mago das Vozes*, *Rita, Não Grita!*, *A Pequena Sereia*.

Todos os estudos citados apresentam de forma excepcional os usos da literatura infantil nas áreas da linguagem e voz, no entanto, fica perceptível que não houve o uso de livros de autoria de escritores negros e indígenas. Ao reconhecer a importância do fonoaudiólogo no processo terapêutico, como mediador, se faz necessário reconhecer também como um sujeito que se coloca com sua própria história na relação de alteridade, desta forma, este pode conciliar nas escolhas dos livros infantis o seu conhecimento enquanto leitor.

Sendo assim, observa-se que cabe ao fonoaudiólogo identificar obras que apresentem representatividade para a criança negra, proporcionando acolhimento e uma maior conexão da mesma com o livro escolhido. Para os profissionais que estão inseridos no SUS, a atuação precisa estar de acordo com as diretrizes, normas e portarias que regem o SUS, aos presentes

na rede privada seguem uma outra lógica de produção de saúde voltada ao lucro mercadológico, mas que não impede de abordar os aspectos raciais.

No SUS, existem normas e políticas que caracterizam o avanço no debate racial dentro da área da saúde. Dentre tais avanços, tem-se a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) instituída pela Portaria 992/2009 (Brasil, 2009), esta, demonstra que é reconhecido oficialmente os impactos do racismo na saúde dos indivíduos, sendo necessário estratégias de enfrentamento ao racismo e acolhimento de forma equânime aos usuários do SUS.

A PNSIPN (2009) apresenta como uma das diretrizes gerais a inclusão dos temas Racismo e Saúde da População Negra nos processos de formação e educação permanente dos trabalhadores da saúde e no exercício do controle social na saúde (Brasil, 2009). Desta forma, tenta-se amenizar a falta do debate racial na formação universitária, como é observado na formação do fonoaudiólogo, segundo o trabalho de Livia Reis (2018) intitulado *Contribuições teóricas para a formação nos temas raça, gênero e saúde nos cursos de fonoaudiologia*, o qual pontua que “conteúdos sobre questões raciais e de gênero ainda tem um destaque secundário na formação em saúde, sendo insipientes nas publicações científicas e nos currículos de diferentes cursos de graduação e pós- graduação em saúde no Brasil” (Reis, 2018).

Outro avanço na inserção do debate racial na saúde pública foi a Portaria nº 344, de 1º de fevereiro de 2017, que dispõe sobre o preenchimento do quesito raça/cor nos formulários dos sistemas de informação em saúde, esta apresenta a importância de ter o item para identificação de raça/cor nos formulários, seja para cadastro de usuários, em anamneses e até mesmo para pesquisas nos serviços de saúde, sendo sempre respeitado “o critério de autodeclaração do usuário de saúde, dentro dos padrões utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e que constam nos formulários dos sistemas de informações da saúde como branca, preta, amarela, parda ou indígena” (Brasil, 2017, s/p).

Moreno e Silveira (2019) realizaram um estudo para investigar o uso do quesito raça/cor na clínica fonoaudiológica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Elas fizeram o levantamento nos prontuários de atendimentos no período letivo de 2017 a 2019, analisaram as ementas do curso de fonoaudiologia sobre racismo e sobre o quesito raça/cor, também fizeram o levantamento da produção de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) e dissertações na fonoaudiologia que tematizaram o quesito raça/cor e o racismo como determinação social em saúde. Os resultados apontaram para uma invisibilidade do quesito raça/cor na formação e nos atendimentos de fonoaudiologia da UFRGS.

Ao preencher o quesito raça/cor na anamnese seguindo o critério de autodeclaração, o fonoaudiólogo já pode identificar sugestões de obras a serem utilizadas e, quando reconhecer a demanda do usuário, filtrar quais obras de fato devem ser usadas para alcançar os objetivos propostos e proporcionar um cuidado equânime e humanizado tendo em consideração que a linguagem apresentada pelo usuário não se dissocia do seu contexto histórico social quando está presente com o terapeuta no *setting* terapêutico.

3 ENTRE LITERATURAS: LITERATURA INFANTIL E LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA

Nesta sessão, a literatura é abordada em dois aspectos: literatura infantil e literatura infantil negro-brasileira. No subtópico literatura infantil, apresento como se caracteriza oficialmente o início da literatura infantil, como esta se desenvolveu no Brasil e algumas discussões que acontecem na área de Letras. No segundo subtópico, observo a inserção de personagens negros na literatura infantil e a nomenclatura a ser utilizada no presente estudo.

3.1 Literatura infantil

Antes de discorrer sobre a literatura infantil, é importante pensar sobre a construção ideológica da infância pelo Ocidente, pois será esse conceito que solidificará a base dessa literatura na Europa e por conseguinte no Brasil. Sendo assim, essa será a literatura infantil que conhecemos atualmente e que é tópico para muitos debates no meio acadêmico e literário.

Durante o século XVII, na Europa, aconteceu a ascensão da burguesia. Esta consolidou a estrutura familiar, na qual a infância passou a ter um papel de importância, com isso as crianças deixaram de ser consideradas adultos em miniatura, como eram tidas na Idade Média. A infância passa a receber benefícios como a valorização da educação, assim fica instituído que a criança precisa estar na escola e protegida por seus familiares (Azevedo, 2001).

A ideia que se tem de infância atualmente no Brasil parte desse contexto histórico. Dessa forma, o período da infância passa a representar um momento com características próprias de comportamento, vocabulário, experiências sociais e extremamente ligado à escolarização. Esta última fase é protegida legalmente, sobretudo, pela *Constituição Federal* (CF) de 1988 (Brasil, 1988) e pelo *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA) de 1990 (Brasil, 1990).

Ainda em decorrência da ascensão burguesa, ocorreu a valorização da escola como instrumento de formação social. Nesse contexto, a escola com influências burguesas começou a construir e nomear uma literatura voltada exclusivamente para a infância, contudo esta apresentava um caráter puramente pedagógico. Tal literatura foi formada inicialmente por duas correntes de pensamento, são elas, Didatismo e Conservadorismo (Azevedo, 2001). Desta forma, fica evidente que a escola e a literatura estavam associadas com o propósito de solidificar as estruturas sociais construídas e idealizadas pela classe dominante.

Com isso, a França ficou sendo considerada o berço da literatura infantil, mais precisamente no período da monarquia absolutista do rei Luís XIV, denominado “Rei Sol”. Alguns dos primeiros livros publicados foram *As Fábulas* (1668), de La Fontaine; *Os contos da mãe gansa* (1691/1697), de Charles Perrault; *Os Contos de Fadas* (8 volumes-1696-1699), de Mme D’Aulnoy, e *Telêmaco* (1699), de Fénelon, sendo todas as obras de cunho pedagógico, ou seja, ensinam algo para as crianças, sejam conteúdos didáticos ou os valores morais da época (Menezes, 2017).

Podemos ilustrar tal função pedagógica a partir da obra *A cigarra e a formiga* (1847) de La Fontaine, que ensina para as crianças um valor moral social, a história transmite a ideia da importância do trabalho, a mensagem final que a criança precisa aprender fica sendo que se trabalhar vai ter o que comer, do contrário, não. A história foi construída refletindo características do contexto Europeu, como, por exemplo, a ocorrência dos longos meses de inverno, deste modo, ao ser traduzida para o português brasileiro, tal obra passa por modificações contextuais para se adaptar à realidade do país, contudo não deixa de perder seu conteúdo pedagógico de ensinar um valor moral para as crianças (Rhodes et al., 2017).

No Brasil, no período da colonização, especialmente com a vinda da família Real no século XIX, ocorre o movimento de importação da literatura infantil da Europa. Um dos grandes destaques como precursores de incentivo a literatura infantil nacional foi o editor Pedro Quaresma. Esse conseguiu identificar a dificuldade de recepção do público infantil brasileiro devido a não compreensão das linguagens comuns para o público infantil de Portugal (Chicoski, 2010).

Percebendo uma oportunidade, Quaresma fundou em 1894 a Biblioteca da Livraria do Povo, esta tornou-se a primeira biblioteca visando o público infantil. No acervo eram encontradas obras traduzidas para a língua portuguesa brasileira, além de livros de escritores nacionais, como do escritor Figueiredo Pimentel, um homem branco, considerado um dos precursores da literatura infantil nacional, que utilizou a tradição oral para a produção de suas obras literárias sem os devidos reconhecimentos da origem das suas obras escritas (Chicoski, 2010).

A literatura infantil, seja a traduzida de forma abasileirada ou a produzida nacionalmente, também foi construída para reforçar estruturas sociais vigentes da época, apresentava um caráter moralista e educativo, o estereótipo racista era reforçado com características que ligavam a cor preta e o negro ao maldoso, feio, demoníaco e perigoso, tais ideias solidificaram no imaginário brasileiro o ódio e o medo contra a pessoa negra, tais consequências são repercutidas até os dias atuais (Chicoski, 2010).

Alexina de Magalhães Pinto também foi uma escritora considerada importante para os primórdios da literatura infantil nacional, esta utilizava a tradição oral nas suas obras e na sua prática pedagógica. Sua docência ainda hoje é reconhecida por ter sido inovadora e contrária ao padrão imposto da época, pois era a favor do método global de alfabetização. Alexina, uma mulher branca, que estudou na Europa, usava em suas aulas cantigas de roda, trava-línguas, lendas populares e provérbios. Para além da sala de aula, publicou livros, alguns deles são *As nossas histórias, Cantigas das crianças e do povo e danças populares, Provérbios populares, Cantigas das crianças e dos pretos* (Chicoski, 2010).

Tanto na produção literária de Figueiredo Pimentel quanto na de Alexina de Magalhães Pinto não existiu a abordagem de se refletir sobre a condição do negro e do indígena no país, de onde estes extraíam material criativo para a produção de seus trabalhos escritos. O apagamento dos povos originários na significação da tradição oral em tais situações se manifesta de forma racista, o qual contribui para que na atualidade sejam negligenciadas as produções orais consideradas inferiores, mas supervalorizadas as produções escritas de pessoas brancas que traduzem a oralidade ao seu próprio modo.

A tradição oral presente no Brasil não é a mesma que se encontra em África, assim como também não é a mesma que se encontrava entre os indígenas antes da colonização. A tradição oral é originária desses povos, e a que conhecemos na atualidade é um dos resultados da resistência destes ao processo de escravização. Em específico para os povos africanos, é importante frisar que muitos povos foram trazidos deste continente e misturados aqui no país como estratégia para o impedimento de organizações que buscassem a liberdade, isso significa que, na tradição oral, existem conhecimentos de muitas nações distintas de África (Bonvini, 2001).

Bonvini (2001) discorre que a tradição oral brasileira não deve ser considerada como o resto das tradições orais dos povos africanos, mas sim como um legado que se conserva devido às muitas estratégias de sobrevivência deste povo, desta forma, para este autor,

[...] não há dúvidas de que existiu e existe ainda hoje no Brasil uma tradição oral bastante viva, de origens francamente africanas e que constitui uma verdadeira herança de conhecimentos de todas as ordens, transmitidos de boca em boca através dos séculos, apesar de um contexto particularmente hostil e de um desenraizamento brutal devidos à escravidão. Esta herança é constituída de inúmeras “palavras organizadas”: fórmulas rituais, rezas, cantos, provérbios, adivinhações... algumas em línguas africanas, e outras, as mais numerosas, em português. Através destas “palavras”, é bem uma “alma” africana que sobreviveu e que vive ainda hoje no Brasil (Bonvini, 2001, p. 40).

A contação de história é uma das resultâncias da tradição oral, tradição esta que foi herdada dos povos originários, sofrendo modificações ao longo dos tempos para sobreviver as circunstâncias da opressão racial. A prática da contação de história apresenta sua potencialidade na força da palavra, porém atualmente tem absorvido outros elementos como o livro, instrumentos musicais, bonecos, fantoches que agregam enriquecendo o momento da contação de história.

A literatura infantil brasileira utilizou da tradição oral africana, contudo sem reconhecer e validar a origem ancestral. Um exemplo desse tipo de apropriação cultural é apresentado por Renato Mendonça (1935). O conto africano se intitula “*Alô sobre a tartaruga e o elefante*”, originário da Costas dos Escravos, que atualmente são os países Benim, Togo e Nigéria ocidental, já o conto brasileiro se intitula “*O cágado e o teiú*”, do qual a autoria é dada como sendo de Sílvio Romero, que apresenta esse e outros contos no livro *Contos Populares do Brasil* (1883).

O início da literatura infantil brasileira que utilizou da tradição oral negou essa origem, e até mesmo quando enfatizou a origem de cunho racial, como no caso da escritora Alexina de Magalhães Pinto, não contextualizou como foi formada tal tecnologia ancestral e nem refletiu sobre a situação do negro e indígena no Brasil. Essa prática ainda acontece atualmente, contudo observa-se uma maior organização dos povos originários em reivindicar a autoria de suas produções de linguagens orais e escritas para que deixem de ser nomeadas somente como folclore ou popular.

Na trajetória da literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato marcou uma nova era a partir da década de 20. Este inicialmente alcançou o reconhecimento com as obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Reinações de Narizinho*, sendo bem aceitas pela grande maioria da sociedade, assim como pela instituição escolar, desta forma o autor se mantém na escrita de livros para o público em geral e livros para o público infantil (Chicoski, 2010).

Monteiro Lobato acreditava que era preciso usar uma linguagem simples para que o povo compreendesse, pois o povo era adepto da Lei do Menor Esforço (Lobato, 1969). O autor queria afastar-se do estrangeirismo presente nas obras infantis europeias traduzidas, mas acabou reforçando o estereótipo de que o povo é leigo e só compreende o simples, por não estar na classe dos intelectuais, estereótipo reforçado tanto na linguagem escrita, quanto na linguagem visual, ao construir personagens como Jeca Tatu e Jeca Tatuzinho, que ensinam noções de higiene, apresentam um linguajar rudimentar e um comportamento preguiçoso.

Ao querer produzir obras infantis com uma linguagem considerada pelo próprio Monteiro Lobato como mais simples e popular, o autor passa a utilizar do folclore. Desta forma,

atualmente vê-se trabalhos pontuando a presença da oralidade nas obras infantis lobatianas, como, por exemplo, Vasques (2007), que considera o uso de ditos e tradições populares como uma marca da oralidade e também da intertextualidade.

A pesquisadora Pereira (2006) discorre que Lobato apresenta a intertextualidade ao abarcar, nas suas obras infantis, textos ou narrativas do folclore nacional, dos contos de fadas e fábulas do mundo ocidental e da mitologia grega, acontecendo de duas formas nas obras, com citação direta da referência e em outros momentos com autoria indeterminada. Pereira (2006) exemplifica como sendo de autoria indeterminada os provérbios, ditos e expressões idiomáticas colhidos do repertório da comunidade.

A intertextualidade apresenta uma diversidade conceitual, desta forma, seguindo a linha da Linguística Textual segundo os teóricos Beaugrande e Dressler (1976, p. 45) *apud* Silva e Caiado (2020, p. 9) “a intertextualidade se refere aos fatores que vão depender da utilização adequada de um texto e do conhecimento que se tenha de outros textos anteriores”, ou seja, é um mecanismo de referências utilizando de demais textos e/ou histórias, tendo modificações ou não no novo texto produzido.

Ao utilizar a intertextualidade, Monteiro Lobato solicita que o leitor conheça as histórias que são utilizadas nas suas obras. Desta forma, é preciso que as crianças tenham conhecimento prévio dos contos de fadas, mitos e da cultura brasileira, ou seja, esse recurso requer um leitor com um repertório literário mais abrangente, o que também pode ser considerado um incentivo para que as crianças possam aumentar seu repertório e assim possa contribuir para a formação do público leitor.

Para simplificar a linguagem utilizada em suas obras, o escritor Monteiro Lobato utiliza a tradição oral, por meio do folclore brasileiro. No entanto, ao contrário dessa ideia de simplificação, a tradição oral representa uma poderosa herança de sobrevivência dos povos originários. A tradição oral não está resumida somente no ato da fala, é o movimento que ocorre no encontro dos atos da fala e escuta. Esse movimento pode ser apresentado em forma de danças, cantigas, cordéis ou penteados de cabelo, o fluxo da tradição oral acontece na força do diálogo e assim é perpetuado entre gerações mantendo vivos os segredos, mistérios e conhecimentos de um povo.

Nos estudos sobre os Congados e Reinados, manifestação cultural religiosa de origem afro-brasileira, a teórica Leda Martins discorre sobre a terminologia performance que abarca a oralitura, pontua que a performance se caracteriza como sendo o “[...] inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade” (Martins, 2021, p.88-89). Este corpo passa a ser o local da performance, ele “[...] restaura, expressa e, simultaneamente, produz esse conhecimento,

grafado na memória do gesto” (Martins, 2003, p. 78). As performances carregam memórias ancestrais, memórias estas de antes do período da diáspora, sendo assim, o movimento do corpo adornados dentro dos rituais faz as memórias emergirem e preencherem a lacuna do vazio imposto pela forçada travessia transatlântica.

Para Leda Martins as danças rituais realizadas no Brasil que tenham ascendência africana, sejam elas banto ou nagô-iroubá, são exemplos da performance, pois a teórica explica a performance como “[...] um ato de inscrição, uma grafia. Nas culturas predominantemente orais e gestuais, como as africanas e as indígenas, por exemplo, o corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance” (Martins, 2021, p.88). Desta forma, é possível compreender como ainda permanece em resistência a oralidade da cultura africana na cultura brasileira.

O intelectual Amadou Hampâté Bâ (2013), ao contar sobre sua trajetória de vida, compartilha que na África antiga a oralidade não se resume ao que é dito de forma oral, para os povos antigos o homem não está dissociado do mundo que o cerca, por isso em todo tempo existe uma comunicação nessas relações, seja dos homens com os próprios homens ou dos homens com a natureza. Desta forma, é preciso se desfazer do entendimento ocidental cartesiano, para compreender que,

[...] para nossos anciãos, sobretudo para os “homens de conhecimento” (silatigui para os fulas, doma para os bambaras), a lógica apoiava-se em outra visão de mundo, em que o homem se ligava de maneira sutil e viva a tudo que o cercava. Para eles, a configuração das coisas em determinados momentos-chave da existência possuía um significado preciso, que sabiam decifrar. “Esteja à escuta”, dizia-se na velha África. “Tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento...” (Bâ, 2013, p. 27).

Partindo dessa compreensão, se faz relevante apresentar uma outra elucidação sobre a tradição oral, para salientar que esta não é uma herança ancestral simples, e que, ao utilizar a tradição oral para simplificar a sua própria escrita, ou ao negar a autoria destes conhecimentos perpetua-se o apagamento de um povo em sua memória, sua identidade e em seu modo de viver, além de fortalecer a ideia preconceituosa de que a tradição oral é menos importante que a linguagem escrita. Hampâté Bâ nos diz que

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo

com o entendimento humano, revelar - se de acordo com aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial (Bâ, 2010, p.169).

A partir dos ensinamentos de Amadou Hampâté Bâ (2010; 2013) e Leda Martins (2003), é possível identificar a importância da tradição oral para os povos africanos, além de perceber como essa essência cultural resistiu ao longo do tempo dentro do processo de diáspora para os descendentes africanos ao ainda hoje valorizar e reconhecer a importância da tradição oral. Desta forma, fica evidente que, ao utilizar a tradição oral, se faz necessário reconhecer como uma tecnologia e saber ancestral.

Monteiro Lobato também produziu obras infantis voltadas para a escola contendo conteúdos pedagógicos, reforçando a mesma trajetória do início da literatura infantil na Europa, onde o livro infantil nasceu da escolarização dessa literatura. Alguns exemplos dessas obras são *Emília no país da gramática*, *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta*, *O poço do Visconde* e *Viagem ao céu*.

As suas obras foram adquiridas tanto por escolas privadas quanto pela rede pública de ensino, em específico a obra *Narizinho Arrebitado* foi adotada por ordem direta do presidente Washington Luís. Desta forma, foram feitos 30.000 exemplares e distribuídos em todas as escolas primárias do Estado de São Paulo, como sendo o 2º Livro de Leitura. Na rede privada de ensino, tem-se que o Colégio Mackenzie adotou a obra *Negrinha* e *Contos Escolhidos* logo após o seu lançamento pelo autor (Vasques, 2007).

A literatura infantil que nasceu do processo de escolarização continuou ao longo do tempo sendo utilizada para fins pedagógicos, contudo autores e pesquisadores reivindicam a dissociação dessa literatura da escola, promovem a ideia da literatura infantil produzida como arte, ficção e para a criança puramente, sem intervenções didáticas ou utilitárias para ensinar algo a alguém, neste caso, o público infantil. Ricardo Azevedo (1999; 2001) é um dos teóricos, dentre tantos, que propõem essa discussão e reformulação da literatura infantil.

Para fins de reflexão sobre o assunto, Azevedo (1999) apresenta em algumas categorias os livros para as crianças e a literatura infantil. Os livros didáticos têm como intenção transmitir conhecimentos pedagógicos, tendo função utilitária, sendo “fundamental passar informações e mensagens da forma mais clara, objetiva e simples possível, sem dar margem a nenhum tipo de interpretação” (Azevedo, 1999, p. 1), os paradidáticos também apresentam função utilitária e são complementares aos livros didáticos. Para o autor, sempre vai acontecer que, ao terminar a

leitura de qualquer um destes dois tipos de livros, “todos os leitores devem ter chegado à uma mesma e única conclusão” (Azevedo, 1999, p. 3).

Azevedo (1999) demonstra como exemplo a literatura infantil produzida por Monteiro Lobato:

[...] curiosamente apresenta uma espécie de hibridismo: por um lado, leva o leitor a penetrar em um microcosmo mágico, original, ricamente ficcional, composto por personagens como Emília, Visconde de Sabugosa, o Marques de Rabicó, as viagens com o pó de pirilimpimpim etc.; de outro lado, é repleta de utilitarismo, recorrendo inúmeras vezes à intenção pedagógica (Azevedo, 1999, p. 3).

Outra categoria seriam os livros-jogos, estes são jogos que utilizam o livro como suporte, como por exemplo, *Onde está Wally?* de Martin Handford e *Olho mágico* da N. E. Thing Enterprises. Os livros de imagem são as obras que contêm somente as imagens sem o texto escrito, estes podem ter função utilitária ou não. E por fim, a categoria dos livros da literatura infantil, que, segundo o autor, [...] colocam questões humanas vistas no plano da expressão pessoal através da ficção e da linguagem poética (Azevedo, 1999, p. 5). Tais livros não têm a obrigatoriedade de serem didáticos como os livros didáticos ou paradidáticos que têm por obrigação ensinar algo (Azevedo, 1999).

Além de ressaltar a importância de separar a literatura infantil utilitária da poética, Azevedo (2000) também aponta a necessidade de debater sobre o nascimento da literatura infantil, dessa forma é preciso questionar a “[...] identificação das raízes da literatura infantil com o surgimento da escola burguesa em oposição aos elos existentes entre a literatura infantil e os contos maravilhosos, portanto, à “cultura popular” (Azevedo, 2000, p. 9).

Azevedo (2000) discorre que os contos populares foram transmitidos ao longo dos tempos através dos bardos, menestrelis e contadores de histórias. Visto que na Idade Média não existia separação entre a infância e a fase adulta, as crianças também tinham acesso a essas histórias, contudo tais histórias não estavam direcionadas especificamente a esse público. Com o surgimento dos livros infantis, foi perceptível uma significativa influência nas histórias dos contos populares, estes que eram explanados oralmente.

Outras manifestações populares como as adivinhas, rimas e os jogos de palavras que atualmente estão dentro do campo das literaturas infantis, não eram consideradas literatura e muito menos literatura infantil no início da consolidação da literatura infantil na Europa. Estes só passaram a alcançar tal denominação de literatura quando presentes na linguagem escrita, quando utilizada de forma direta ou indireta nos livros infantis (Azevedo, 2000).

Situação similar é possível de ser percebida na construção da literatura infantil brasileira, esta utiliza a tradição oral já existente, transformando-a em escrita, e na maioria das vezes sem reconhecer a verdadeira autoria, ou somente intitulando como folclore ou tradição oral. Tal estratégia contribui para o apagamento dos povos originários e mantém o status de que a escrita é mais importante do que a oralidade.

Muito se discute sobre o conceito da literatura infantil, nas áreas de Letras e Pedagogia, desta forma, não existe um conceito único e imutável sobre o que é a literatura infantil, se precisa ter função ou não, se deve ser considerada exclusivamente arte, se sua origem está ou não associada à escola. Apesar de todas as indagações e debates, é reconhecido que a literatura possibilita para a criança o acesso ao mundo, independentemente de onde estejam, incentiva o despertar da curiosidade para o novo e a abertura para vivências inéditas, seja no cotidiano ou no imaginário.

Peter Hunt (2010) pontua que os livros de literatura infantil são histórias escritas por adultos vivendo em um ambiente social complexo para crianças que estão em desenvolvimento. Isso significa que estes adultos estão fazendo uma tradução da cultura para esse público, ou seja, esse adulto está colocando de forma direta ou indireta na sua escrita os seus valores e decisões morais, desta forma a literatura infantil não pode ser considerada ingênua e isenta de uma consciência.

O mesmo autor também discorre que a necessidade de definir a literatura infantil parte de uma visão de mundo cartesiana, que está empenhado em separar e rotular tudo no mundo, contudo vê-se que é importante apresentar uma definição, partindo principalmente pelo leitor implícito, para que esta literatura seja melhor manejável. Este também argumenta que a literatura infantil estava sendo considerada inferior por ser destinada ao público infantil, e para que essa literatura ascendesse seria preciso modificar as regras:

Precisamos adotar o conceito óbvio de que “literatura” é a escrita autorizada e priorizada por uma minoria influente. A noção de “cânone” ou “corrente principal” é uma construção social. Esse “cânone” tem sido influenciado pelas universidades e, para que a literatura infantil aceda a essa condição privilegiada, deve se tornar parte da estrutura de poder ou essa estrutura precisa mudar (Hunt, 2010, p. 87-88).

Atualmente a literatura infantil não consta como uma literatura inferior, está sendo debatida dentro e fora da universidade, e é reconhecida como literatura. No entanto, a estrutura não mudou, como menciona Hunt (2010), o “cânone” continua o mesmo, apesar de um enorme avanço produzido pelos povos negros e indígenas através de reivindicação para o

reconhecimento e a validação das suas autorias e produções literárias. Isso leva a questionar: a literatura infantil conseguiu acessar a estrutura de poder? E se conseguiu, permanece reforçando os alicerces dessa estrutura?

3.2 Literatura infantil negro-brasileira

As personagens negras nas obras da literatura infantil começaram a aparecer nas décadas de 20 e 30, uma das primeiras personagens que até hoje permanece em evidência foi Tia Nastácia, construída por Monteiro Lobato. As histórias que utilizavam personagens negros não valorizavam a cultura negra, muito menos a herança ancestral, tanto no texto narrativo escrito quanto nas ilustrações, as personagens eram caracterizadas de forma estereotipada contribuindo para uma construção negativa da identidade negra (Jovino, 2006).

Na obra *Histórias da Tia Nastácia*, na qual esta é a protagonista, é possível identificar descrições racistas para com a personagem, como, por exemplo, “negra de estimação”, além de difamar a sua cultura. A pesquisadora Ione Jovino (2006) apresenta trechos da edição de 1937, na qual a prática de contação de história é inferiorizada e ridicularizada pelos demais personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo:

— Sim — disse dona Benta. — Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulterados ainda.
[...] — Pois cá comigo — disse Emília — só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto... (Lobato, 1937 apud Jovino, 2006, p. 184).

A presença do negro na obra de Monteiro Lobato também foi objeto de estudo do trabalho da pesquisadora Maria Gouvêa (2005), esta analisou dezessete (17) obras do período de 1904 a 1937, dentre os autores estão: Monteiro Lobato, Olavo Bilac, Menochi Del Picchia, Thales de Andrade e Presciliana Duarte de Almeida. Foi constatado que nas obras analisadas os estereótipos racistas estão fortemente marcados nos personagens negros, a exemplo da animalização do sujeito negro quando se nega dar-lhe um nome, ou seja, nega a humanidade do sujeito, pois sem nome ele pode ser nomeado de qualquer outra coisa como “o negro, o negrinho, o preto, o pretinho, a negra, a negrinha, o preto velho, a negra velha (Gouvêa, 2005, p.88)”, negar o nome e assim a humanidade da pessoa negra foi denunciado por Lélia Gonzalez

quando afirmou que “negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido... ao gosto deles” (Gonzalez, 2018, p. 88).

As obras analisadas retratam o sujeito negro com características negativas e o sujeito branco com características positivas, desta forma, contribui para o embranquecimento da sociedade, pois mostra para as crianças o que estes precisam achar bonito e gostar, assim as crianças brancas se asseguram na hierarquia de poder da branquitude e as crianças negras crescem produzindo o embranquecimento. Desta forma, Gouvêia (2005) aponta que “O leitor que os textos produziam era marcado pela identificação com a cultura e estética brancas, ao mesmo tempo que desqualificador da cultura e estética negra. Negro ou branco, os textos acabavam por embranquecer o leitor, ao reiteradamente representar a raça branca como superior” (Gouvêia, 2005, p. 90).

As pesquisas de Gouvêia (2005) e Jovino (2006) contribuem para caracterizar o período inicial da inserção do negro na literatura infantil como sendo de extrema reprodução do racismo com a intenção de solidificar tal opressão como estrutural no país. Jovino (2006) apresenta alguns marcos de tempo para a presença de personagens negros nas obras da literatura infantil, os marcos são “o primeiro momento é referente ao início do século XX; o segundo diz respeito às publicações dos anos 75 e alguns anos posteriores; e o terceiro momento diz respeito às produções mais contemporâneas” (Jovino, 2006, p. 188). No período da década de 75, encontram-se personagens negros que reforçam a hierarquização racial, mas começava a aparecer obras nesse segundo momento que tentavam modificar tal situação, já na contemporaneidade é o momento em que as discussões raciais se apresentam de forma direta nas obras.

A pesquisadora Fúlvia Rosenberg (1981) apresentou um trabalho no qual foi analisada a presença “das formas de discriminação étnico-racial peculiares à linguagem dos livros infanto-juvenis [...] detectadas na atribuição de valor ou prestígio ao personagem” editados ou reeditados do período de 1950 e 1975. Dos 168 livros brasileiros analisados, obteve-se alguns dados quantitativos, que foram: 90% produzidos nos eixos Rio-São Paulo, 72% foram escritos, 65% ilustrados e 98% diagramados principalmente por homens.

Dos resultados qualitativos, tem-se que “a discriminação contra grupos não-brancos aparece na literatura infanto-juvenil brasileira constantemente, tanto de forma aberta quanto latente, se, porém, que a nenhum momento se valorize um discurso declaradamente preconceituoso” (Rosenberg, 1981, p. 29).

Em específico para os personagens negros, constatou-se que

[...] A cor negra, por exemplo, aparece com muita frequência associada a personagens maus, seja diretamente através da pigmentação do tecido que o recobre da coloração de seus acessórios e vestimentas ou ainda do contexto que o cerca. O negro associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica, impregna o texto com bastante frequência (Rosenberg, 1981, p. 33-34).

Existe um mito que foi construído de forma proposital pela elite e intelectuais brasileiros, em sua grande maioria homens brancos, para que o país pudesse ter uma boa imagem no exterior de uma harmonia social étnico-racial, além de amenizar as consequências para os escravocratas brasileiros e também na intenção de alienar os negros africanos e seus descendentes para que estes não desejassem reivindicar a sua própria humanidade. Tal mito chama-se Democracia Racial, este foi desconstruído e apresentado como mito por intelectuais como Abdias Nascimento (2016), Lélia Gonzalez (2018), Clóvis Moura (2003) e Florestan Fernandes (1995).

O sociólogo Clóvis Moura (2003), em sua obra *Sociologia do Negro Brasileiro*, desmistificou a ideia da democracia racial ao pontuar que

Essa elite de poder que se autoidentifica como branca escolheu, como tipo ideal, representativo da superioridade étnica em nossa sociedade, o branco europeu e, em contrapartida, como tipo negativo, inferior, étnica e culturalmente, o negro. Em cima dessa dicotomia étnica estabeleceu-se, como já dissemos, uma escala de valores, sendo o indivíduo ou grupo mais reconhecido e aceito socialmente na medida em que se aproxima do tipo branco, e desvalorizado e socialmente repellido à medida que se aproxima do negro. Esse gradiente étnico, que caracteriza a população brasileira, não cria, portanto um relacionamento democrático e igualitário, já que está subordinado a uma escala de valores que vê no branco o modelo superior, no negro o inferior e as demais nuances de miscigenação mais consideradas, integradas, ou socialmente condenadas, repelidas, à medida que se aproximam ou se distanciam de um desses polos considerados o positivo e o negativo, o superior e o inferior nessa escala cromática (Moura, 2003, p. 90).

Nesse mito a ideia da harmonia entre as raças predomina, ao mesmo tempo em que mantém os negros e indígenas em local de inferioridade. Desta forma, a discussão sobre racismo no Brasil é muito dificultada, pois negam a existência do racismo tendo como base o mito da democracia racial. É através desse mito que as microagressões do racismo não são reconhecidas como racismo, pois é o racismo velado, subentendido, subliminar que foi naturalizado no imaginário social (Gonzalez, 2018; Nascimento, 2016; Moura, 2003).

O estudo de Rosenberg (1981) demonstra como o mito da democracia é perpetuado ao colocar narrativas e ilustrações que reforçam estereótipos racistas, mas por não estarem sendo apresentada de forma explícita e sim de forma implícita, o leitor sem uma consciência crítica e letramento racial não percebe o teor racista e somente internaliza o que está sendo lido e visto

como naturais. Desta maneira, fica evidente como é preciso ter cuidado ao ler e escolher para a contação de história as obras da literatura infantil, pois pode não estar explícito, mas ainda assim pode conter características racistas.

Outro estudo importante para elucidar a trajetória na linha do tempo dos personagens negros na literatura infantil é o da pesquisadora Maria Oliveira (2018), esta analisou as personagens negras nas obras publicadas entre 1979 e 1989. Das obras analisadas, 9 (nove) apresentam personagens negros protagonistas masculinos e 3 (três) femininas. Foi constatado que, mesmo tendo protagonistas negros, as histórias ainda reforçavam estereótipos racistas contribuindo assim para a manutenção do imaginário social racista para com o indivíduo negro.

Os dados qualitativos encontrados foram:

- 1) os protagonistas são, em grande maioria pobres; 2) os protagonistas brancos, mesmos pobres, são colocados em condições superiores aos negros; 3) as mulheres, as mães dos protagonistas, desempenham atividades profissionais de domésticas; [...] 4) as mulheres brancas, sejam elas as antagonistas, secundárias ou figurantes, são caracterizadas em funções ou ações intelectuais e/ou profissionais superiores às negras; 5) alguns personagens negros são imersos em um universo de doença, subsistência, fome, morte, perseguição, solidão, rejeição, inferiorização mas, também, de coragem, luta, integridade, criatividade, esperança, perseverança e resistência; 6) os personagens brancos simbolizam a superiorização, proteção, perseguição, bondade, maldade, instrução e poder (Oliveira, 2018, p. 8).

Na pesquisa de Oliveira (2018), duas (2) obras merecem destaque, são elas: *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, uma autora branca, e *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, uma autora negra. Estas merecem destaque, pois a primeira obra é bastante utilizada em ambientes escolares e também na área da saúde, contudo apresenta de forma sutil estereótipos que reforçam o racismo, já a segunda obra marca uma ruptura com os padrões racistas produzidas na literatura infantil e juvenil e constrói uma narrativa de enfrentamento a cultura brancocêntrica.

Oliveira (2018) aponta que, na obra *Menina bonita do laço de fita*, a miscigenação é um tema em destaque apresentado como positivo através da relação entre o coelho branco e a menina negra, esta tem a sua história contada a partir dos seus traços físicos, assim são reforçadas as ideias racistas como a democracia racial e a sexualização da mulher negra que neste caso é somente uma criança, a qual não é reconhecida como um sujeito, pois nem o nome desta é escrito na história.

Dentre as doze (12) obras analisadas em sua pesquisa, somente a obra *A cor da ternura* “[...] se aproximou de uma perspectiva inovadora quanto à tessitura do personagem negro

(Oliveira, 2018, p. 177)”. Geni é a protagonista da obra, ela compartilha as suas vivências promovendo de forma poética reflexões e desconstruções de estigmas raciais e sociais. Oliveira (2018) pontua que

[...] a narrativa *A cor da ternura* dá um salto grande ao exprimir, através do universo imerso em fantasia e ludicidade da protagonista Geni, um “Mundo” constituído de dúvidas, medos, ciúmes, esperteza, delicadeza e amor, em face dos impasses da “Vida” de uma criança que olha e sente o mundo com “olhos de dentro”. Diante disso, pode-se inferir que a “cor” da “ternura” é “negra”. Negros são seus pais e irmãos. Nestes, Geni encontra afeto e esclarecimentos (Oliveira, 2018, p. 175).

Os estudos apresentados até o presente momento nessa seção demonstraram como o modo que os personagens negros foram sendo construídos na literatura infantil ao longo dos anos reforçou a propagação do racismo na formação de identidade dos leitores, neste caso, as crianças. O pesquisador Wagner Campos (2016) destaca que os personagens negros serem retratados de forma pejorativa também vai implicar na formação da construção de identidade das crianças não negras, sendo assim, pode-se concluir que dialogar sobre a temática racial possibilita uma formação antirracista para todas as crianças, sejam elas negras ou não negras.

Tais características não constituem um problema apenas para as crianças negras, mas para todas as crianças, pois perpetuam uma visão distorcida acerca da diversidade humana, dificultando a valorização das diferenças, que é um dos pressupostos básicos para a convivência democrática e harmônica entre etnias. Podemos afirmar que tais características configuram-se como um entrave para a construção da cidadania plena, por perpetuar a divisão da sociedade em classes distintas de cidadãos. Nesse sentido, os formadores de leitores devem escolher com muita atenção as obras que compõem seu repertório de leitura, inserindo obras que, ao contrário das que apresentam as características levantadas, representem adequadamente a diversidade étnico-cultural, dando a conhecer aspectos específicos de sua história e culturas, tirando as etnias não brancas de sua condição de exceção (Campos, 2016, p. 54-55).

Desta maneira, entende-se que essa literatura infantil que contribui para a manutenção do racismo afeta todas as crianças. Identificando o poder que a literatura infantil tem para solidificar preconceitos, é possível acreditar que ao apresentar outras narrativas, partindo de pessoas negras que tenham um letramento racial, ela também possa apresentar o mesmo poder para desconstruir os preconceitos e proporcionar uma formação de identidade para as crianças, negras e não negras, livre dos discursos racistas. Assim, concordo com Eliane Debus (2017) que “Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos,

ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada de mundo” (Debus, 2017, p. 22-23).

Fica perceptível que a inserção do personagem negro na literatura infantil produzida por escritores brancos se mantém inferiorizada e estigmatizada, contudo, também foi sendo construída uma literatura infantil produzida por sua maioria de escritores negros, onde os personagens negros eram reconhecidos em sua humanidade, abordados em sua complexidade e valorizados em sua cultura. A pesquisadora Sousa (2021) expõe 12 (doze) obras que apresentam o protagonismo negro de forma positiva, são elas: *A cor da ternura*, de Geni Guimarães (1989), *Rainha Quiximbi*, de Joel Rufino dos Santos (1986), *Na terra dos Orixás*, de Ganymedes José (1988), *Felicidade não tem cor*, de Júlio E. Braz (1994), *Histórias da Preta*, de Heloísa P. Lima (1998), *Luana, a menina que viu o Brasil neném*, de Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino (2000), *Bruna e a Galinha D’Angola*, de Gercilga de Almeida (2000), *A menina transparente*, de Elisa Lucinda (2000), *Chica da Silva, a mulher que inventou o mar*, de Lia Vieira (2001), *A fada que queria ser madrinha*, de Gil de Oliveira (2002), *Ana e Ana*, de Célia Godoy (2003), *As tranças de Bintou*, de Sylviane A. Diouf (2004).

Desta foram, percebe-se que, do segundo momento até a atualidade, foi crescente a publicação de livros da literatura infantil com protagonistas negros e escritos por escritores negros. Na contemporaneidade observa-se uma valorização da tradição oral, o reconhecimento como sendo uma tecnologia ancestral, e uma valorização da cultura negra, possibilitando assim para a criança negra a construção de sua própria identidade negra de forma positiva, diferentemente do que aconteceu no início da produção literária infantil no país.

Outro aspecto tão importante quanto o texto escrito nas obras são as ilustrações, essas contribuem de forma significativa para a construção da história e também para a formação da identidade do leitor infantil. Os estudos aqui citados demonstram como as ilustrações, principalmente as do primeiro momento, apresentam traços racistas. Com o avançar do tempo, ilustradores negros com letramento racial foram ganhando notoriedade e assim evitando ilustrações estereotipadas, demonstrando a importância desta representatividade para esse profissional na produção literária.

A ilustração no livro infantil não é uma linguagem dependente da escrita, esta apresenta a sua narrativa que reforça e contribui para a narrativa da história escrita, desta forma, o texto escrito e as ilustrações devem se apresentar em sintonia. Para Silva (2015),

Palavra e imagem ressoam entre si em uma vibração própria para cada leitor. Esse momento é, portanto, particular, único, mas é induzido, em partes, tanto

pelo escritor quanto pelo ilustrador, e nesse contexto a ilustração fala, grita, agita. Apesar de ambas serem signos e se direcionarem a algum significado, a imagem possui essência distinta da palavra (Silva, 2015, p. 56).

Sendo assim, compreende-se que a ilustração apresenta função significativa na formação do imaginário das crianças, esta consegue construir imagens mentais que poderão solidificar os preconceitos estruturais da sociedade ou oportunizar a desconstrução destes preconceitos promovendo o conhecimento da diversidade cultural. O pesquisador Wagner Campos (2016) fala sobre a ilustração como sendo um aspecto importante:

As ilustrações adquirem uma relevância ainda maior, uma vez que, em sua recepção multimodal, os leitores mirins considerarão as representações imagéticas dos negros como parte integrante das narrativas. Portanto, as ilustrações podem influenciar toda gama de aspectos da recepção nas quais estamos interessados, sobretudo a identificação com personagens ficticiais. Na escolha do repertório devemos atentar não somente para os modos como os negros são representados na narrativa e para a hierarquia de seu papel no enredo, mas também para a forma como são retratados nas ilustrações (Campos, 2016, p. 57).

Por ser parte essencial para a contação de história que utiliza o livro como recurso, fica compreendido a necessidade de analisar as ilustrações, pois estas podem reforçar ou desconstruir ideias racistas como pontuado por Silva (2015). Sendo assim, o livro no seu conjunto de texto escrito e ilustrações são recursos que precisam ser avaliados de forma atenciosa antes de ser oferecido ou utilizado nas práticas de contação de história. Para tanto se faz importante observar a autoria da escrita e das ilustrações, saber quem assina as múltiplas linguagens que compõem o livro pode contribuir para uma escolha acertada na intenção de proporcionar a equidade para as crianças negras e a ampliação de conhecimento da diversidade cultural para a crianças não negras.

O intelectual e escritor Cuti (2010) pontua que

A discriminação se faz parte presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária. Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. As rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente pelas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a refletir profundamente acerca das relações raciais no Brasil (Cuti, 2010, p. 25).

É nessa literatura produzida pela própria vítima e os que não se negam a refletir que o sujeito negro terá restituído a sua humanidade, com nome e sobrenome, com imagens positivas, contribuindo assim para uma formação de identidade empoderada dos leitores negros e a

desconstrução de preconceitos dos leitores não negros. Essa literatura atualmente recebe algumas nomeações, são elas: literatura negra, literatura afro-brasileira, literatura negro-brasileira.

Concordando com Cuti (2010, p.35) quando este pontua que “Denominar de afro a produção literária negro-brasileira é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira”, desta forma, tal movimento de “Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro (Cuti, 2010, p. 36)”. Sendo assim, Cuti (2010) nomeia de literatura negro-brasileira, a literatura que enfrenta o racismo produzido no Brasil.

A literatura negro-brasileira apresenta outra especificidade que é a autoria, esta é constituída exclusivamente por pessoas negras, tanto na sua cor de pele, quanto na sua consciência racial crítica apresentada na escrita literária. Ele faz essa demarcação, pois um escritor “afro-brasileiro ou afrodescendente não é necessariamente um negro-brasileiro (Cuti, 2010, p. 38)”, compreendendo que “A palavra “negro” lembra a existência daqueles que perderam a identidade original e construíram outra, na luta por suas conquistas” (Cuti, 2010, p. 39).

Desta forma, fica compreendido que a Literatura Negro-Brasileira (Cuti, 2010) não tem como ser construída por pessoas não negras, o que diferencia da produção literária que se denomina Afro-Brasileira, assim sendo, pode-se dizer que

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora de África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer (Cuti, 2010, p. 44).

Reconhecendo a importância e, ao concordar com a nomenclatura Literatura Negro-Brasileira (Cuti, 2010), será utilizada neste estudo a nomeação Literatura Infantil Negro-Brasileira. Tal nomeação já foi utilizada por duas pesquisadoras, Paloma Sabadini (2022) e Shirlene Santos (2016); destas somente Santos (2016) justificou o uso da nomenclatura com base no termo Literatura Negro-Brasileira conceituado por Cuti (2010); Sabadini (2022) utiliza a nomenclatura no seu estudo, mas não justifica ou conceitua.

Em ambos os trabalhos, as análises que foram feitas são de obras escritas por escritoras negras e que apresentam letramento racial, o qual reverbera nas histórias dos livros escolhidos. Na pesquisa de Santos (2016), foram analisadas dez (10) obras da editora Mazza escritas por mulheres negras, são elas: *Que Cor É a Minha Cor?* (2005) e *Gabriela, a Princesa do Daomé* (2013), de Martha Rodrigues, *Meninas Negras* (2010) e *Cadarços Desamarrados* (2009), de Madu Costa, *Betina* (2009), de Nilma Lino Gomes, *Mãe Dinha* (2005), de Maria do Carmo Galdino, *Cheirinho de Neném* (2011) e *Entremeio Sem Babado* (2007), de Patrícia Santana, *A Ginga da Rainha* (2005), de Iris Amâncio e *Omo-Oba- Histórias de Princesas*, de Kiusam de Oliveira. Já na pesquisa de Sabadini (2022) foi analisado a obra *O Black Power de Akin* de Kiusam de Oliveira, autora que também aparece na pesquisa de Santos (2016).

As duas pesquisas apresentaram como resultados que as obras analisadas se posicionam na luta de combate ao racismo e a estereotipia dos personagens negros historicamente perpetuado na literatura infantil escrita por autores brancos. Além da importância da autoria negra, Santos (2016) reconhece e valoriza o trabalho da editora Mazza, esta atua para impulsionar a literatura infantil negro-brasileira no meio literário contribuindo para a formação positiva da identidade negra

A editora Mazza busca dar às crianças negras o prazer de ser negra, de ser bem representada, de se inserir no contexto literário. Os livros da Mazza não almejam suprimir a leitura de outros textos e, sim, fazer com que outras representações circulem, pois o perigo reside na unicidade da história (Santos, 2016, p. 232).

A escrita, as ilustrações, a editora, são aspectos na composição do livro que precisam ser observados com atenção e verificado a qual discurso apoiam, se ao reforço dos preconceitos e estereótipos, ou a desconstrução do racismo e empoderamento dos leitores, leitores estes que ainda estão no processo de formação de identidade e conhecimento da sociedade. Desta forma, a literatura infantil negro-brasileira se coloca através da autoria negra no combate ao racismo, na formação insubmissa dos leitores negros e na formação cidadã dos leitores brancos.

4 METODOLOGIA

O estudo de Porto e Porto (2010) analisou as metodologias empregadas nos artigos da área de letras publicados nas revistas *Signos*, *Signo*, *Letras e Contexto* no ano de 2004. Um dos achados foi que muitos dos artigos apresentavam análise qualitativa, sendo o objeto analisado de característica artística como poemas, romance, contos, letras de canções. Não foram encontrados estudos com análise quantitativa, os quais pudessem ser observados “sobre como esses textos são lidos pelos leitores de uma dada esfera social” ou demonstrasse “acerca da recepção destes textos junto a um público leitor, bem como o impacto que tais produções literárias criam” (Porto; Porto, 2010, p. 6).

Porto e Porto (2010) apresentam que,

Dos 34 artigos investigados, a explicitação do tema de pesquisa aparece em 22; a apresentação do(s) objetivo(s) dos trabalhos é recorrente também em 14 resumos, não havendo em nenhum deles a divisão em objetivo geral e objetivo específico; quanto à referência à metodologia de pesquisa, do total da amostra, apenas dez resumos contemplam exposição de como as pesquisas foram realizadas; no que se refere à descrição de resultados, 11 resumos ocupam-se em apresentá-los. Quatro resumos fazem menção ao embasamento teórico da pesquisa (Porto; Porto, 2010, p. 7).

As pesquisadoras salientam que “É importante frisar que a análise apontada acima não visa a defender que esse distanciamento acarreta prejuízo na qualidade do texto, mas se destaca a tendência de opções singulares no universo estrutural e metodológico das Letras” (Porto; Porto, 2010, p. 8). Desta forma, observa-se que existe um campo de estudo que pode ser mais explorado na área de Letras, principalmente na linha literária, seja utilizando a abordagem qualitativa, quantitativa ou quali-quantitativa, o qual pode-se realizar análises além das produções artísticas ou de forma associada.

Em específico, na linha literária, é observada uma crescente produção de pesquisas de campo nas escolas, sendo a escola um dos lugares onde mais ocorrem estudos das áreas da Educação e Letras. Domingues e Debus (2018) realizaram um levantamento, no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para identificar trabalhos que apresentavam considerações sobre a literatura na escola para o período do ensino médio, do período de 2010 a 2015.

O objetivo do estudo de Domingues e Debus (2018) foi “saber se o texto literário é apreciado enquanto objeto estético ou se ele apenas se apresenta como referência aos conteúdos

estudados em aulas de literatura” (Domingues; Debus, 2018, p. 607). Ao utilizar os descritores “literatura no ensino médio”, obteve-se como resultado 234 registros, sendo 193 dissertações e 41 teses de mais de 70 áreas, incluindo Comunicação, Computação, Medicina, Arquitetura, Educação Agrícola entre outras. Quando selecionados somente os trabalhos das áreas da Educação e Letras, reduziu para 66 títulos na área da Educação e 37 da área de Letras, destes foram escolhidas 20 dissertações e 5 teses.

No resultado das análises, Domingues e Debus (2018) observaram que os estudos não apresentaram a literatura na escola como arte, mas como um complemento das aulas de português. Com esse estudo, pode-se identificar que a escola é um campo de pesquisa que vem sendo bastante explorado na área da literatura, visto a quantidade de trabalhos encontrados no banco de dados da CAPES, contudo as pesquisas ainda abordam a literatura como tendo uma função didática na escola.

Percebe-se nos estudos de Porto; Porto (2010) e Domingues; Debus (2018) que a área de Letras, especialmente a linha literária, realiza de forma predominante pesquisas qualitativas, analisando a literatura como estado da arte, e quando construída uma pesquisa de campo o local da investigação é a escola. Desta forma, vê-se como inovador realizar uma pesquisa partindo da área de Letras com local de estudo o *setting* terapêutico de linguagem da fonoaudiologia, ou seja, uma pesquisa literária que se debruça sobre a área da saúde, sendo também inovadora para a área da saúde, pois apresenta a literatura por uma perspectiva estética, artística.

Em específico para a área da Saúde, na Fonoaudiologia encontra-se estudos que ressaltam o livro como recurso terapêutico, contudo, em tais estudos não são utilizados e nem é discutido sobre a literatura infantil negro-brasileira, desta forma, o presente estudo apresenta mais essa inovação de dialogar sobre as obras literárias da literatura infantil negro-brasileira como recurso terapêutico no *setting* de linguagem.

O presente estudo pertencente à linha literária do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) *Campus X* – localizada em Teixeira de Freitas - BA, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob parecer de número CAEE: 75209323.6.0000.0057, se propõe a realizar uma pesquisa de campo utilizando a abordagem de caráter qualitativo, de natureza exploratório/descritivo, no qual serão identificados os usos da literatura infantil negro-brasileira pelos profissionais da área da Saúde, especificamente fonoaudiólogas. Tais achados serão analisados a partir da análise de conteúdo de Bardín (2011), permitindo assim novas descobertas tanto na área de Letras, quanto na área de Saúde.

Flick (2019) caracteriza que o objetivo traçado em uma pesquisa qualitativa se torna o fator determinante na escolha do método, pois o objetivo se coloca aberto às variáveis do tema

estudado, ao se propor a “descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente fundamentadas” (Flick, 2019, p. 24), principalmente nos estudos de campo por não serem “situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana” (Flick, 2019, p. 24). Na presente pesquisa, os objetivos serão identificar e descrever os usos da literatura infantil negro-brasileira no *setting* de linguagem por fonoaudiólogas, além de reconhecer a contação de história como uma tecnologia ancestral.

O método utilizado para identificar as participantes foi a amostragem por conveniência, não probabilística e não aleatória. Um primeiro contato foi realizado para saber da disposição e disponibilidade para a realização da pesquisa, após assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual se encontra no Apêndice A. Em data e horário viável e acordado pelo(a) entrevistado(a), aconteceu a entrevista semiestruturada, que se encontra no Apêndice B, através da chamada de vídeo pelo *Google Meet*, com duração de uma hora (01h), que foi gravada, transcrita e analisada.

Minayo (2012) pontua que na análise da pesquisa qualitativa o principal é a compreensão, pois os participantes da pesquisa apresentam a sua subjetividade e individualidade, da mesma forma que também está presente na relação a subjetividade e individualidade do pesquisador durante o processo da pesquisa, como também é observado por Flick (2019). Desta forma, entende-se que a “compreensão é parcial e inacabada, tanto a do nosso entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos” (Minayo, 2012, p. 623).

Com isso, vê-se a importância de reconhecer o contexto social, histórico e cultural que os participantes estão inseridos, pois é tal conjuntura que oportuniza as vivências que serão analisadas na pesquisa. Como ressalta Minayo (2012), “é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere” (Minayo, 2012, p. 623). Assim sendo, essas variáveis também precisam ser reconhecidas durante o processo de pesquisa.

A análise escolhida para ser aplicada no presente estudo é a análise de conteúdo de Bardin (2011), este apresenta algumas etapas; são elas, pré-análise, exploração do material, tratamento do resultado, inferência e interpretação. A pré-análise é o momento em que o pesquisador se dedica à organização, quando se prepara para iniciar a análise, verificando materiais e procedimentos que serão utilizados. Na fase de exploração de material, são formulados os direcionamentos de como os dados serão tratados. Na última fase, são realizados o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Associado a pesquisa de campo, tem-se a análise de três (3) obras da literatura infantil negro-brasileira abordando propostas e usos destes no *setting* terapêutico de linguagem. As obras foram escolhidas a partir da minha vivência como fonoaudióloga, as situações apresentadas de usos das obras são verídicas e demonstram como os livros da literatura infantil negro-brasileira podem ser utilizados por fonoaudiólogos. Os livros escolhidos são, *Makeba vai à escola/Makeba goes to school* (2019), *Brincando de antigamente* (2019), *Que saudade da minha vó!* (2020).

5 A FONOAUDIOLOGIA E A LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas possibilitaram o compartilhamento das concepções sobre a prática de contação de história e a literatura infantil negro-brasileira pelas fonoaudiólogas da área da linguagem. Foram realizadas cinco (5) entrevistas, que ocorreram de forma *on-line* por meio da plataforma *Google Meet* em dia e horário combinado com as entrevistadas, tendo duração média de uma hora (01h) cada entrevista. As entrevistadas foram nomeadas como Fonoaudióloga seguido por uma numeração que representa a ordem das entrevistas realizadas, ou seja, a Fonoaudióloga 1 foi a primeira ser entrevistada e a Fonoaudióloga 5 foi a última a ser entrevistada, para que seja respeitado a privacidade das mesmas.

A escolha das entrevistadas foi por amostragem por conveniência, estas aceitaram participar, pois tinham disponibilidade. Todas as fonoaudiólogas são do sexo feminino, quatro destas são negras e uma delas branca; duas moram na cidade Rio de Janeiro, e três moram na Bahia em cidades do interior: Lauro de Freitas, Conceição do Coité e Feira de Santana. A faixa etária foi de 23 anos a 51 anos, com o maior tempo de conclusão da graduação de 30 anos e o menor tempo de 3 anos.

De acordo com a cultura da sociedade patriarcal, a ação do cuidar é uma das funções das mulheres, pois para estas é imposto o estereótipo da feminilidade, por consequência os cursos das áreas de saúde e educação que carregam a preconceção de cuidar, educar e servir, apresentam a prevalência de pessoas do sexo feminino, o que é observado nos dados da pesquisa de Santos e Luccia (2015). Eles mostram que nos anos de 2004, 2007 e 2010, segundo o ENADE, as maiores porcentagens sendo do sexo feminino nos cursos de fonoaudiologia, justificando assim a presença de somente fonoaudiólogas mulheres como entrevistadas participantes na presente pesquisa.

Quatro (4) das fonoaudiólogas entrevistadas realizaram a graduação em universidades privadas e somente uma em universidade pública. Duas (2) das fonoaudiólogas possuem outra formação acadêmica na área da educação, tendo as duas atuações nessa área. Todas têm ou estão fazendo cursos de pós-graduação e somente uma delas possui a titulação de mestre, como pode-se observar nas seguintes falas:

Tem pós-graduação? Quais?	
Fonoaudióloga 1	Eu comecei fazendo uma especialização em psicomotricidade depois eu fiz uma especialização em fonoaudiologia hospitalar, depois eu fiz uma pós-graduação em psicopedagogia, depois eu fiz em TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) no modelo Denver, e eu fiz o mestrado em saúde da criança e da mulher pela FIOCRUZ.
Fonoaudióloga 2	Eu fiz audiologia clínica ocupacional, fiz QSMS ² porque na época eu atuava com PCA ³ em segurança do trabalho [...] eu trabalhava nessa área ocupacional, iniciei perícia audiológica, mas não concluí, não gostei, era um curso online e agora eu estou fazendo linguagem.
Fonoaudióloga 3	Pós-graduanda em linguagem infantil.
Fonoaudióloga 4	Em linguagem, psicopedagogia e neuropsicologia da aprendizagem.
Fonoaudióloga 5	Pós-graduada nos distúrbios de fala e de linguagem e em comunicação e oratória.

Quadro 1- Formação e atuação profissional

Fonte: Elaboração própria.

A pesquisa de Silva, Sampaio e Bianchini (2010) buscou investigar as percepções do fonoaudiólogo recém-formado referente a intenção profissional e busca por atualização de conhecimento, foi constatado que a maioria dos fonoaudiólogos pretendem atuar em clínicas (89%) e continuar se atualizando por meio de cursos de especialização (70%). Essa escolha pela especialização ocorre por atender de forma rápida a demanda da prática clínica, por isso, a preferência pelos cursos de pós-graduação lato sensu ao invés dos cursos de pós-graduação stricto sensu. Foram confirmados os achados de Silva, Sampaio e Bianchini (2010), na atual pesquisa, pois todas as cinco (5) entrevistadas possuem cursos de pós-graduação lato sensu e somente uma destas entrevistadas possui mestrado.

Referente à atuação profissional, somente uma delas trabalha no serviço público, Sistema Único de Saúde (SUS), as demais trabalham na rede privada. Duas das entrevistadas atuam em apenas um local de trabalho, o tempo de duração da sessão de atendimento nas clínicas onde essas fonoaudiólogas atendem é de 40 minutos, as demais profissionais fazem dupla jornada atuando em mais de um local, variando o tempo de sessão de acordo com o local de trabalho; e uma destas fonoaudiólogas, além de atuar como fonoaudióloga, também atua como professora da rede municipal de Salvador.

² QSMS - Qualidade, Segurança, Meio Ambiente e Saúde, é um conjunto de processos e normas que visam garantir a saúde e segurança dos colaboradores e a proteção do meio ambiente.

³ PCA - Programa de Conservação Auditiva, é um conjunto de ações que tem como objetivo a preservação da audição dos trabalhadores.

Quadro 2 - Formação e atuação profissional

Local de trabalho (público ou particular)? Quantos pacientes atende por dia? Duração do tempo da sessão de atendimento?	
Fonoaudióloga 1	Fonoaudióloga 2
Eu tenho duas matrículas públicas e eu tenho o meu consultório que é privado que é meu. [...] No meu consultório eu atendo em 50 minutos, porque eu gosto de conversar com a mãe, a gente sempre acaba usando um pouco do horário então eu sempre deixo o intervalo de uma hora, no serviço público é meia hora e eu tenho que me virar em meia hora para tudo, para atender a criança, para conversar com a mãe, enfim.	Eu trabalho em 2 clínicas diferentes, em uma delas eu atendo 9 pessoas por dia, em outra eu atendo cerca de 24 em um dia só [...] essa que atendo 9 pacientes por dia é 1 hora cada paciente, essa que atendo 24 em um dia é porque é em dupla, aí cada dupla fica ou 45 minutos ou fica duas de 45.

Fonte: Elaboração própria.

Na literatura encontra-se estudos que caracterizam as principais áreas de atuação profissional do fonoaudiólogo, observa-se que a maioria estão inseridos na rede privada, atendendo demandas de mais de uma área de especialização e em mais de um local de trabalho. A pesquisa de Silva, Sampaio e Bianchini (2010), realizada no Rio de Janeiro, demonstra que os fonoaudiólogos apresentam a maior propensão para a atuação em clínicas particulares. O estudo de Stefaneli, Monteiro e Spinelli (2004) analisou o perfil de fonoaudiólogos de São Paulo e verificou que 78% dos profissionais eram autônomos e trabalhavam em consultórios ou clínicas particulares. Tais estudos corroboram com a caracterização das fonoaudiólogas entrevistadas na presente pesquisa, pois a maioria está atuando na rede privada e em mais de um local de trabalho.

A análise do conteúdo temático das narrativas das cinco (5) fonoaudiólogas entrevistadas resultou no estabelecimento das seguintes categorias de análise:

Quadro 3 - Síntese das categorias analisadas

Categorias	Temas das narrativas
Contação de história	Concepções sobre contação de história
	Literatura utilizada
Literatura e raça	Representatividade
	Literatura infantil negro brasileira
	Repercussões na prática clínica

Fonte: Elaboração própria.

A categoria “Contação de história” abrange as formas como as fonoaudiólogas entendem por contação de história, como é realizada a sua prática, onde aprendeu e qual a literatura mais utilizada na prática clínica. A percepção sobre representatividade, a literatura produzida por escritores negros e os resultados do seu uso no *setting* de linguagem foram agrupadas na categoria “Literatura e raça”.

5.1 Contação de história: concepções e usos

A contação de história é uma prática comumente utilizada na área da Educação, no entanto, aos poucos, vem sendo utilizada na área da Saúde, principalmente por profissionais que atendem o público infantil, como os psicopedagogos, psicoterapeutas e fonoaudiólogos. A fonoaudiologia, por ter estruturalmente uma base na área da Educação realiza tal prática principalmente na especialidade de linguagem, mas também é possível encontrar na literatura o uso nas especialidades de Voz (Neto, Silva, Arruda; 2006; Bordin, Sheila; 2011) e na especialidade de Fluência (Oliveira, 2004).

Contudo, pode-se observar nas entrevistas que o modo de realizar a contação de história não foi aprendido na fonoaudiologia, na graduação ou em cursos de pós-graduação, tal aprendizado ocorreu na área da Educação para as fonoaudiólogas, que também têm formação acadêmica nesta área e para as demais entrevistadas ocorreram em casa com os familiares mais velhos, como resultado da maternidade ou no dia a dia da prática clínica em linguagem, como é relatado nas seguintes falas:

Quadro 4 - Conhecimentos sobre contação de história

Onde aprendeu sobre contação de história?	
Fonoaudióloga 1	Porque a minha formação anterior a fonoaudiologia foi formação de professora, então durante 8 anos eu trabalhei como professora, durante a minha faculdade e um pouco depois da minha faculdade eu continuei dando aula, então eu dava aula para a pré escola, depois eu passei a dar aula só para a alfabetização e a contação de história fazia parte do meu trabalho, sempre fez parte do meu trabalho, quando eu deixei de dar aula eu levei essa questão da contação de história para a clínica, para o meu consultório, porque eu acredito que a contação de história ela vai não só proporcionar um momento de prazer pra criança, mas ela vai inserir vocabulário, ela vai trabalhar com as narrativas, com as opiniões e as inferências que a gente faz com a contação de história, então eu nunca abandonei essa prática no meu dia a dia.
Fonoaudióloga 2	Eu não aprendi, na verdade eu sou mãe de um garoto de 10 anos e algumas coisas a gente aprende na maternidade, as minhas interpretações, eu já era fono quando eu virei mãe, mas algumas coisas eu percebi que elas mudaram depois da maternidade, assim o barulhinho do sapo, antes era técnico era a fono e o sapo fez “aunaun”, quando eu virei mãe o saaapooo ficou mais assim entendeu, mas foi mais a maternidade mesmo.
Fonoaudióloga 3	Em casa, minhas tias, minha mãe, minha tia principalmente quando eu era pequena.
Fonoaudióloga 4	Rapaz não foi nem na fono, foi na pedagogia porque assim apesar de eu trabalhar desde que eu saí da faculdade com linguagem eu não tive nem muitos pacientes que tinham dificuldade na linguagem propriamente dita, mas eu trabalhei muito questão de fala então eu aprendi mais na pedagogia porque na pedagogia na hora da rodinha né que a gente estimula muito a linguagem oral a compreensão, eu aprendi na realidade com a pedagogia no dia a dia pedagógico desde 2006 quando eu comecei.
Fonoaudióloga 5	Na prática clínica.

Fonte: Elaboração própria.

Poucos são os estudos que abordam a prática da contação de história presente na fonoaudiologia, é observado em tais estudos de forma unânime que colocam a contação de história pertencente a área da educação e que aos poucos a fonoaudiologia tem inserido essa

prática em suas atuações, desta forma, o referencial teórico abordado por tais estudos não partem da fonoaudiologia, mas sim da educação (Bento e Befi-Lopes, 2010; Marra, 2006; Neto, Silva e Arruda, 2006; Cordeiro, Tozzo e Ferreira, 2021).

Tal achado na literatura corrobora com a maioria das falas das entrevistadas ao contar que não aprenderam a prática de contação de história na fonoaudiologia, mas sim em outras áreas como a educação e o ambiente familiar. Não é ensinado no período da graduação em fonoaudiologia sobre a contação de história, desta forma, o que se tem de práticas e conhecimentos na fonoaudiologia sobre a contação de história parte da ação individual de profissionais que tiveram experiências diversas com a contação e acham interessante trazer essa tecnologia para ser utilizada na fonoaudiologia.

Dentre tais estudos relacionados a contação de história e fonoaudiologia, dois (2) estudos (Neto, Silva e Arruda, 2006; Cordeiro, Tozzo e Ferreira, 2021) abordam a atuação do fonoaudiólogo na capacitação de docentes para a prática de contação de história, é possível identificar que esses trabalhos apresentam orientações de como deve ser realizada a contação de história, sendo todas as instruções voltadas para o ato mecânico da fala, como observado no seguinte trecho:

Dois enfoques podem ser propostos pelo fonoaudiólogo à formação do contador de histórias: o aprimoramento da expressividade da voz e fala e das estratégias para narração oral. Cinco aspectos básicos compõem o aperfeiçoamento da expressividade da voz e fala: 1. corpo e importância do olhar; 2. Articulação; 3. coordenação respiração-fala; 4. projeção da voz no ambiente; 5. Modulação (Neto, Silva e Arruda, 2006, p.215).

As instruções de como usar a voz, respiração e corpo, são importantes, contudo, observa-se que na atuação fonoaudiológica a atenção é voltada exclusivamente a técnica da prática da contação, o que reflete uma formação acadêmica altamente tecnicista que molda o olhar e a atuação profissional somente para o aspecto técnico, excluindo demais aspectos como o social, o histórico, o holístico. Ao dar ênfase ao aspecto técnico é desconsiderado os demais aspectos potentes da contação de história, como o legado ancestral que a contação de história carrega, o livro a ser utilizado, as reverberações sociais que tal prática produz. Quando o fonoaudiólogo negligencia tais aspectos, ele reforça o apagamento cultural dos saberes ancestrais.

Os profissionais que utilizam a contação de história na prática clínica fonoaudiológica demonstram dar destaque aos estímulos em linguagem, voz e fluência que a contação proporciona, desta forma, percebe-se o uso da contação de história com o propósito de estimulação, principalmente de forma didática, pois objetiva ensinar algo para o paciente, a

exemplo os trabalhos *Elaboração e validação de histórias infantis como estratégia de educação em saúde*, de Costa e Jorge (2022) e *O livro infantil como instrumento terapêutico na clínica fonoaudiológica da gagueira*, de Oliveira (2004), assim a contação de história passa a ser considerada para o funcional, como observado nas falas das fonoaudiólogas:

Quadro 5 - Conhecimentos sobre contação de história

Para que é utilizado a contação de história na clínica?	
Fonoaudióloga 2	Então eu classifico assim de duas formas, a parte lúdica da contação de história mesmo, de contar a história e interpretar para a criança e no meu caso hoje na linguagem muitas crianças chegam com hiperfoco de livro ou em alguma história, então ela é primordial no atendimento por conta disso, eu tenho duas crianças que tem hiperfoco em livro, eu tenho que ter uma quantidade, um repertório de livro para eu poder auxiliar nesse repertório na linguagem dessa criança, então eu vejo na forma lúdica e vejo também nessa forma mesmo de uma habilidade comunicativa.
Fonoaudióloga 4	Eu entendo que é um momento em que a gente tem muita interação, é o momento de interação, onde a gente contando algum evento seja ele um fato real ou inventado a gente estimula a imaginação, a gente estimula a linguagem, a gente estimula o pensamento, a compreensão.
Fonoaudióloga 5	A contação de história no meu ver no meu trabalho é contar uma história por meio de uma brincadeira com o livro, com fantoches para a criança trabalhar a criatividade, a narração, trabalhar nomeação, uma história que tenha um início meio e fim, mesmo que seja algo mais curto e reduzido não precisa ser uma história longa pra ser uma contação de história e tem que ser animada, algo teatral algo que pode até tocar na criança fazer cócegas e sorrisos que gere sorrisos da criança.

Fonte: Elaboração própria.

Nas falas das entrevistadas é observado que existe a intenção lúdica na prática da contação de história, ou seja, a contação de história é tida de forma didática, sendo utilizada para ensinar algo a crianças, contudo, esse ensinamento precisa ser divertido, por isso a contação de história é considerada como estratégia clínica para alcançar os objetivos terapêuticos proposto para a criança. Esse pensamento se assemelha a função da literatura utilizada nas escolas, ensinar algo para os alunos de forma recreativa. Essa postura reflete a falta de letramento literário por parte das fonoaudiólogas entrevistadas.

Para Cosson (2022),

[...] no ato da leitura está envolvido bem mais do que o movimento individual dos olhos. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (Cosson, 2022, p. 27).

Desta forma, compreende-se que a literatura está para além da função utilitária, ela consegue ensinar para os leitores, mas não é somente essa a sua função. A literatura se coloca como um importante instrumento para a humanização, pois como pontua Cosson (2022), na leitura existe a inserção do leitor nas diversas visões de mundo através dos sentidos. A partir desta concepção, entende-se que a contação de história, uma tecnologia ancestral, não desempenha apenas a função lúdica de ensinar algo a criança, mas ela consegue localizar o sujeito socialmente, permitindo conhecer as experiências do outro e assim influenciar as próprias experiências, tendo como mediador o contador de histórias, neste caso o fonoaudiólogo.

O letramento literário que é uma prática social, se constitui como um processo que está em constante desenvolvimento, engloba a ideia da literatura como um agente humanizador (Cosson, 2022). Com isso, o fonoaudiólogo precisa estar inserido nesse processo de letramento literário, o qual inclui a criança no mesmo processo ao realizar a contação de história. Contudo, por falta de conhecimento na formação acadêmica, e da busca individual de conhecimento sobre tal prática, o profissional da fonoaudiologia ignora o processo de letramento literário e assim reproduz práticas semelhantes a que ocorrem nas escolas.

Quando questionadas sobre quais livros são utilizados para a contação de história, a maioria das entrevistadas respondeu que usa livros popularmente conhecidos, os quais são de autoria de escritores brancos. Somente uma das entrevistadas respondeu que usa livros de autores negros para essa pergunta. Para a maioria das fonoaudiólogas, os livros utilizados nos atendimentos são recursos próprios, ou seja, são aquisições particulares, apenas para duas que o local de trabalho oferece o livro como recurso terapêutico.

Quadro 6 - Conhecimentos sobre contação de história

Quais obras você utiliza para realizar a contação de história?	
Fonoaudióloga 1	Eu tenho uma biblioteca muito vasta, eu não tenho preferência por autor, eu não tenho preferência por estilo de texto, eu não saberia te dizer assim qual é minha preferência porque eu uso de tudo, então assim se eu pudesse, você quisesse uma autora eu acho que a Eva Furnari é uma autora que eu gosto porque ela brinca muito com as palavras, então é uma autora que eu gosto, mas eu não sigo um estilo, eu conto de tudo, se eu achar que aquela história cabe naquela sessão ou cabe pro que eu quero que aquela criança aprenda, pro que eu quero ensinando, eu vou contar, então é vasto, é muito variável, eu tenho um acervo grande no meu consultório.
Fonoaudióloga 2	Eu uso A parte que falta é um livro que eu gosto muito da Jojo, ela tem dois livros dessa coleção, eu uso os livros do Emicida - Amora e tem o outro também, mas é uma preferência pessoal, e mais uma vez envolvendo a maternidade, eu ensino para o meu filho literatura negra então eu pego os livro que eu conto para o meu filho e levo pro consultório, então essa semana que eu comprei pinóquio, chapeuzinho os tradicionais, mas eu não tinha não, eu só tinha mesmo os meus livros e nunca foi um problema, nenhuma mãe nunca veio reclamar, assim o livro da Lelê do cabelo eu conto para as crianças e eles pedem muito inclusive para repetir.
Fonoaudióloga 3	Então hoje são mais os livrinhos que a gente tem e que aí eu acabo adaptando pra fazer a narrativa sem precisar estar com o livro ali porque limita a gente não dá pra usar bonecos e fantoches aí eu tenho utilizado alguns livros regionais, aqui temos uns livros que Raiane produziu sobre comunidades quilombolas da localidade, tem os sons do quilombo, tem a história do quilombo maracujá, aí eu faço a contação a partir disso, tem também alguns do reino de além-véu aí faço a contação dos Joca feliz do tio busca leva e traz e também algumas da infância mesmo, do folclore e dos contos de Grimm, branca de neve, chapeuzinho, lembrando que a contação raramente eu estou utilizando o livro só quando a criança precisa para suporte de leitura pra incentivar algo na questão de leitura mesmo.
	Olha atualmente é uma diversidade, uma diversidade, porque assim, atualmente os livros são lá da escola (risos) vou ter que misturar não tem jeito (risos) porque assim na clínica de fono eu usava literaturas só que eu tinha poucas porque eu utilizava as minhas então eu levava lá para a

Fonoaudióloga 4	<p>clínica algumas histórias que eram de Maria, então eu não tinha um acervo muito grande</p> <p>[Maria⁴ é sua filha, né?]</p> <p>Isso, isso, Maria é minha filha que agora está com 13 anos, então aí eu tinha muita literatura bíblica, ela ganhava muita coisa assim de historinhas, os três porquinhos, as fábulas e na escola atualmente a gente tem uma diversidade muito grande inclusive a gente é estimulado a ter muitos autores por exemplo, indígenas, autores afrodescendentes, então assim tem uma diversidade muito grande, tem tanto fábulas, quanto história de vida, então não tem uma literatura específica entendeu, é bem diversificado.</p>
Fonoaudióloga 5	<p>Eu não tenho assim obras favoritas, mas eu uso muito os contos mais conhecidos, eu uso os três porquinhos, eu uso deixa eu ver a branca de neve eu não gosto muito de usar, mas assim principalmente os três porquinhos, mas as vezes eu uso por exemplo o que a criança gosta, se a criança gosta muito de animal eu sempre vou fazer um conto de fazendas, vou fazer uma contação de histórias aí às vezes quando a criança é um pouco maior eu peço pra ela desenhar uma história envolvendo animais ou não necessariamente é um livro de uma história que já existe.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Os livros que as fonoaudiólogas utilizam na prática clínica refletem suas escolhas pessoais, como o exemplo da profissional que é evangélica e dessa forma usa livros bíblicos, o que se difere da prática enquanto pedagoga, pois precisa cumprir com o programa estipulado pela escola, o que também observamos nas escolhas da profissional que leva livros de escritores negros, pois são os que ela oferece ao seu filho. Fica entendido que na fonoaudiologia não existe pré-determinado quais livros devem ser utilizados, a escolha parte de uma ação pessoal demarcada por aspectos sociais.

O fonoaudiólogo que realiza a contação de história precisa estar inserido no processo de letramento literário, assim estará em contínuo desenvolvimento a sua função de leitor, não somente leitor de livros, mas leitor de mundos, leitor do outro, leitor das vivências e da sociedade. Dessa forma, ao ter contato com a criança poderá escolher no seu repertório literário o livro para aquela criança que vai apresentar no *setting* terapêutico a sua linguagem específica e esta não vai estar dissociada dos marcadores sociais, raciais e de gênero. É nesse encontro que

⁴ Nome fictício para preservar a identidade da filha da entrevistada.

ocorre no *setting* que o terapeuta ao ler a criança e sua linguagem, poderá tornar-se um contador de história para ela.

5.2 Literatura e raça

Quando questionadas sobre representatividade, as entrevistadas discorreram respostas variadas entre uma representatividade para a pessoa com deficiência e uma representatividade racial:

Quadro 7 - Noções sobre representatividade

O que você entende por representatividade?	
Fonoaudióloga 1	É porque assim, por exemplo, se você fala assim representatividade da população autista, eu tenho alguns livros que falam de crianças que são TEA, que estão dentro deste transtorno, eu tenho, então acho interessante como eu tenho livro que fala sobre TDAH, uma criança que tem TDAH, eu tenho livro que fala sobre criança ou família que perdeu alguém, sobre luto, sobre enfim bullying, sobre gagueira, eu tenho acho que uns três livros sobre que o personagem é gago assim se for a representatividade nesse sentido eu tenho, acho legal ter, ler para as crianças sobre outras crianças, sobre outras formas de viver, outras formas de ser no mundo isso eu gosto.
Fonoaudióloga 3	É a criança se enxergar na história, se for falar na história você se enxergar dentro do universo que é apresentado, é você se sentir representado de alguma maneira, é você ter sua identidade valorizada dentro do que está sendo apresentado.
Fonoaudióloga 5	Representatividade é você ter pessoas imagens diferentes onde todo mundo possa se sentir representado então eu sou uma pessoa de uma forma que eu tenho o cabelo de uma forma tenho uma pele de uma cor eu ando de determinada forma eu consiga ler uma história e me sentir representada nossa essa personagem parece comigo eu também faço isso aqui é igual ao que eu vejo ao que eu vivencio.

Fonte: Elaboração própria.

A representatividade é um assunto que ficou em evidência devido a influência do movimento negro, pois este tem atuado para desconstruir os estereótipos racistas na sociedade. O movimento de pessoas com deficiência também tem trabalhado para ampliar ainda mais essa representatividade para que possam incluir as pessoas com deficiência. Os resultados de ambos os movimentos chegaram no meio literário, atualmente é possível encontrar livros com protagonistas com deficiência e protagonistas negros, porém ainda é difícil encontrar obras que apresentem protagonistas negros com deficiência, abordando a intersecção desses dois temas.

Existe um grande repertório de livros infantis que abordam a temática da deficiência, livros que têm personagens com autismo, síndrome de down, e outros, contudo, na maioria dessas obras, os personagens são brancos e escritos por escritores brancos, apesar disto, tais livros não deixam de apresentar uma representatividade no que se refere a pessoa com deficiência, sem pautar o quesito racial. Alguns exemplos da pluralidade das deficiências abordadas são: *Daniel no mundo do silêncio*, de Walcyr Carrasco e Cris Eich, se refere à deficiência auditiva, *O fone que não toca música*, de Thaís Cardoso, sobre autismo, *A menina que não falava: uma história de superação do mutismo seletivo*, de Francilene Torraca e Natasha Ganem, sobre mutismo seletivo, *Alguém muito especial*, de Miriam Portella, sobre síndrome de down.

São poucas as obras que apresentam protagonismo de pessoas com deficiência negras, estas são escritas por pessoas negras que apresentam alguma ligação a essa temática, também é observado que todas essas obras são publicações recentes, o que demonstra que ainda é preciso muito enfrentamento para ampliar as discussões sobre as intersecções deficiência e raça, e o espaço no meio literário para a edição e publicação de obras de autores negros que abordam tal assunto.

As obras são: *Com Afeto, Kayin - Uma Fábula Além do Espectro*, publicado em 2024 de Diogo Almeida que é psicólogo; *Ted e Tuly, A Rotina de Dois Irmãos Autistas*, publicado em 2022, de Jaqueline Estácio que é mãe dos gêmeos autistas; *Ayná e o D'Ori, a árvore do desesquecimento*, publicado em 2022, de Elisabete Nascimento, aborda sobre a síndrome de down, e o meu livro *Nosso filho Bomani*, publicado em 2024, que também aborda sobre a síndrome de down. Destas obras, somente *Nosso filho Bomani* teve como ilustradora uma pessoa negra, o livro foi ilustrado por Quezia Silveira, uma mulher negra, nas demais obras as ilustrações são de autoria de homens brancos.

Todas as falas das entrevistadas refletem que o tema representatividade é algo comum para elas, na fala da fonoaudióloga 1 é fortemente marcado a representatividade das pessoas com deficiência, esta apresenta uma variedade de exemplos literários. As demais falas não

pontuam de forma direta sobre raça ou deficiência, mas deixam a entender que acreditam em uma representatividade plural que engloba aspectos sociais, raciais, de gênero e a deficiência.

A representação positiva dos personagens negros na literatura infantil ocorreu de forma gradual e, como resultado do investimento dos escritores e pesquisadores negros, os quais denunciaram o racismo e a falta de representatividade positiva nas obras infantis e ao mesmo tempo produziram histórias que contribuíam para a construção da identidade étnico-racial (Rosenberg, 1981; Gouvêa, 2005; Oliveira, 2018; Campos, 2016).

O livro funciona como um reflexo social, ao apresentar uma representatividade positiva sobre as temáticas raciais, de gênero, deficiência e inclusão, estando em histórias separadas ou sendo abordadas de forma conjunta, contribuirá para a formação cidadã, tanto da criança negra, quanto da não negra, assim como para a criança com deficiência, como as sem deficiência. Desta forma, a representatividade na literatura infantil favorece uma formação individual e coletiva ao possibilitar, através da imaginação, o reconhecimento de si e do outro.

Ao questionar as entrevistadas sobre quais livros de autores negros eram utilizados na prática de contação de história, pode-se observar que a maioria são de escritores popularmente conhecidos, ou seja, pessoas negras famosas, a exemplo de Emicida que é cantor, reconhecido nacionalmente e internacionalmente por seus trabalhos na música. As obras literárias desse autor são fáceis de serem encontradas, pois são possíveis ser adquiridos nas livrarias físicas ou online. De volta às entrevistas dessa pesquisa, dentre as profissionais entrevistadas, duas delas nunca utilizaram livros de escritores negros no *setting* de linguagem; no momento da entrevista, ambas demonstraram interesse em tais questões.

Quadro 8 - Representatividade étnico-racial na literatura infantil

Quais obras utilizadas são de escritores negros?	
Fonoaudióloga 1	De Emicida eu tenho os dois, o Amora e o outro, esses estão até aqui na minha casa, porque a minha filha também tem uma biblioteca aqui, então assim alguns eu levo para o consultório, alguns eu deixo aqui e quando preciso eu levo daqui para lá, as vezes eu trago de lá para cá, e assim eu vou fazendo, o nome do livro é A vida não me assusta e é da Maya Angelou, eu vou te falar que eu gosto muito dela e esse livro em especial passa uma mensagem muito bacana, então eu gosto muito dela, eu gosto do Emicida, eu tenho um livro que eu comprei a pouco tempo, deixa ver se é de um autor negro porque o livro é africano, que é esse aqui ó, esse livro comprei a pouquíssimo tempo por isso ele ainda está aqui na minha casa, Não derrame o leite (fala me mostrando a

	<p>capa do livro), o autor é Stephen Davies, ele é africano com certeza só não sei de onde, durante boa parte do ano sua casa é a África em Burkina Faso junto ao povo Fulani, ele também escreve para o Guardian Willians e o Sunday Times, é com certeza ele é um autor, eu não li sobre ele, mas esse livro é lindo, muito lindo, Não derrame o leite!</p> <p>[...]</p> <p>Deixa eu te falar de um outro livro que também postei a um tempo atras que eu também achei muito bacana, deixa ver que eu postei ele, se chama Afra e os três lobos-guarás é uma adaptação da história das Cachinhos Dourados, mas é com uma família negra, a história é muito bacana, ele é da Cristina Agostinho e do Ronaldo Simões Coelho, também é um livro que eu gosto muito que eu leio para as crianças porque quando eu quero trabalhar alguns conceitos que tem na cachinhos dourados, naquela história um pouco mais um pouco menos mediano eu gosto de usar essa versão que é uma versão diferente porque a história se passa numa família de negros, enfim eu acho interessante trabalhar com esse livro.</p>
Fonoaudióloga 2	<p>Então como eu disse algumas crianças tem hiperfoco, eu acho importante elas saberem que não tem um tipo de história só e uma forma só dela ser contada então quando eu trago a história do Obama, do Barack Obama, é uma forma dela conhecer uma outra que nunca ninguém vai dar esse acesso a ela, que a escola poderia dar, mas não dá então é a minha oportunidade de trabalhando uma habilidade comunicativa de dar esse acesso a ela, quando eu conto a história do Cabelo de Lelê eu consigo trabalhar habilidade comunicativa, eu consigo trabalhar linguagem, eu consigo trabalhar pontuação, consigo trabalhar ilustração ou a percepção visual, várias outras coisas e ainda trabalhar essa redução dessa discriminação do preconceito e ela enxergar com admiração, então o meu objetivo em colocar só histórias negras e eu faço isso mesmo e eu assumo que faço como disse só essa semana que eu botei uns lá, mas botei se alguém quiser pegar, mas eu acho que a escola já mostra, todo mundo já mostra, meu papel não é esse, eu botei uns lá, eu acho que é para eu tentar também de alguma forma fazer minha parte como cidadã não só como profissional eu posso fazer, como profissional trabalhando todas as habilidade de linguagem usando aquele texto e conseguindo desenvolver aquele texto dentro das habilidades, mas como cidadã eu posso aproveitar o embalo e olha tá vendo como o cabelo é bonito, eu adoro contar a história da Amora para as crianças, eu falo essa pretinha também é bonita e eles “é essa pretinha também</p>

	é bonita”, olha essa pretinha você já viu, aí eu fico insistindo e é bom, então eu acho que quando eu conto a história não é só o meu papel de fonoaudióloga, também inclui o meu papel de cidadã e sempre dá certo e eu acabo indicando os livros pros pais também.
Fonoaudióloga 3	É Emicida eu uso Amoras principalmente, tem algumas adaptações de contos africanos que eu estou usando também e eu já usei alguns livros de Chimamanda que é para crianças, alguns livros adaptados para criança, mas esses para crianças maiores mesmo pra parte de leitura e escrita.
Fonoaudióloga 5	Eu acho que é importante, na verdade eu nunca parei pra pensar sinceramente nisso, na verdade já parei pra pensar algumas vezes quando vou contar história para criança e ela é mais escura por exemplo, ela é negra e o desenho é branco, é uma criança branca aí fala o papai só que aí eu penso talvez ali a criança não consiga entender que ali é uma representação do pai dela porque ali tá um homem branco e o pai dela é negro, então já pensei nessa formas, mas nunca fui muito adiante pensar mais sobre, mas realmente é importante para a criança conseguir ter uma visualização melhor da história na vida dela.

Fonte: Elaboração própria.

Nas falas das entrevistadas é possível observar a limitação do repertório literário voltado para a autoria negra, os autores citados são os que conseguiram alcançar um patamar que não é comum para os escritores negros, Maya Angelou, estadunidense, Chimamanda, nigeriana, e Emicida, brasileiro. Isso ocorre pela falta da inserção no processo de letramento literário, desta forma, as fonoaudiólogas limitam-se somente aos seus gostos pessoais, compreendendo a literatura como algo individual e o livro como algo que precisa refletir os seus próprios interesses.

Além disso, também se constata a falta de letramento racial por parte das fonoaudiólogas. As fonoaudiólogas 4 e 5 não utilizam livros de escritores negros na prática de contação de histórias, o que demonstra o desinteresse de conhecer sobre a temática racial e as suas repercussões no meio literário, mesmo com a crescente produção e publicação de livros com protagonismo negro e autoria negra. As fonoaudiólogas que utilizam livros com protagonismo negro permanecem em um lugar superficial de conhecimento literário e de letramento racial. A fonoaudióloga 1 apresenta um livro que é uma versão adaptada de uma obra de autoria branca “Afra e os três lobos-guarás é uma adaptação da história das Cachinhos Dourados”, e um livro de autoria branca com a temática racial, a obra *Não derrame o leite*.

A fonoaudióloga 2, assim como a fonoaudióloga 1, apresenta livros com protagonismo negro, mas sem a autoria negra. O livro sobre o Barack Obama é de autoria branca e faz parte de uma coleção de publicações voltado ao público infantil com personalidades negras, o livro *O cabelo de Lelê* é de autoria de uma mulher branca. As escolhas das obras refletem a carência de conhecimento referente ao letramento racial e literário. É importante dispor de obras com protagonismo negro, contudo é preciso identificar os autores, pois mesmo tendo protagonismo negro é possível reforçar estereótipos racistas como pontuado por Pestana (2021),

Muitos livros abordam as temáticas negras de forma rasa e sem embasamento teórico-crítico, muitos apresentam problemas graves relacionados às ilustrações, sendo estas muitas vezes caricatas, estereotipadas e até desumanizadas. Além destes pontos apresentados, podemos notar uma “morenização” dos personagens negros (Pestana, 2021, p.2).

As pesquisas de Jovino (2006); Rosenberg (1981); Gouvêa (2005) e Oliveira (2018) discorrem nas análises das obras literárias infantis que tem personagens negros, e até mesmo protagonistas, o quanto na narrativa escrita e ilustrações é marcante a presença do racismo, sendo a autoria dessas obras uma autoria branca, incluindo nomes de grande prestígio no meio literário, como Monteiro Lobato e Olavo Bilac. Tais estudos corroboram com a pontuação de Pestana (2021), ao abordar que é observado uma representação rasa da cultura negra nas obras infantis, obras estas que em sua grande maioria estão sendo constantemente utilizadas nas escolas e até mesmo na clínica de linguagem.

Pestana (2021) realiza a análise de algumas obras, dentre elas a obra *O cabelo de Lelê*. Esta sinaliza como problemática as ilustrações do cabelo de Lelê, ao mostrar ele despenteado, alvoraçado, e fora de proporção relacionado ao seu corpo, acaba por transmitir a sensação de que é difícil de pentear e manusear, assim a ilustração reforça o estereótipo do cabelo crespo ser um cabelo difícil, duro e ruim, estereótipo esse que foi mantido pela indústria da beleza capilar para lucrar com os alisamentos contribuindo assim para o embranquecimento da população. No caso desta obra, tanto a autoria, quanto a ilustração são de mulheres brancas, o que evidencia a importância de ao ter contato com uma obra identificar a autoria da narrativa, das ilustrações e a editora.

Fica perceptível a necessidade de se fazer presente nos processos de letramento literário e letramento racial para, ao fazer a escolha do livro, não compactuar com a perpetuação do racismo. Cosson (2022) relata que “[...] o bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e

nunca um monólogo” (Cosson, 2022, p. 27). É possível compreender que nessas vozes estão os escritores, ilustradores, editoras, livrarias, estes podem atuar para a reprodução ou para a desconstrução do racismo.

A editora Mazza, fundada por uma mulher negra, Maria Mazarello Rodrigues, foi a editora escolhida como base para a pesquisa de Santos (2016), outras editoras brasileiras também trabalham para proporcionar a inserção dos escritores negros no meio literário, como a editora Malê fundada por Vagner Amaro e Francisco Jorge dos Santos, a editora Ogum’s Toques Negros fundada por Mel Adún e Marcos Guellwaar Adún, a editora Organismo fundada por Jorge Augusto, a editora Ereginga Educação fundada por Ana Fátima, todos os fundadores citados são homens e mulheres negras. Dentre as livrarias que investem de forma exclusiva no repertório literário negro, na divulgação e venda de suas obras tem-se a livraria Katuka africanidades em Salvador, Livraria Nombeko no Rio de Janeiro e livraria Africanidades em São Paulo.

Ao escolher o livro para a realização da contação de história está levando junto todas essas vozes presentes no livro, as vozes do escritor, ilustrador, editora, livraria, por isso deve-se ter cuidado nas escolhas literárias, pois é de responsabilidade do leitor agenciar com o texto os sentidos do mundo (Cosson, 2022), estando entre esses sentidos os aspectos sociais, raciais e de gênero. Desta forma, cabe ao fonoaudiólogo assumir a postura de um leitor agenciador inserido nos processos de letramentos e assim propor livros para a contação de histórias que sejam emancipadores para as crianças.

Durante a entrevista, a fonoaudióloga 1 comentou sobre um livro que apresenta uma personagem que tem o cabelo crespo, contudo o livro foi censurado por apresentar estereótipos racistas. O cabelo crespo da personagem é retratado de forma pejorativa, devido a essa questão da censura e também pela influência de sua familiar, que recomenda a exclusão de tal obra de seu acervo; a profissional não utiliza mais esse livro na prática clínica, pois prefere evitar situações desconfortáveis, mas ainda mantém o livro guardado consigo.

Quadro 9 - Fonoaudióloga 1 explana sobre a obra Peppa de Silvana Rando

Fonoaudióloga 1
Acho até que a gente tem que cada vez mais levar livros que tenham personagens negros e que falem sobre né, olha eu tenho um livro aqui que a minha cunhada que trabalha, ela dá aula de literatura, ela fica pê da vida com o livro, o livro foi cancelado, tem um livro que eu comprei e esse livro foi cancelado se chama, mas eu acabei guardando ele porque cada um entende de uma forma, mas eu por exemplo esse eu tenho ele, mas eu já não leio ele que é o da Clara é de uma personagem que tem o

cabelo, ela tem o cabelo crespo, é um livro antigo, não é um livro muito novo, ela tem o cabelo crespo e aí lá pelas tantas lá no livro a questão dela era o cabelo e aí lá pela tantas no livro a autora fala assim Ah porque o cabelo dela era duro igual uma mola de ferro e que para pentear precisava de um pente com sei lá dente de leão, mas na verdade o livro assim, ele é um livro antigo, ele é um livro enfim, que eu acho que estava situado lá em outro contexto, enfim e esse livro foi cancelado recentemente, não já tem uns anos, ele sofreu muitas críticas, e aí resolveram cancelar o livro, pararam de editar esse livro, quando eu achar o nome dele aqui eu te passo, cancelaram ele e enfim e aí eu sempre fico na dúvida né se a gente usa o livro pra falar de que assim cada um tem o seu corpo, tem o seu cabelo, tem o seu modo de se vestir, enfim até para se conversar sobre isso ou não, ou não falar mais sobre isso porque isso pode ser ofensivo para quem tem o cabelo entendeu, então por exemplo alguns livros mais antigos que tratam a população negra de uma maneira mais preconceituosa vamos dizer assim eu evito eu não leio mais entendeu eu tiro, eu tenho esse livro aqui, mas eu não leio ele, então eu trago livros que tenham uma mensagem que são pessoa fazendo coisas que todo mundo faz que não passa nenhuma mensagem depreciativa vamos dizer assim, esse cuidado eu tenho entendeu.

[...]

ele tá aqui na minha casa, daqui a pouco eu procuro ele aqui, eu não me desfiz dele, ele tá aqui apesar de a minha cunhada por exemplo que é professora de literatura infantil, ela mandou rasgar esse livro, “Rasga esse livro, não, não” eu falei assim Oh Gabriela pera aê eu não vou rasgar deixa ele aqui porque assim eu preciso, na época que eu comprei o livro a minha filha era pequena e eu dei pra ela ler, ela era pequena tinha uns 6 anos e eu dei pra ela ler, eu queria que ela me desse a opinião dela sobre o livro, eu queria ver se ela era capaz de perceber alguma discriminação no texto entendeu, e ela não percebeu nada, ela tratou o texto como um texto somente tá é não sei se ela tinha idade suficiente pra entender, mas acho que isso serve também como discussão assim quem que ensina pra criança o que que é, quem ensina pra criança o preconceito entendeu, quem ensina a criança a fazer a discriminação, são elas mesma não, elas não, elas não são capazes de perceber isso né eu acho que são os adultos, então é a forma como você media a leitura também entendeu, mas eu vou te passar é o cabelo

[...]

Eu vou procurar agora o livro o cabelo e eu te mando, pra você saber, ele foi cancelado, ele não é mais vendido assim como algumas histórias do Monteiro Lobato tá que também assim, é claro que ele viveu numa outra fase né, num outro momento do Brasil, enfim o texto dele ele é muito preconceituoso então existe aí uma discussão do que fazer com esses textos então assim por vias da dúvidas eu não uso né porque eu não sei direito o que que vale a pena a gente contextualizar como história pra que a gente não fique repetindo aí a história e o que que a gente deve realmente deixar esquecido entendeu deixa pra lá então como eu não me aprofundo, não tenho condição de me aprofundar aí na questão da literatura eu não uso.

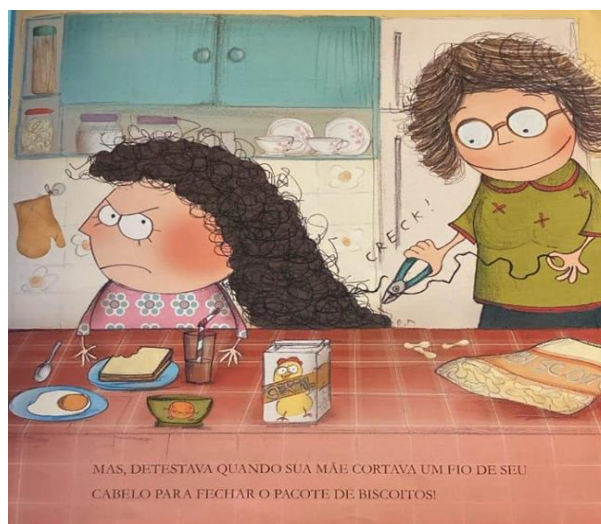
Após a entrevista, a profissional encaminhou fotos de algumas páginas do livro, as mesmas se encontram a seguir nas Figuras 1, 2 e 3.

Figura 1 - Capa do fundo do livro Peppa de Silvana Rando



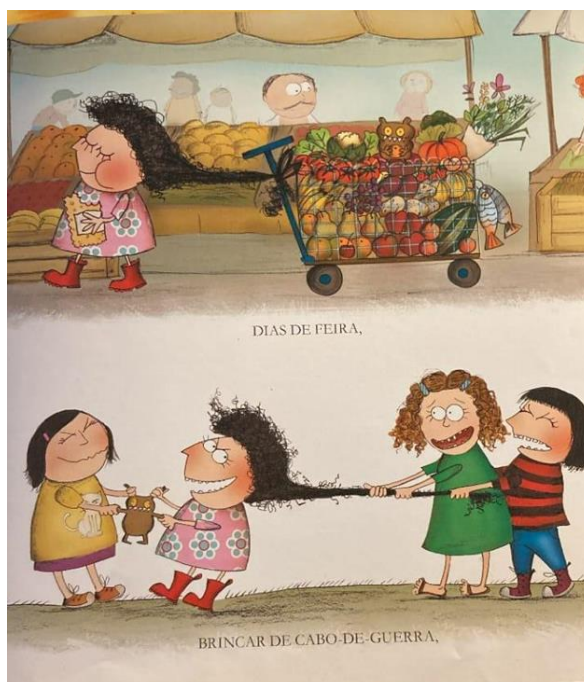
Fonte: Rando, 2017.

Figura 2 - Mãe cortando com alicate o cabelo da filha



Fonte: Rando, 2017.

Figura 3 - O cabelo da personagem puxa um carrinho de compras, a personagem participa do cabo de guerra e seu cabelo é puxado



Fonte: Rando, 2017.

No estudo de Sabino, Lourenço e Silva (2019), é pontuado que “A falta de representação positiva de um povo, desencadeia um sentimento de inferiorização e auto rejeição de seus valores estéticos e culturais, prevalecendo os valores dominantes” (Sabino; Lourenço; Silva, 2019, p. 177). A obra *Peppa* de autoria de uma mulher branca, contribui para a manutenção do racismo, assim como a obra *O cabelo de lelê* também de autoria branca, apresentam de forma pejorativa o cabelo crespo reforçando a ideia de ser ruim, desta forma as crianças com cabelo crespo crescem se sentindo inferiorizadas e acabam sendo assimiladas pelo processo de embranquecimento cultural (Nascimento, 2011).

A pesquisadora Pestana (2021) pontua que “O impacto das ilustrações pode auxiliar na construção de uma identidade negra positiva ou reforçar atitudes e imaginários preconceituosos” (Pestana, 2021, p.9). Observa-se que na obra *Peppa*, a ilustração reforça o racismo, assim a retirada dessa obra de circulação foi uma ação acertada para tentar minimizar os impactos negativos que teria se fosse mantida no meio social. Contudo as pessoas que ainda têm a obra podem utilizá-la e assim contribuir para a perpetuação do racismo.

As pessoas que não estão inseridas no processo de letramento racial, como a fonoaudióloga 1, não identificam a problemática exposta na obra *Peppa*, porém mesmo sem

compreender preferiu não utilizar a obra nas práticas de contação de história com as crianças, mantendo somente em sua casa.

Para as fonoaudiólogas que utilizam livros de escritores negros e até mesmo livros que tenham personagens negros, mas a autoria é de escritores brancos, sendo que tais personagens não apresentam estereótipos racistas, observa-se resultados positivos tanto para com as crianças negras, quanto as crianças não negras e também para a sua rede de cuidado.

Quadro 10 - Repercussão da literatura com protagonismo negro

Quais resultados são observados durante e após a contação de história utilizando livros de escritores negros?	
Fonoaudióloga 3	<p>As crianças, principalmente as que você mostra o livro, ficam encantadas, felizes da vida quando se veem no personagem, vê pessoas que parecem do cotidiano, essa escritora de Coité ela não é negra, mas ela fez um trabalho de mestrado nesse quilombo aí tem histórias muito representativas que a gente conhecia de infância e os meninos quando veem que são contos que a vó falava que veem imagens ficam maravilhados e quando vê que é alguém de Coité, quando a gente fala que ah a escritora é de Coité e tal aí ficam mais felizes ainda, tem escritora em Coité? (risos)</p> <p>[...]</p> <p>É bem positiva porque assim começa a se enxergar dentro da história começa a ver que tem sim princesa negra, tem sim protagonista negro, então é bem positivo mesmo porque os livros Branca de neve é sempre aquela coisa, cinderela loirinha e tal fica parecendo que não tem personagem negro nas histórias que enfim não vai ter representação, aí quando veem eles ficam a princípio maravilhados e muitos felizes ao mesmo tempo.</p>
Fonoaudióloga 2	Indico, eu falo a gente trabalhou com esse livro e esse livro, mas eu explico dentro da habilidade

	comunicativa como que eu trabalhei, ah porque esse eu consegui muito pontuação, porque esse aqui eu consegui mais linguagem, porque esse aqui tem mais prosódia eu falo assim, eu não falo porque é preto, esse aqui eu consegui identificar isso, esse aqui isso, e esse aqui isso, aí elas anotam o nome e eu fico feliz à beça.
--	--

Fonte: Elaboração própria.

O pesquisador Campos (2016) elucida sobre a importância de as crianças não negras terem acesso a obras com personagens negros retratados de forma positiva, pois isso contribui para uma formação antirracista, para as crianças negras se faz necessário essa representação para uma construção de identidade empoderada. É possível observar nas falas das entrevistadas que as obras que têm protagonismo negro são apresentadas para todas as crianças e as crianças demonstram uma boa recepção a essas obras, assim como seus familiares. As obras que têm os contos do quilombo são de autoria de uma mulher branca de Conceição do Coité fruto de sua pesquisa de mestrado, segundo os relatos da entrevistada este aparenta ser um trabalho respeitoso e que não favorece o apagamento cultural.

Quando questionado se tem alguma dificuldade em utilizar livros de escritores negros na contação de história, algumas pontuaram a falta de acesso às obras, a estruturação do livro, e que não tinha qualquer dificuldade em utilizar os livros de escritores negros.

Quadro 11 - Desafios relacionados a literatura com protagonismo negro

Quais as dificuldades têm de se trabalhar com livros da literatura infantil negra na clínica de linguem?	
Fonoaudióloga 1	Eu não tenho dificuldade, eu não tenho dificuldade nenhuma.
Fonoaudióloga 2	Eu sinto dificuldade porque eu sinto que não tem a mesma como é que eu vou dizer, vou falar em uma linguagem até bem peculiar, assim por exemplo, os livros de história infantis, os normais que a gente vê os comerciais eles as vezes tem duas frases, três frases e só em uma página, as vezes eu acho que os nossos tem muito entendeu, tem muita informação de uma vez eu queria que

	<p>ele fosse mais lúdico nesse sentido, isso eu sinto, mas eu entendo também os autores sobre essa necessidade de contar a história toda porque nem sabe se as pessoas vão ler o próximo então eu acho que por isso que eu gosto dos livros do Emicida são assim (mostrando as mãos uma em cima da outra de forma horizontal) fragmentados assim em pedacinhos e pedacinhos, a minha maior dificuldade é essa são histórias muito longas, pelo menos dos autores que eu escolhi, em poucas páginas, eu que queria que eles fossem mais fragmentados assim histórias reduzidinhas principalmente histórias de AVD, por exemplo, histórias né das atividades de vida diária da criança que foi escovar o dente, da criança que foi escovar o cabelo, eu acho que a gente precisa de mais história assim.</p>
<p>Fonoaudióloga 3</p>	<p>A dificuldade maior às vezes é para comprar que eu consigo só mais na internet, aqui a gente não consegue tanto, mas aqui a clínica que eu atendo a dona se preocupa em ter muita coisa representativa, ela tem uma sensibilidade para essas questões de representatividade e de identificação muito grande aí acaba sendo fácil.</p>

Fonte: Elaboração própria.

As três (3) entrevistadas da Bahia são de cidades do interior do Estado, nessas cidades têm poucas livrarias, essa dificuldade de circulação da literatura nas cidades do interior acaba por ser mais um empecilho para o conhecimento e venda de obras de autoria negra. A alternativa para quem mora no interior são as compras online das obras, mas a procura e compra de obras de escritores negros de forma online só ocorrem pela pessoa que está inserido no processo de letramento racial, pois já estão envolvidos no debate da temática étnico-racial.

É pontuado pela fonoaudióloga 2 sobre a escassez de livros de autores negros que exerçam a função utilitária e didática de ensinar algo para os leitores, esse comentário desmonta novamente a falta de letramento literário, pois acredita-se que a literatura tem por obrigação ensinar algo, sem ser considerada como uma forma de arte.

Essas falas também refletem a falta de letramento racial, pois muitas delas utilizam livros de escritores brancos que têm na história personagens negros, e em algumas destas obras é percebido a reprodução do racismo como *O cabelo de Lelê*. Ao serem questionadas sobre a dificuldade de utilizar obras de autoria negra estas dizerem que não há, demonstra que não existe o olhar atencioso para a autoria da obra, basta ter um personagem negro para acreditar que existe representatividade, sem analisar como esse personagem negro está inserido na história escrita e nas ilustrações. Esse dado expõe a escassez de discussões sobre raça na fonoaudiologia, e a importância de se discutir a saúde da população negra na formação para tentar impedir que ocorra a reprodução do racismo nas práticas de contação de histórias por parte das fonoaudiólogas.

A pesquisadora Rollemberg (2013) pontua que a entrevista é construída em conjunto, o entrevistado e o entrevistador, assim nessa relação é possível compartilhar os relatos de experiência que foram vivenciados e voltam à tona no momento do discurso, oportunizando vivenciar novamente as experiências no campo da memória e do diálogo. Em todas as entrevistas, foi possível transcender ao questionário semiestruturado e me conectar com as mais diversas práticas profissionais no *setting* terapêutico de linguagem.

Durante as entrevistas, existiu o retorno de forma espontânea por parte das entrevistadas sobre o que achavam sobre a pesquisa com a temática de contação de história utilizando a literatura infantil negro brasileira no *setting* de linguagem.

Quadro 12 - Devolutiva das entrevistadas

Fonoaudióloga 1	Fonoaudióloga 2	Fonoaudióloga 4
Muito obrigada, boa sorte aí para você, sucesso e tomara que disponibilize aí para a gente assistir, é importante para a gente se, pra nós fonoaudiólogas assim ó acordar pra essas questões também.	Parabéns pela iniciativa, muito bom.	Obrigada você por estar levantando essa pauta.

Fonte: Elaboração própria.

Durante a graduação em fonoaudiologia, não é apresentada a relação da prática clínica com a temática racial. O estudo de Livia Reis (2019) pontua a necessidade de uma formação acadêmica que dialogue sobre essa demanda de forma consciente, pois desta forma irá

contribuir para a formação cidadã e humanizada do profissional em fonoaudiologia. Quando este profissional não tem acesso às discussões raciais acaba por reproduzir na prática clínica uma postura padronizada nas estruturas sociais que excluem o reconhecimento dos fatores sociais como raça, classe e gênero, o que é observado nos relatos das entrevistadas sobre as práticas de contação de história e também sobre o conhecimento destas sobre a temática racial.

6 PROPOSTAS DE USOS DE OBRAS DA LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA

Nesta sessão serão analisadas três (3) obras da literatura infantil negro-brasileira que podem ser utilizadas no *setting* de linguagem. Os livros abordados já foram utilizados na minha prática de contação de história com crianças e adolescentes com deficiência intelectual (DI), síndrome de down, paralisia cerebral (PC), transtorno do espectro autista (TEA), microcefalia, atraso de linguagem e transtorno fonológico, do sexo feminino e masculino, sendo eles negros e não negros, atendidos na rede pública ou privada.

As obras foram selecionadas por mim para a realização da prática de contação de história em momentos específicos durante o processo terapêutico em determinados casos clínicos tanto na rede pública, quanto privada. Também foram utilizados durante o mês de novembro ao comemorar o novembro negro; tal comemoração só foi realizada no atendimento aos usuários do SUS, não foi realizada nos atendimentos da rede privada. Essas obras foram escolhidas para a análise na presente pesquisa por terem apresentado resultados positivos no seu uso no *setting* de linguagem.

Os livros são: *Makeba vai à escola (Makeba goes to school)*, *Brincando de Antigamente* e *Que saudade da minha vó!*. Todos os livros foram recebidos, pois tenho um projeto literário digital, há seis (6) anos, intitulado “Uma Leitora Negra”, no qual trabalho na amplificação das vozes da literatura negra; assim recebo livros de escritores negros e editoras como parceria para divulgação. Os livros *Makeba vai à escola* e *Brincando de antigamente* foram recebidos das mãos das próprias escritoras, que são de Salvador, como observado nas Figuras 4 e 5; o livro *Que saudade da minha vó!* recebi da editora enviado pelos Correios, por serem do Rio de Janeiro.

A obra *Makeba vai à escola (Makeba goes to school)*, de Ana Fátima, uma mulher negra, foi publicado em 2019; tem a proposta de ser um livro bilíngue, a tradução para a língua inglesa foi realizada por Marieli de Jesus Pereira, uma mulher negra, e a ilustração é de autoria de Quezia Silveira, também uma mulher negra. Foi publicada pela editora Cogito, uma editora de Salvador, fundada por Ivan de Almeida, um homem negro.

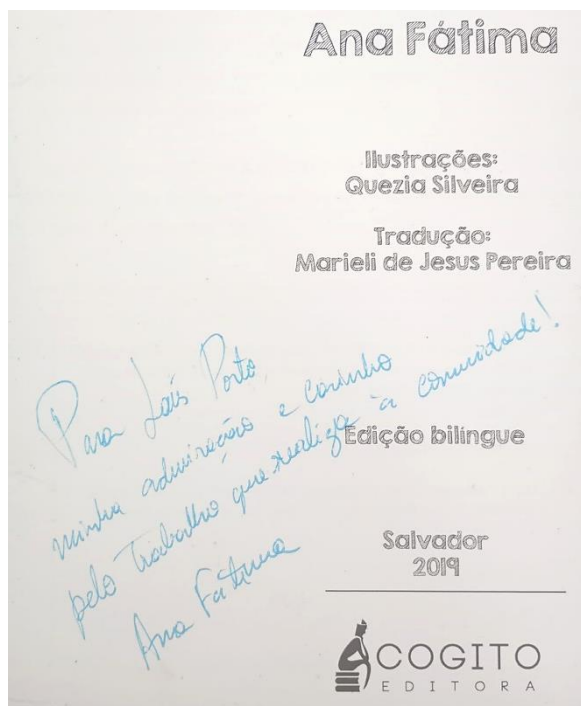
A obra *Brincando de antigamente*, de Fabíola Cunha, uma mulher negra, foi publicada em 2019, pela editora Prazer de Ler, localizada em Recife; as ilustrações são de autoria de Mary Mos, uma mulher branca. Ao entregar o livro, tivemos uma breve conversa, a autora comentou

que a escolha da ilustradora não foi sua, mas da editora, ela não concordou em ser uma pessoa branca para ilustrar a obra, porém precisou aceitar a escolha da editora.

A obra *Que saudade da minha vó!*, de Maíra Oliveira, uma mulher negra, foi publicada em 2020, pela editora Oríki, uma editora do Rio de Janeiro, fundada por três pessoas negras, Daniel Brazil, Cau Luis e Débora Nascimento; as ilustrações são de autoria de Renato Cafuzo, um homem negro.

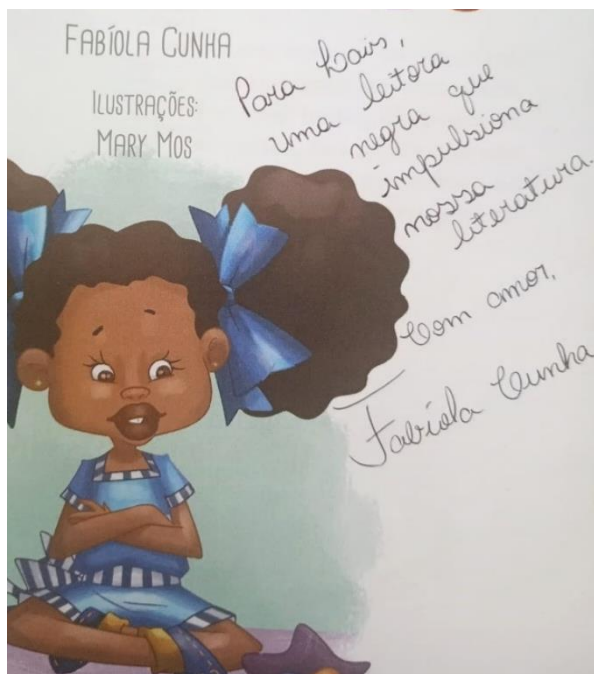
A situação vivida pela escritora Fabíola Cunha, assim como a estruturação das demais obras, refletem o quão importante são os elementos que compõem o “concerto de muitas vozes” (Cosson, 2022, p. 27) presentes no livro que irá reverberar no momento de leitura pelo leitor. Desta forma, a seguir será realizada a análise das obras selecionadas.

Figura 4 - Dedicatória da escritora Ana Fátima



Fonte: Santos, 2019.

Figura 5 - Dedicatória da escritora Fabíola Cunha



Fonte: Cunha, 2019.

6.1 Makeba vai à escola (Makeba goes to school)

A obra apresenta como protagonista uma criança negra de três anos, as suas características fenotípicas são apresentadas e exaltadas como belas e partes essenciais da sua identidade, tanto que fica evidente no texto que Makeba mantém uma boa relação de aceitação com seu cabelo, sua cor retinta e suas roupas de chita, como pode-se observar no trecho a seguir: “Makeba é uma linda menina de três anos de idade que mora com seu pai Jamal e gosta quando ele penteia seus cabelos moldando lindas tranças toda manhã” (Santos, 2019, p. 6).

Makeba iria para a escola pela primeira vez, contudo ficou com medo de ir, pois tinha receio por não conhecer ninguém, de não ser bem aceita nessa instituição por causa da sua roupa e seu cabelo, além do mais ficou preocupada se na escola teria livros divertidos, contação de histórias e cirandas igual a vovó Cici fazia.

Ela tinha medo de como seria e se perguntava: — Será que os colegas também tinham tranças lindas como as dela? — E se na escola não existissem os livros divertidos que havia em sua casa? Lá não ia ter a vovó Cici para contar suas encantadoras histórias! — E se os colegas não gostassem de seus perfumados

vestidos de chita tão rodados quanto a lua cheia em noite estreladas? (Santos, 2019, p. 9).

Makeba compartilhou os seus receios com seu pai e foi acalentada por ele, essa situação demonstra que existia uma relação de confiança entre pai e filha, como é observado na Figura 6. Jamal, pai de Makeba, a abraçou e conseguiu acalmar a filha dando conselhos e conforto, assim Makeba se sentiu segura e confiante, disposta a estar aberta à experiência do novo e foi para a escola pela primeira vez, conforme observa-se a seguir: “- Filha, não se pode dizer que não gostamos daquilo que desconhecemos. Primeiro, experimente. Depois, experimente mais, e experimente de novo até ter certeza de que não lhe agrada” (Santos, 2019, p. 11).

Pautar uma relação harmoniosa dentro de uma família de pessoas negras é promover uma narrativa diferente da que é apresentada no repertório racista comum das mídias e na literatura de que a família composta por pessoas negras são desestruturadas, disfuncionais, sem a presença de afeto e cuidado.

Figura 6 - Jamal e Makeba se abraçam



Fonte: Santos, 2019.

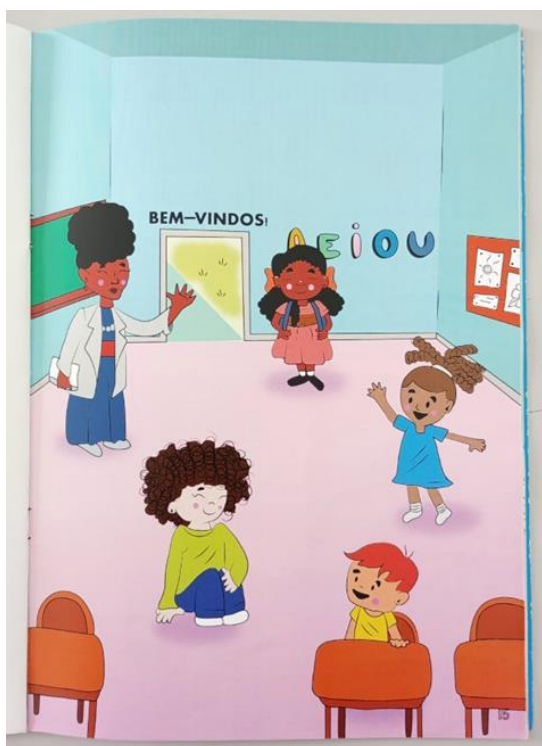
A história apresenta uma família composta por três pessoas, pai, filha e avó, sendo o pai Jamal o elo principal de afeto, acolhimento e segurança para Makeba, o que é observado como inovador, pois estas características normalmente são atribuídas à mulher e ao papel social da

mãe. Pautar tais atribuições ao papel do pai é importante, pois, através da literatura, é possível reverberar na sociedade essa desconstrução de estigmas e construções de laços familiares afetivos independentemente do papel social desempenhado, seja de mãe ou de pai, além de favorecer a desconstrução da ideia machista de que homens não podem demonstrar afeto, e amor, mas que precisam ser durões e não demonstrar sentimentos.

Ao chegar na sala de aula, ilustrado na Figura 7, Makeba se depara com a professora, esta é uma mulher negra com cabelo cacheado. Isso faz a personagem se sentir acolhida na escola, além de perceber que seus colegas de turma são legais, como é pontuado pelo narrador observador da história:

Mais animada com as palavras do pai, Makeba colocou seu vestido de fitas Douradas combinando com os laços que enfeitavam suas tranças cor de azeviche e foi à escola na emoção do novo encontro. Chegando na sala de aula, conheceu seus colegas e percebeu que são tão legais e sabidos quanto ela (Santos, 2019, p. 14).

Figura 7 - Sala de aula com os colegas, a professora e Makeba



Fonte: Santos, 2019.

A experiência de Makeba retratada na obra reflete o quanto é importante para as crianças serem aceitas e acolhidas na instituição escolar, esta precisa estar preparada para lidar com a diversidade que cada aluno carrega. Ao ver pela primeira vez a professora, ficou feliz chegando

a associá-la a uma memória familiar: “Também conheceu a professora Lara, carinhosa e tão encantadora com sua coroa de cachos que, ao balançá-los, preenchia a sala com um cheiro doce de alfazema como as flores que existiam no jardim da vovó” (Santos, 2019, p. 16).

Figura 8 - Makeba e a professora Lara



Fonte: Silva, 2019.

Makeba viu na professora características físicas semelhantes a suas características, como o cabelo e a cor da pele, características essas que eram apresentadas como negativas nos personagens negros em obras de autorias brancas, segundo as análises nas pesquisas de Jovino (2006); Rosenberg (1981); Gouvêa (2005) e Oliveira (2018). A ilustração retratada na Figura 8 reforça essa ideia da representatividade que ocorre no encontro entre Makeba e a professora Lara, pois as duas são colocadas lado a lado em uma página, o que facilita para o leitor fazer as comparações das semelhanças das duas personagens. Assim, tanto a linguagem escrita, quanto imagética contribuem para sinalizar a representatividade e sua importância no ambiente escolar.

O pesquisador Samuel Rocha (2021) realizou um estudo que acompanhou estudantes da Rede Pública de Ensino Fundamental do Recife. Na pesquisa eles utilizaram o método de diferenças em diferenças para verificar as possíveis melhorias decorrentes da correspondência (*matching*) racial professor-aluno na mudança no *status* de igualdade étnico-racial entre o aluno

e seu professor, entre os anos de 2017 (quando o aluno está no 6º ano do ensino fundamental) e 2018 (quando esse mesmo aluno progride para 7º ano). O resultado obtido foi:

Ao analisar a mudança de professor do grupo de alunos entre 2017 e 2018, as estimações mostram um impacto positivo e estatisticamente significativo sobre o desempenho escolar para alunos negros que tiveram um *matching* étnico com seus professores negros ou pardos no ano de 2018, em ambas as disciplinas analisadas (português e matemática). Mostram também que no caso de alunos brancos, independente do gênero ou da disciplina, eles não usufruem do impacto do efeito de role model⁵, possivelmente por não haver um estigma social atrelado à raça/cor branca, para que as crianças requeiram modelos a serem seguidos em sala de aula (Rocha, 2021, p. 27).

O estudo de Rocha (2021) reflete como a semelhança étnico-racial com os professores proporciona uma identificação representativa positiva no alunado influenciando no desempenho escolar. Tanto a obra *Makeba vai à escola* (2019) quanto a pesquisa de Rocha (2021) demonstram a importância de modelos positivos na área da docência para os alunos negros. Ao se sentir acolhida e segura na escola, Makeba deixou de sentir medo e passou a frequentar a escola com interesse.

Todos os dias, ela contava ao seu pai Jamal a alegria que era ir para a escola e encontrar tanto seus amigos que a ajudavam a pintar, a desenhar e até a brincar no pátio sem cair. A menina de olhos brilhantes e tranças cor da noite se sentia tão feliz que perguntava a si mesma, toda noite, na hora de dormir: por que eu não conheci a escola antes? (Santos, 2019, p. 2).

O pai Jamal, que também influenciou para que a filha gostasse da escola, pode ser considerado um personagem redondo, ele apresenta características importantes na composição da história, características físicas, ideológicas, psicológicas e sociais. A composição deste personagem demonstra como a escritora Ana Fátima (2019) utiliza e se compromete com a literatura como transformação social, pois um personagem masculino negro construído de forma positiva possibilita a ressignificação da ideia social e imagética do homem e pai negro.

O trabalho intitulado *Por onde anda meu pai? Uma abordagem sobre masculinidades e paternidades negras na literatura infantil*, do estudioso Yago Nascimento (2021), apresenta um mapeamento que identificou a paternidade negra em obras infantis publicadas entre 2000 e 2021 por editoras negras e afro-brasileiras, ou seja, que são fundadas por pessoas negras ou que investem na publicação de autores negros, são elas: Ciclo Contínuo, Kitembo, Quilombhoje, Nandyala, Malê, Mazza, Ogum's Toques Negros, Oriki e Pallas Editora.

⁵ Traduzido do inglês – modelo. É uma pessoa que serve como modelo positivo a ser seguido por outros.

Os resultados da pesquisa de Nascimento (2021) encontrados foram sete obras em que a paternidade de homens negros é colocada como central, destes, seis são de autoria de brasileiros e uma é estrangeira, sendo cinco mulheres e dois homens. Das cinco mulheres, três são negras e duas são brancas; e os dois homens são negros. Sobre os ilustradores, tem-se sete, sendo cinco homens e duas mulheres; dos homens, quatro são negros, um é branco e as duas mulheres são brancas.

Os títulos das obras são *Histórias de Tio Alípio e Kauê - O beabá do berimbau* (2018); *Ashanti - nossa pretinha* (2021); *Histórias do Tio Jimbo* (2007); *Pedras, pedrinhas e pedregulhos* (2017); *O menino Nito* (2022); *Lulu adora histórias* (2006); *Meu avô é um Tata* (2018). Nascimento (2021) relata que as obras apresentam a paternidade negra de forma positiva, sendo que tais obras partem em sua maioria de autores negros e de pessoas não negras com letramento racial. Assim ele conclui que

[...] ainda é muito difícil saber por onde andam os homens negros como pais nas literaturas para crianças. Por mais que nas obras analisadas eles apareçam cheios de presença, ternura e afeto com os seus, são raros os livros que abordam tal temática. Essa quantidade ínfima de produção de narrativas sobre paternidade, e em específico, sobre paternidade negra, me faz perceber que há uma lacuna no campo e ao mesmo tempo há um desafio na discussão do papel dos homens negros no cuidado com seus filhos (Nascimento, 2021, p. 135).

A obra *Makeba vai à escola*, publicada em 2019, ano anterior ao estipulado por Nascimento (2021), retrata a masculinidade e paternidade negra de forma positiva. Observa-se, na pesquisa de Nascimento (2021), que somente uma das editoras está localizada na região Nordeste, a editora Ogum's Toques Negros, as demais fazem parte do eixo Rio-São Paulo. A não inserção de mais editoras negras e afro-brasileiras de outras regiões impossibilitou de conhecer um maior repertório de obras que apresentam a paternidade negra de forma positiva.

Na obra *Makeba vai à escola* (2019), a história não começa com um texto narrativo, mas com uma ilustração, conforme a Figura 9, a folha inteira está completa pela imagem de Jamal penteando o cabelo cacheado de sua filha. Jamal é um homem negro retinto e tem cabelo crespo que poderia estar classificado como 4B na escala de tipagem de cabelo proposta por Andre Walker em 1976. Tal escala foi construída por Andre Walker em conjunto com o *site* Naturally Curly e separa o cabelo em quatro categorias, Lisos, Ondulados, Cacheados e Crespos (Sousa, 2019).

Os tipos de cabelo divididos nas quatro categorias são subdivididas em subcategorias, levando em consideração a textura dos fios, densidade e espessura. Os tipos são: 1 são os

considerados cabelo lisos e retos sem curvaturas (1A, 1B e 1C); 2 são os cabelos ondulados (2A a 2C) esses apresentam leves ondas "S" perto das pontas; 3 são os cabelos cacheados (3A a 3C), nesses o cabelo têm o movimento espiralar; 4 são os cabelos crespos (4A a 4B), esses têm a espirais estreitas e nem sempre formam cachos definidos, principalmente o 4B (Sousa, 2019).

O cabelo se constitui um atributo estético de muita importância, especialmente para as mulheres. Muito foi construído pela indústria da beleza para proporcionar o alisamento dos cabelos deixando similares aos cabelos lisos, associados especialmente a etnias europeias/caucasianos, fortalecendo assim o processo de embranquecimento da população negra. Com movimentos como o *Black Power* na década de 60, o movimento negro reivindicando representatividade e marchas pelo Brasil denominadas “Marcha do empoderamento crespo”, a situação foi modificando e as pessoas negras foram realizando a transição capilar, assumindo assim os seus cabelos com as variadas tipagens (Santos, 2019).

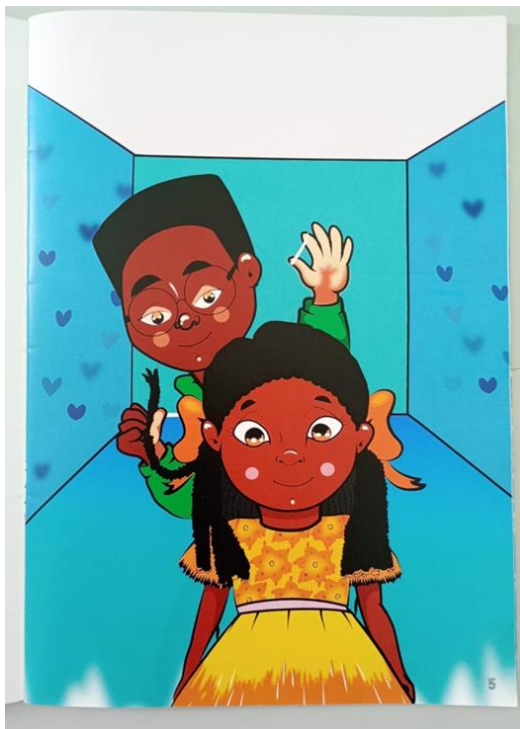
As ilustrações, como explanado por Campos (2016) e Silva (2015), são essenciais para a construção da história, pois estas aliam-se ao texto narrativo, sendo que as ilustrações cativam o público infantil com uma maior facilidade, principalmente as crianças que ainda não são alfabetizadas. Campos (2016) e Pestana (2021) pontuam a importância de as ilustrações das pessoas negras serem retratadas de forma positiva, pois impactam na formação de identidade tanto das crianças negras, quanto as não negras. Pestana (2021) analisa alguns aspectos presente nas ilustrações dos personagens negros, como a tonalidade da cor da pele e o cabelo, ambas características que influenciam de forma direta nas crianças negras para estas se aceitarem ou se rejeitarem.

Pestana (2021) aborda em sua pesquisa como os personagens negros aparecem sofrendo uma “morenização”; eles estão sempre com a cor da pele marrom e cabelos cacheados. Esse processo de padronização da pessoa negra contribui para o embranquecimento ao clarear as características negroides, pois o moreno de cabelo cacheado é mais aceitável socialmente do que a pessoa retinta com cabelo crespo. Em poucas obras são observados personagens negros com a coloração escura fazendo alusão ao tom retinto e com cabelos crespos do tipo 4A, 4B, com *dreads* ou tranças.

Desta forma, a obra *Makeba vai à escola* (2019) mais uma vez se coloca num movimento de contranarrativa ao apresentar personagens retintos, com cabelos tipo 4A e 4B, em especial o pai Jamal, que tem o cabelo tipo 4B em formato de *black power*. Em outra obra da mesma autora, intitulada *As tranças de minha mãe* (2018), também é possível observar personagens negros retintos com cabelos com *dreads*. Percebe-se o quão importante é construir narrativas textuais e imagéticas que reflitam as pessoas negras em suas diversas características

fenotípicas de forma positiva, assim como são apresentadas nas obras da escritora Ana Fátima, em especial a *Makeba vai à escola* (2019).

Figura 9 - Jamal penteando o cabelo de Makeba



Fonte: Santos, 2019.

6.2 Brincando de antigamente

Na obra *Brincando de Antigamente* (2019), Mariana, a personagem principal, que tem 7 anos, acredita que só consegue se divertir se estiver usando o *tablet* ou o celular. Ela foi passar o final de semana na casa da avó Joana e levou o seu *tablet* para brincar com ele durante o período em que iria permanecer lá, no entanto o seu *tablet* parou de funcionar, o que causou um enorme desagrado, deixando Mariana muito chateada, como é possível observar na Figura 10 e no trecho a seguir:

- Pronto, acabou-se meu fim de semana! Gritou Mariana, em tom dramático, colocando, em cada sílaba, toda sua frustração. [...] - Mas não é que pensei que hoje ainda era sexta-feira? O que aconteceu com o sábado e o domingo? Não me diga que sua escola funcionará nesses dois dias! - Não, vó, o que não funciona é meu tablet com toodos os meus jogos. Como vou me divertir? A

senhora me empresta seu celular? Posso instalar uns joguinhos nele e... (Cunha, 2019, p. 4).

Figura 10 - Mariana chateada e o gato correndo



Fonte: Cunha, 2019.

Nesse momento, a avó Joana estava sozinha preparando um bolo na cozinha. Ao perceber tal situação, utilizou sua sabedoria e seu conhecimento para amenizar o sofrimento da neta. Ao colocar o bolo no forno, foi mostrar para Mariana alguns brinquedos que usava antigamente para brincar. Todos os brinquedos foram novidades e cada ensinamento de como brincar também. Com essa conversa, a própria Mariana sentiu vontade de brincar na rua com os brinquedos da avó. Incentivada por Joana, ela chamou outras coleguinhas e todos brincaram na rua sem sequer lembrar dos dispositivos eletrônicos e ainda ganharam um delicioso lanche da avó Joana, como observado na Figura 11.

Figura 11 - Mariana brincando na rua com os colegas e a avó Joana segurando um bolo



Fonte: Cunha, 2019.

A presença da avó na história tem um importante significado, a avó agiu com sabedoria e cautela, não menosprezou o sofrimento de sua neta por não ter mais acesso ao *tablet*, não impôs que ela brincasse com outros brinquedos, pelo contrário, ao perceber a situação, acolheu Mariana acalmando-a, conversando e oferecendo uma alternativa com novas brincadeiras que eram desconhecidas para a neta. Santos (2023) pontua dois elementos que são essenciais na figura da avó nas narrativas negras: a conexão com o passado e a possibilidade de compartilhar sabedoria, o que se observa na obra analisada:

Enquanto o forno assava o bolo, Vó Joana continuava sua aula de brincar: - Antigamente, nós não tínhamos nada desses aparelhos modernos. Quando precisávamos chamar um amigo ou dar um recado, a gente ia diretamente à casa da pessoa e, pelo caminho, já ia brincando. À tarde, depois de fazer as tarefas da escola, todo mundo ia para a rua brincar de tudo o que você possa imaginar.

[...]

- Outro dia, eu passei pelo bairro, lá atrás do prédio, havia umas crianças brincando com bolinhas no chão de terra e fiquei curiosa, mas meu pai disse que é perigoso brincar naquela rua. – Lembrou Mariana.

- É, essas crianças estavam brincando de bola de gude. Há lugares em que ainda se mistura o antigamente com o hoje, porque as brincadeiras vão passando de geração em geração. - Mas ninguém me ensinou a brincar dessas coisas ... Lá no pátio da escola, a gente brinca de pega-pega, mas há sempre um professor falando pra a gente não correr ... Uma menina foi riscar algo no

chão, com um giz que trouxe de casa, o inspetor reclamou... (Cunha, 2019, p. 6-8).

Os trechos destacados demonstram como ficou sendo responsabilidade da avó ensinar à neta as brincadeiras que eram comuns antigamente, visto que seus pais e na escola não compartilhavam tais ensinamentos, sendo até proibidos, seja pelo medo da insegurança de deixar a criança brincando na rua, seja para manter a ordem e organização na escola. Desta forma, a matriarca desempenha o papel de conservar memórias e transmitir aos mais novos. Isso destaca a valorização que é dada aos mais velhos nas obras da literatura infantil negro-brasileira.

Santos (2023) aborda que essa relação entre os mais velhos e mais novos revela a dinâmica intergeracional, o que demonstra que

A sabedoria transmitida pelas matriarcas serve não apenas como um depósito de conhecimento, mas como um guia essencial na navegação pelas complexidades da vida. Além disso, o papel dessas figuras na formação da identidade e afetividade revela uma teia intrincada de influências, onde a experiência compartilhada e a orientação moldam a jornada de autodescoberta e crescimento emocional das personagens mais jovens. Essa dinâmica não é apenas uma transmissão de conhecimento; é uma exploração profunda da conexão humana e do impacto duradouro das relações intergeracionais (Santos, 2023, p. 52-53).

Um dos assuntos em destaque na obra são os usos do *tablet*, a avó Joana reconhece os benefícios do seu uso, mas pontua alternativas para Mariana se divertir, pois o uso excessivo do *tablet* impedia que ela pudesse realizar brincadeiras livres na rua com outros colegas.

Antes que Mariana começasse a encher a cozinha com seu vocabulário tecnológico, Vó Joana Lançou um desafio:- E se eu disser que você pode se divertir sem nenhum aparelho eletrônico? A internet e os jogos virtuais são muito interessantes, até ajudam na comunicação e ensinam muitas coisas, mas as crianças sempre se divertiram em todas as épocas, bem antes da invenção do seu tablet, sabia? (Cunha, 2019, p. 5).

Desta forma, a obra retrata os assuntos de relação intergeracional e do uso dos eletrônicos de forma leve, tanto que a história se passa em uma curta duração de tempo. Quando Mariana ficou chateada por não poder usar o *tablet*, a avó estava terminando de fazer o bolo e coloca no forno; no fim da história, Mariana já estava brincando com outros colegas na rua e o bolo estava pronto. Entende-se que todo o acontecimento durou um dia, o que diferencia do tempo abordado no diálogo da avó e da neta que retrata épocas diferentes, como se pode observar nos seguintes trechos:

— Triste nada, minha neta! Deixa-me colocar o bolo no forno que eu te conto como as crianças se divertiam num tempo que eu chamo de antigamente. E como muitas ainda se divertem hoje, mesmo sem tablets e celulares.

[...]

Vó Joana tirou o bolo do forno e o deixou esfriar antes de receber a cobertura de chocolate derretido.

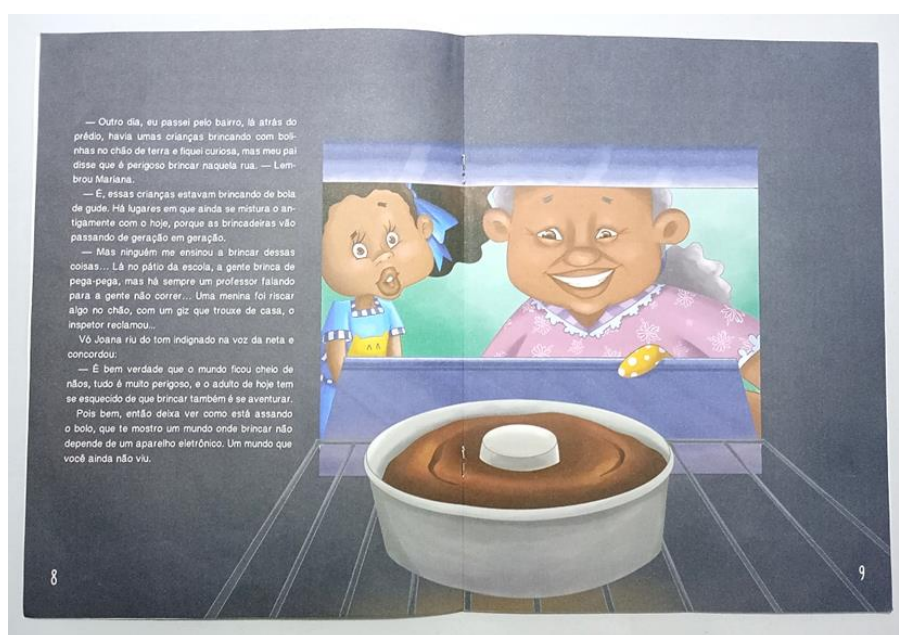
[...]

Pois bem, então deixa ver como está assando o bolo, que te mostro um mundo onde brincar não depende de um aparelho eletrônico. Um mundo que você ainda não viu.

[...]

Nesse momento, vó Joana chegou à porta com o bolo de cenoura coberto com uma generosa camada de chocolate e botou a menina para lavar as mãos (Cunha, 2019, p. 6-8-10-15).

Figura 12 - Mariana e a avó olhando o bolo assando no forno



Fonte: Cunha, 2019.

Outro demarcador importante na obra é o espaço e a situação socioeconômica; o final de semana de Mariana acontece na casa da avó que, pela ilustração nas páginas 14 e 15, como observado na Figura 11, tem um quintal espaçoso, o qual entende-se que é um bairro diferente de onde Mariana mora, pois esta mora em um prédio que tem *playground*, como a mesma pontua no seguinte trecho: “[...] Lá no prédio, nós descemos para brincar, ficamos online e jogamos horas no *playground*” (Cunha, 2019, p. 6).

Também é possível identificar que Mariana tem uma condição socioeconômica vantajosa, pois em um dos seus relatos ela comenta que o pai pontua que uma determinada rua

é perigosa, dando a entender que é uma rua em um local de vulnerabilidade social, como é observado na citação já apresentada nessa sessão.

Na pesquisa de Oliveira (2003), o primeiro ponto que ela destacou como um dos dados qualitativos foi que os personagens negros “são, em grande maioria pobres” (Oliveira, 2003, p. 8). Nas obras dos escritores brancos, o personagem negro normalmente está alocado na esfera social em uma condição socioeconômica desfavorecida. Esse discurso contribui para o pensamento de que não é possível a locomoção na estratificação social, ou seja, a pessoa negra que nasceu pobre permanecerá nessa condição. Apresentar uma outra narrativa colocando personagens negros em uma condição socioeconômica favorável também contribui para a formação de uma identidade negra positiva.

Na obra, em nenhum momento foi direcionado o assunto para a temática racial, o que demonstra que a literatura infantil negro-brasileira não precisa necessariamente ser de denúncia ou de valorização da estética negra. Apresentar personagens negros em diversas situações do dia a dia, com sua autoestima estabelecida, favorece a mudança da narrativa de que o racismo ocupa a centralidade nas vidas das pessoas negras, é compreender que o racismo atravessa o corpo das pessoas negras, mas não se constitui como atribuição central.

A obra explana essa narrativa inovadora na literatura infantil negro-brasileira, haja vista a predominância de livros infantis com a temática de denúncia ou de valorização da estética negra, contudo é observado nas ilustrações a presença da “morenização” apontada por Pestana (2021), Mariana é retratada com a cor marrom, seu cabelo é volumoso e cacheado, assim como sua avó, o mesmo ocorre com outro personagem que aparece na página 15, como é possível ver na Figura 11, um dos coleguinhas de Mariana é negro e tem o cabelo liso. Esse processo de “morenização” ocorre nessa obra pelo fato de a ilustradora ser uma mulher branca; apesar disto, as personagens não estão caracterizadas de forma pejorativa.

6.3 Que saudade da minha vó!

O assunto principal da obra é a saudade e a afetividade que o protagonista, um menino negro, sente da sua avó. Não fica explícito na obra se a avó faleceu, se está morando em outra cidade e isso o impossibilita de visitar, ou até mesmo se estão isolados devido à pandemia de

COVID 19⁶, haja vista que a obra é de 2020. Também não é possível identificar na história o nome do protagonista, nem da vó e da mãe.

A obra apresenta de inovador o protagonismo de um menino negro construído por uma escritora negra. Ter um menino negro abordando o tema saudade de forma afetuosa significa que está existindo uma crescente evolução na produção e publicação de obras de escritores negros. Assim como *Brincando de antigamente* (2019), não estão pautando somente narrativas que retratam violências, mas sim uma diversidade de sentimentos, emoções e vivências.

Além de ser o protagonista, o menino negro é o narrador da história, ele conta em primeira pessoa sobre a saudade que sente da vó e como se relaciona com esse sentimento expressando através dos desenhos nas paredes de casa e verbalmente com a mãe. Este é mais um aspecto inovador dessa obra, pois apresenta um menino negro com uma identidade negra positiva sendo o protagonista e narrador da sua própria história.

Vê-se que na história não é abordada a temática racial ou o racismo, subentende-se que o protagonista já gosta da sua cor de pele e de seu cabelo crespo volumoso. Uma criança com autoestima é aquela que se sente amada e acolhida no seu lar e convívio social, e é essa a mensagem que reverbera durante a história a cada lembrança que o protagonista tem das brincadeiras, atitudes, carinhos e afetos da sua avó, sendo esta retratada na Figura 13.

Figura 13 - Porta retrato da vó



Fonte: Oliveira, 2020.

⁶ O nome covid é a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, que na tradução para o português seria "doença do coronavírus". O número 19 refere-se ao ano 2019, quando os primeiros casos desta Pandemia foram publicamente divulgados.

Também é observada essa relação de cumplicidade com a mãe que aparece no final da história, conforme as Figuras 14 e 15. Ao perceber que o filho estava desenhando nas paredes com giz de cera, aparenta ficar brava, pois na ilustração está com a mão na cintura, contudo, na página seguinte, há a ilustração do filho nos ombros da mãe e ambos com giz de cera nas mãos voltados para a parede. A mãe não reclamou, ela se juntou ao filho para expressar a saudade que também sentia da sua mãe.

Apesar dessa relação de cumplicidade entre mãe e filho, nas ilustrações, nos únicos dois momentos em que a mãe aparece, o seu rosto não é apresentado; no primeiro momento, não aparece o rosto da mãe, somente do pescoço para baixo, e no segundo momento, a mãe aparece com o filho nos ombros de costas rabiscando a parede com giz de cera.

Figura 14 - Protagonista entregando giz de cera para a mãe



Fonte: Oliveira, 2020.

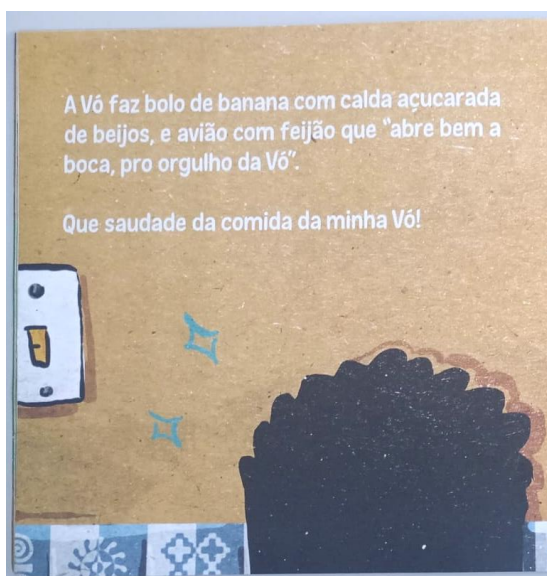
Figura 15 - Protagonista nos ombros da mãe, ambos voltados para a parede com o giz de cera nas mãos



Fonte: Oliveira, 2020.

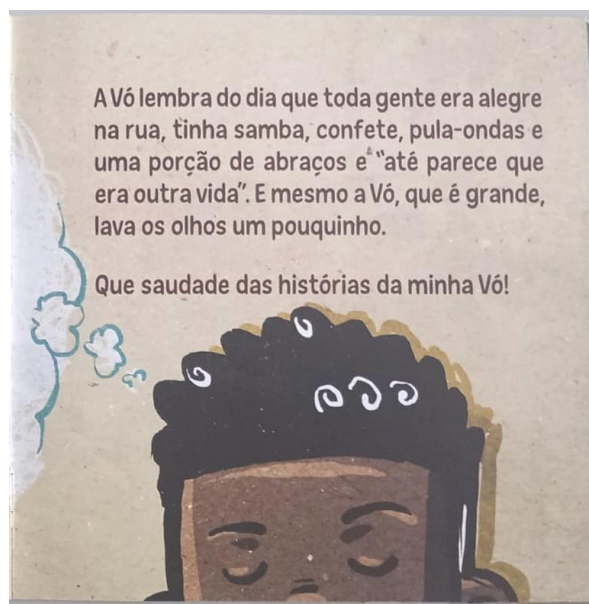
As ilustrações presentes na obra têm um aspecto de feitas com giz de cera, fazendo uma referência aos desenhos que o protagonista tem feito na parede de casa utilizando esse utensílio. Os personagens não são apresentados de forma pejorativa; em duas cenas, o cabelo do protagonista é colocado em evidência, contudo ocorre a ausência da figura materna apresentada de forma plena. Essa figura comumente é apresentada em um lugar de subalternidade nas histórias, desta forma, se faz importante dar um rosto à figura da mãe negra, haja vista que na narrativa escrita esta acolhe o seu filho.

Figura 16 - Protagonista de costas, é visto somente o topo da cabeça e em evidência o cabelo



Fonte: Oliveira, 2020.

Figura 17 - Protagonista de frente, é visto somente o topo da cabeça e em evidência o cabelo



Fonte: Oliveira, 2020.

Esse destaque dado ao cabelo crespo do protagonista, observado nas Figuras 16 e 17, favorece que as crianças negras achem bonito, e os que têm essa tipagem de cabelo queiram usar com orgulho, em especial os meninos, que também sofrem com o processo de embranquecimento no aspecto estético, mas não é colocado em evidência nos debates raciais tanto quanto a menina negra. Oliveira (2018) pontua em sua pesquisa como os meninos negros eram retratados de forma racista e desumanizada. A pesquisa de Araujo, Damasceno e Alcântara (2020) reflete sobre a escassez de protagonistas meninos negros com característica positivas no mercado literário brasileiro, estes apresentam duas obras com protagonistas meninos negros e somente um deles é de uma autora negra, a obra *O menino Nito*, de Sonia Rosa.

No estudo de Silva e Santos (2021), são analisados cinco (5) obras com protagonismo de meninos negros, dos anos 2000, destes somente duas obras são de escritoras negras, os demais são autores brancos. As autoras observaram problemáticas em algumas das obras dos escritores brancos, pois reforçavam estereótipos racistas, o que não foi observado nas obras das escritoras negras, por isso elas pontuam:

Ressaltamos que lutar pela construção de práticas antirracistas é bem mais do que colocar um menino negro em cena sendo acolhido por uma família branca. Da mesma maneira que é bem mais do que trazer um menino negro como principal protagonista de uma história (Silva; Santos, 2021, p. 56).

Desta forma, a obra *Que saudade da mina vó!* (2020) apresenta-se como inovadora ao retratar um menino negro como protagonista, sendo que este se aceita esteticamente e está presente em uma família acolhedora e afetuosa, como é observado na relação intergeracional da avó, mãe e filho: “A Vó faz cabana de lençol, boneca de saco, bola de meia, pipa de jornal e castelo de areia, embola toda a casa e mamãe dá tanta risada. “Quem é a criança, heim Vó?. Que saudade da bagunça da minha Vó!” (Oliveira, 2020, p. 10).

Esse acolhimento e afeto proporcionam que as crianças se sintam seguras para falar sobre seus sentimentos, medos, curiosidades e suas alegrias. Ao lerem a obra que o protagonista demonstra que sente liberdade e segurança para externalizar o que sente em casa, em especial o tema saudade, o que se pode observar nas relações das três gerações, proporcionará que os meninos negros também externalizem os seus sentimentos. Assim a obra reflete o reconhecimento e contribui para a humanização das pessoas negras.

6.4 Possibilidades de usos das obras no *setting* de linguagem

As obras, *Makeba vai à escola*, *Brincando de antigamente* e *Que saudade da minha vó!* foram utilizados na contação de história na minha atuação como fonoaudióloga em algumas situações específicas para alcançar os objetivos propostos para o caso no qual estava inserida. Desta forma, o livro foi utilizado para uma função didática, ensinar algo para o paciente, porém, associado a essa intenção, foi possível favorecer o conhecimento de outras narrativas que apresentam a pessoa negra de forma positiva; para as crianças negras, existiu a representatividade e a humanização, para as crianças não negras, existiu a desconstrução da história única.

As mesmas obras também foram utilizadas na comemoração do Novembro Negro que ocorreram somente nas minhas sessões; nas contações de histórias que ocorreram nesse período, a sua função utilitária não era o foco de interesse, a celebração das vivências negras nas suas múltiplas formas de ser e estar presente no mundo que permearam os encontros que ocorreram no *setting* de linguagem. Em muitos desses momentos, a emoção tomou conta de mim, tanto pelo lado fonoaudióloga, por conseguir evoluções junto com o paciente, quanto o lado pessoal, por estar presenciando a alegria e a surpresa de crianças e adolescentes negros reconhecendo-se nas páginas dos livros.

A literatura como uma arte não pode ser reduzida somente a sua função didática, contudo esta também possibilita ensinamentos que podem ser favoráveis na clínica de

linguagem. Sendo assim, destaco de forma breve algumas temáticas em que as obras podem ser utilizadas no *setting* de linguagem, compreendendo que, para ter acesso a arte, não precisa de pré-requisitos.

O livro *Makeba vai à escola* (2019) pode ser utilizado com pacientes que estejam demonstrando insatisfação, medo ou insegurança de frequentar a escola independentemente do motivo que esteja gerando tal situação. Ao apresentar a obra, é possível desconstruir a ideia de que a escola seja um lugar ruim e construir a ideia de que nesse espaço também existe a possibilidade de vivências alegres e acolhedoras.

Por ser um livro bilíngue, também é possível utilizar o texto em inglês. O livro pode ser utilizado para criação de vínculo com a criança ou o adolescente que seja autista e que tenha hiperfoco em inglês, ou pode ser utilizado como estratégia para diminuir o hiperfoco em inglês, pois seria apresentado o texto em inglês e em português. Pode também ser utilizado com outros pacientes que não sejam autistas, mas que tenham interesse nessa língua ou que estejam em processo de aprendizado da língua inglesa.

O hiperfoco é uma característica que pode ocorrer com crianças neuroatípicas e neurotípicas⁷, contudo é observado com maior frequência em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Pessoas com hiperfoco apresentam uma intensa concentração em um mesmo assunto, tópico ou tarefa, produzindo comportamentos restritos e repetitivos (Liberalesso, 2020). Desta forma, os pacientes podem manifestar o hiperfoco no aprendizado de línguas, principalmente a língua inglesa, como também no uso de eletrônicos.

Com a obra *Brincando de antigamente* (2019), a contação de história pode ser direcionada para a temática do uso dos eletrônicos, para a diminuição do hiperfoco no eletrônico e o seu uso de forma consciente e moderado, com crianças neuroatípicas e neurotípicas, além de também possibilitar o aprendizado das diversas brincadeiras que demandam a interação social e dialógica das crianças. Junto com o livro, vieram dois brinquedos produzidos de forma artesanal, jogo da velha e jogo das cinco marias, como apresentado na Figura 18. Os dois jogos podem ser utilizados após a contação de história.

⁷ Pessoas neurotípicas (ou típicas) não possuem problemas de desenvolvimento neurológico. Já as pessoas neuroatípicas (ou atípicas) apresentam alterações relacionadas ao desenvolvimento neurológico.

Figura 18 - Brinquedos artesanais, jogo da velha e jogo das cinco marias



Fonte: Acervo pessoal.

Com a obra *Que saudade da minha vó!* (2020), é possível direcionar a contação para pacientes com transtorno fonológico que precisem trabalhar a instalação e automatização do fonema /v/, desta forma a obra seria um recurso para realizar o bombardeio auditivo de forma prazerosa. O bombardeio auditivo consiste em uma estratégia na qual o terapeuta constrói uma lista de dezesseis palavras com o som alvo que deve ser lida para a criança, sem que ela tenha a necessidade de repetir tais palavras (Dias; Mezzomo, 2018).

A forma como realizar a contação de história é outro fator importante, por isso alguns aspectos serão pontuados que podem contribuir para uma prática de contação de história agradável tanto para o paciente, quanto para a terapeuta. Vale ressaltar que cada terapeuta pode fazer a contação do seu jeito, levando em consideração o tempo específico do atendimento, de quantos pacientes estarão presentes no atendimento, as estruturas físicas do local do atendimento e se a contação ocorre em uma instituição pública ou privada.

A contação de história é uma tradição oral, herdada de forma geracional e que resistiu através da memória e da oralidade (Bâ, 2010); pode ser realizada somente oralmente ou com o uso do livro, pode ocorrer em locais abertos ou fechados, com somente duas pessoas ou um coletivo: as possibilidades são muitas. No *setting* terapêutico, pode-se realizar a contação com ou sem o livro, como observado nas falas das entrevistadas, as quais realizam a contação com o livro e sem também, contudo será abordado o uso do livro, haja visto a importância das ilustrações, desta forma, as sugestões serão da prática de contação utilizando o livro.

Os estudos de Pelisson e Rodrigues (2017) e Pastorello (2004) e Oliveira (2004) ressaltam como o livro pode ser utilizado como um recurso terapêutico na prática clínica, podendo contribuir para a potencialização da criação de vínculo entre terapeuta e paciente, nas habilidades que o terapeuta almeja trabalhar e no favorecimento do acesso à arte, contudo se faz necessária a mediação: nesse lugar encontra-se o terapeuta, o qual escolhe a conduta que deseja desempenhar. Desta forma, o terapeuta que reconhece uma prática clínica dialógica e humanizada utiliza o livro infantil como um facilitador no *setting* terapêutico.

Inicialmente é importante apresentar o livro para o paciente, conversar sobre a capa, identificar os autores, os ilustradores. Se tiver fotos e biografia destes, é interessante apresentar, a depender de como o paciente estiver tal ação pode ser realizada no final da contação, o que não prejudica a contação de história e a relação do paciente com o livro.

É essencial que o terapeuta esteja na mesma altura do campo de visão do paciente e de preferência de frente para o mesmo, para que possa posicionar o livro de forma que ele não precise fazer esforço para enxergar as ilustrações ou o texto escrito. A criança precisa ter fácil acesso ao livro durante toda a contação de história, pois as suas reações ajudam no direcionamento do que ocorrerá durante a contação.

Durante a contação, podem ser feitas perguntas para o paciente referentes ao que foi dito ou sobre as ilustrações com o objetivo de trabalhar questões específicas, como os exemplos que foram citados anteriormente, mas se faz necessário ficar atento ao que o paciente irá trazer durante a contação para poder ser utilizado no momento ou após a contação, criando assim uma experiência de compartilhamento e respeito para com o paciente.

A contação de história pode ser realizada em um único atendimento ou em vários, isso depende do paciente e também do tempo delimitado para o atendimento na rede pública ou privada; pode ser repetida a mesma história mais de uma vez e em cada contação de história serem abordados aspectos diferentes da obra.

Com os pacientes alfabetizados, pode-se, após a contação, pedir para que estes façam o relato de forma escrita. Para os que não são alfabetizados, pode-se solicitar o relato de forma verbal ou em forma de desenho.

Durante a contação é importante que o terapeuta faça modelações na voz e modifique as entonações a depender de cada ação realizada na história, além de ter a alternativa de poder mudar a voz para cada personagem. Esses são atrativos para cativar a atenção do paciente e ao mesmo tempo é possível trabalhar habilidades auditivas e de prosódia. Pode-se pedir que o paciente sugira uma voz para cada personagem e que ele imite a voz que o terapeuta fizer.

Para tanto é imprescindível que o terapeuta tenha conhecimento da história, tenha se preparado e estudado, para não ser “pego de surpresa” durante a história, pois cada ação pode requerer uma entonação diferente, uma expressão específica, uma postura corporal diferente da outra. Esses são recursos extra livro, que contribuem para uma contação de história prazerosa e contribuem para o paciente aprender a reconhecer os sentimentos no outro.

Outro modo de fazer a contação de história é deixar o paciente fazer a primeira leitura da obra, para os alfabetizados, estes irão ler o texto escrito; e os que não são alfabetizados farão a leitura de acordo com as imagens da obra. Ou uma leitura compartilhada: em cada momento, um pode ler, assim já consegue trabalhar a troca de turno e tempo de espera do paciente. Na contação de história no *setting* terapêutico existem inúmeras possibilidades de ser realizada não somente colocando a responsabilidade de contar no terapeuta.

O espaço físico onde será realizada a contação também é importante, contudo, irá depender de onde o terapeuta estará atendendo o paciente. Para os atendimentos por videoconferência, os espaços em que o terapeuta e o paciente estejam durante o atendimento pode interferir no processo de contação de história, a luminosidade do ambiente e dos eletrônicos precisam estar ajustados para que sejam visíveis as ilustrações, mas não significa que seja impossível ou que não vá obter bons resultados uma contação de história realizada de modo virtual.

Essas são algumas sugestões para a realização da contação de história de uma forma geral, no entanto vale ressaltar que cada paciente é único e também cada local de trabalho apresenta suas especificidades, então é preciso que o terapeuta prepare uma contação de história levando em conta o paciente e os demais aspectos envolvidos sempre pautando um momento agradável para ambos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir um estudo pautando a temática racial, em específico nas áreas da linguagem e da literatura, demonstra o avanço, mesmo que lento, nas pesquisas relacionadas a fonoaudiologia. É observada uma crescente investigação científica da prática clínica humanizada, contudo não se pontua a abordagem racial, desta forma, abordar explicitamente sobre como a estrutura racial repercute no fazer fonoaudiológico é, ao mesmo tempo, uma denúncia de como o racismo determina as escolhas clínicas e um incentivo para uma nova construção do fazer fonoaudiológico consciente de sua responsabilidade social.

O Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), ao acolher a presente pesquisa, alicerçou as bases teóricas na área de conhecimento em Letras, o que possibilitou a construção do repertório teórico para discutir sobre a literatura infantil e a literatura infantil negro-brasileira. Desta forma, foi possível identificar que, na prática de contação de história das fonoaudiólogas entrevistadas, existe a falta de letramento literário e racial, estas buscam realizar uma prática equânime, porém ainda é preciso uma construção de conhecimento literário e racial que oportunize uma contação de história respeitosa aos saberes ancestrais e emancipatória para as crianças e terapeutas.

As obras analisadas, *Makeba vai à escola*, *Brincando de Antigamente* e *Que saudade de minha vó!*, refletem temáticas inovadoras dentro das construções narrativas e imagéticas da literatura infantil negro-brasileira, como o protagonismo de um menino negro sendo representado de forma positiva, a presença da figura paterna ressignificando o personagem do homem negro, a importância de crianças negras externalizarem seus sentimentos e serem acolhidas, sejam estes sentimentos o medo de ir para a escola, a frustração pelo *tablet* não funcionar ou a saudade da vó.

A contação de história é uma tecnologia ancestral e o livro a ser utilizado precisa ser escolhido de forma atenta para favorecer a potência do encontro no *setting* terapêutico de linguagem para as crianças negras, não negras e os terapeutas. Assim é possível realizar uma prática de contação de história equânime que possa desconstruir preconceitos e favorecer a construção de novas narrativas.

A presente pesquisa não teve a pretensão de esgotar todo o assunto relacionado às áreas de Letras e Fonoaudiologia para a prática de contação de história, pelo contrário, esta se coloca como o início desse diálogo interdisciplinar que busca ampliar os conhecimentos em ambas as áreas para os diversos usos das obras da literatura infantil negro-brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Luana Pastorello. **Literatura infantil e fonoaudiologia: o trabalho (de) com a leitura do livro infantil**. 2010. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia), Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_07b111fbc6b734d727c61049805ffc4e. Acesso em: 03 set. 2024.
- ARANTES, Lúcia. O fonoaudiólogo, esse aprendiz de feiticeiro. *In*: VITTO, Maria Francisca Lier de (Org.). **Fonoaudiologia: no sentido da linguagem**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 23-37.
- ARAUJO, Débora Cristina de; DAMASCENO, Geane Teodoro; ALCANTARA, Regina Godinho de. Meninos Negros Na Literatura Infantil E Juvenil: Corpos Ausentes. **REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 2, n. 25, p. 284–310, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4732>. Acesso em: 01 abr. 2024.
- AZEVEDO, Ricardo. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, Editora Dimensão, nº 27, mai./jun. 1999. Acesso em: 19 mar. 2024.
- AZEVEDO, Ricardo. Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias. **Signos**, Ano 20 nº 1, Lajeado: Univates, 2001, p. 92- 102. Acesso em: 19 mar. 2024.
- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. *In*: **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000042769> por. Acesso em: 12 mar. 2024
- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. 4. ed. São Paulo: Acervo África: Palas Athena, 2003. 350 p.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007. 155 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 280 p.
- BARROS, Percy Maria de Lima; OLIVEIRA, Priscila Nogueira de. Perfil dos pacientes atendidos no setor de fonoaudiologia de um serviço público de Recife – PE. **Revista CEFAC**, 2010, jan./fev., v. 12, n. 1, p. 128-133. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/n7zjhDry3hQ9j3Nf3gcLfZD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2024.

BENTO, Ana Carolina Paiva; BEFI-LOPES, Débora Maria. Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 22, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pfono/a/8v4PTHYHmFf5q4YNwCxmCGz/>. Acesso em: 03 set. 2024.

BONVINI, Emilio. Tradição Oral Afro-Brasileira: as razões de uma vitalidade. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 22, p. 37-48, jan/jun. 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10729>. Acesso em: 7 jul. 2024.

BORDIN, Sheila Cristina; SHEILA, Iára Bittante de Oliveira. Livros infantis: material motivador para crianças disfônicas em processo terapêutico. *In: XVI Encontro de Iniciação Científica e I Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da PUC-Campinas*, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: PUC Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.puc-campinas.edu.br>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 1988. 498 p. Disponível em: <https://abrir.link/zGzZa>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 6.965, de 09 de dezembro de 1981**. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Fonoaudiólogo, e determina outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6965-9-dezembro-1981-356567-normaatualizada-pl.html>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 232 p. 16 jul. 1990. Disponível em: <https://abrir.link/ogEbC>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BRASIL, **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 22 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990**. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8142.htm. Acesso em: 22 out. 2023.

BRASIL. **Portaria nº 344, de 1º de fevereiro de 2017**. Dispõe sobre o preenchimento do quesito raça/cor nos formulários dos sistemas de informação em saúde. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0344_01_02_2017.html. Acesso em: 13 mar. 2024.

BRASIL. **Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009**. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html. Acesso em: 22 out. 2023.

BRASIL. **Portaria nº 344, de 1º de fevereiro de 2017**. Dispõe sobre o preenchimento do quesito raça/cor nos formulários dos sistemas de informação em saúde. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0344_01_02_2017.html. Acesso em: 22 out. 2023.

BRASIL. **Resolução CFFa nº 320, de 17 de fevereiro de 2006**. Dispõe sobre as especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, e dá outras providências. Disponível em: https://www.fonoaudiologia.org.br/resolucoes/resolucoes_html/CFFa_N_320_06.htm. Acesso em: 22 jun. 2023.

BRASIL. **Resolução nº 569 de 8 de dezembro de 2017**. Dispõe sobre os cursos da modalidade educação a distância na área da saúde. Disponível em: <https://abrir.link/DwTBp>. Acesso em: 22 out. 2023.

CAMPOS, Wagner Ramos. **O griôs aportam na escola: por uma abordagem metodológica da literatura infantil negra nos anos iniciais do ensino fundamental**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2016. 329 p.

CARDOSO, Jefferson Lopes. **Dialogismo e fonoaudiologia: a intersubjetividade na clínica**. Dissertação (Mestrado em Estudos em Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2002. 208 p. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4093>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CÉSAR, Andréa de Melo; MAKSUD, Simone Siqueira. Caracterização da demanda de fonoaudiologia no serviço público municipal de Ribeirão das Neves – MG. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 133-138, jan/mar. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/KJ5Bj5QrsXrv4RLLs7TFwwt/>. Acesso em: 03 set 2024.

CHICOSKI, Regina. **Literatura infantil**. Guarapuava: Unicentro. 2010. 108 p.

CORDEIRO, Cintia Ortegosa; TOZZO, Ana Paula da Silva; FERREIRA, Léslie Piccolotto. Leitura de história em voz alta: proposta de uma intervenção fonoaudiológica com professores. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, 2021. Disponível em: <https://abrir.link/NQIRT>. Acesso em 03 set. 2024.

COSSON Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2022. 139 p.

COSTA, Laura Lima; JORGE, Tatiane Martins. Elaboração e validação de histórias infantis como estratégia de educação em saúde na fonoaudiologia. **CODAS**, v. 39, n. 6, p. 1-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/9z4TMHkSPBkGYR6c9FxHbbN/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

COSTA, Renata Gomes da; SOUZA, Lourdes Bernadete Rocha de. Perfil dos usuários e da demanda pelo serviço da clínica-escola de fonoaudiologia da UFBA. **Revista de Ciências**

Médicas e Biológicas, Salvador, v. 8, n. 1, p. 53-59, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/4376>. Acesso em: 03 set. 2024.

CRONEMBERGER, Flávia Fialho. Um outro olhar acerca da formação do profissional em fonoaudiologia. *In*: FERREGUETT, Cristhiane; MOURA, Deije Machado de; NETO, João Evangelista do Nascimento (Orgs.). **Literatura e Linguística: saberes acadêmicos além das fronteiras**. Salvador: EDUNEB, 2016. p. 321-344.

CUNHA, Fabiola. **Brincando de Antigamente**. Recife: Prazer de Ler, 2019. 16p.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo negro edições, 2010. p.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez, 2017. 112 p.

DIAS, Roberta Freitas; MEZZOMO, Carolina Lisboa. Efeitos da estimulação de habilidades em consciência fonológica na reorganização do sistema fonológico: relato de caso. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 266-277, jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/34779>. Acesso em: 01 abr. 2024.

DOMINGUES, Chirley; DEBUS, Eliane. O Que Dizem as Pesquisas Sobre Literatura na Escola: por um Estado do Conhecimento. **Revista COCAR**, Belém, v. 12, n. 33, p. 605-632, jan./jun. 2018. Programa de Pós-graduação Educação em Educação da UEPA. Disponível em: <http://páginas.uepa.br/seer/index.php/cocar>. Acesso em: 01 abr. 2024.

FERNANDES, Florestan. Racismo e cordialidade. **Folha de S. Paulo**, 10 jul. 1995, p. 12.

FERREIRA, Suiane Costa. Aportes históricos para a formação do profissional de saúde a partir da contribuição do Antigo Egito. *In*: FERREIRA, Suiane Costa (Org.). **Debate contracolonial na formação em saúde: resgatando a ciência de Kemet**. Salvador: EDUNEB, 2022. p. 37-68.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...** São Paulo: Diáspora africana, 2018. 476. p.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hZmCNP5MtfGB3CDvRbM8nFF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2024.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**: Peter Hunt. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. *In*: SOUZA, Florentina; LIMA, Nazaré (Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 220. jun. 2024.

LIBERALESSO, Paulo; LACERDA, Lucelmo. **Autismo: compreensão e práticas**

LOBATO, Monteiro. **Obras completas de Monteiro Lobato – A barca de Gleyre. 1º Tomo, v. 11.** São Paulo: Brasiliense, 1955.

MARRA, Silvia Cristina. **Contando histórias para crianças com deficiências: uma possibilidade de atuação fonoaudiológica na estimulação de linguagem.** Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006. 153 p. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/22575>. Acesso em: 22 maio 2022.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**. n. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 7 nov. 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. 269 p.

MENEZES, Valquíria Borges de. **O papel da literatura infantil afro-brasileira na construção identitária das crianças negras.** 2017. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/632>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMf/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

MORENO, Jocilene Lopes; SILVEIRA, Raquel da Silva. Refletindo Sobre o Quesito Raça/Cor na Fonoaudiologia nos Atendimentos na Clínica Fonoaudiológica da UFRGS. *In: Salão de Iniciação Científica da UFRGS*, 31, 2019, Campus do Vale. **Resumos [...]**. Rio Grande do Sul: UFRGS. Disponível: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/209154>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro.** 2 Ed. São Paulo: Perspectiva. 2019.
MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 91 p.

NACIMENTO, Yago José Eloi do. **Por Onde Anda Meu Pai? Uma Abordagem Sobre Masculinidades e Paternidades Negras na Literatura Infantil.** 2021. 151 p. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://dippg.cefet-rj.br/pprer/index.php/pt/teses-e-dissertacoes.html> Acesso em: 01 abr. 2024.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 229 p.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 123 p.

NETO, Lúcia Elena F.; SILVA, Klívia Nayá B. da; ARRUDA, Isabella F. de. Fonoaudiologia, contação de histórias e educação: um novo campo de atuação profissional. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 209-222, ago. 2006. Disponível em: <https://shre.ink/DqTY>. Acesso em: 01 abr. 2024.

OLIVEIRA, Maíra. **Que Saudade da Minha Vó!** Rio de Janeiro: Oríki Editora, 2020. 21p.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. A tessitura dos personagens negros na Literatura Infantojuvenil Brasileira. *In: Literafro – o portal da literatura afro-brasileira*, Minas Gerais, 30 jan. 2018. Disponível em: <https://abrir.link/cuGqo>. Acesso em: 12 mar. 2024.

OLIVEIRA, Polyana S. de; FRIEDMAN, Silva. A clínica da gagueira e o livro infantil: considerações a partir de um caso. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 223-233, ago. 2006. Acesso em: 12 mar. 2024.

OLIVEIRA, Polyana S. **O livro infantil como instrumento terapêutico na clínica fonoaudiológica da gagueira**. 2004. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia), PUC, São Paulo, 2004.

PASTORELLO, Lucila Maria. As vozes da leitura. *In: DAUDEN, Ana Tereza de C.; MORI de ANEGELIS, Cristiane (Org.). Linguagem Escrita: Tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico*. São Paulo: Pancast, 2004. p. 125-133.

PEIXOTO, Marcus V. S. et al. Caracterização da população assistida por um serviço de Fonoaudiologia em uma Unidade de Saúde. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 107-115, ago. 2010. Disponível em: <https://abrir.link/WfAPb>. Acesso em: 03 set. 2024.

PELISSON, Maíze Carla Costa; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Livro de histórias como recurso avaliativo e promotor da compreensão dos estados mentais: uma revisão. **Revista Institucional de Psicologia**, v. 10, n. 1, 2017. p. 81-94. Acesso em: 19 fev. 2024.

PEREIRA, Maria Otília Farto. A intertextualidade lobatiana: uma viagem no tempo e no espaço. **Estudos Linguísticos XXXV**, São Paulo, v. 1 p. 1406-1412, julho, 2006. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudos-linguisticos/edicoes.php>. Acesso em: 14 mar. 2024.

PESTANA, Cristiane Veloso de Araujo. Qual a cor do negro nos livros de literatura infantil? *In: Literafro – o portal da literatura afro-brasileira*, Minas Gerais, 22 jun. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/D5qh>. Acesso em: 01 abr. 2024.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. *In: BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 9-38.

PORTO, Luana Teixeira; PORTO, Ana Paula Teixeira. Metodologia da Pesquisa Científica e Artigos de Periódicos: Questões para um Debate. **Revista de Direito Dom Alberto**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, jun. 2010. Disponível em: <https://revista.domalberto.edu.br/revistadedireitodomalberto/article/view/522/510>. Acesso em: 01 abr. 2024.

REIS, Livia Maria da Silva. **Contribuições teóricas para a formação nos temas raça, gênero e saúde nos cursos de fonoaudiologia**. 2019. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29300>. Acesso em: 03 jun. 2024.

RHODES, Mislene A. S. *et al.* A Representação Do Negro Na Literatura Infantil. *In*: III Seminário Científico da FACIG. II Jornada de Iniciação Científica da FACIG. 2017. Pernambuco. **Anais [...]**. Pernambuco: Faculdade de Igarassu. Disponível: <https://abrir.link/iXiOS>. Acesso: 21 mar. 2024.

ROCHA, Raíza. Fonoaudiologia e desigualdade social. **Comunicar**, ano XIX, n. 78, jul/ago/set. 2018.

ROCHA, Samuel de Albuquerque. **A importância da representatividade em sala de aula: correspondência racial entre alunos e professores e o desempenho escolar**. 2021. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/3932>. Acesso em: 01 abr. 2024.

ROLLENBERG, Ana Tereza Vieira Machado. *In*: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013, cap. 2, p. 37-49. Disponível em: <https://shre.ink/DqWw>. Acesso em: 03 jun. 2024.

ROSEMBERG, Fúlvia. Discriminações Étnico-Raciais na Literatura Infanto-Juvenil. **Linha D'Água**, São Paulo, n. 2, p. 21-39, 1981. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37053>. Acesso: 21 mar. 2024.

SABADINI, Paloma Fia Rangel. **A literatura negro-brasileira infantil no processo de construção do letramento racial**. 2022. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Português) - Instituto Federal do Espírito Santo. Venda Nova do Imigrante.

SABINO, G. F. T. LORENÇO, L. G. O. SILVA, D. B. Racismo e representatividade da criança negra na literatura infantil: reflexões sobre o projeto de extensão e cultura “Construindo a própria história”. **Revista Zero-a-seis**, vol. 21, n 39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2019v21n39p170/38588>. Acesso em: 03 set. 2024.

SANTANA, A.P. A linguagem na clínica fonoaudiológica: implicações de uma abordagem discursiva. **Revista Distúrbios da Comunicação**, v. 13, nº 1, p. 161-174, 2001. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-316823>. Acesso em: 22 jun. 2023.

SANTANA, Ana Paula; SANTOS, Karoline Pimentel dos. A perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e a análise da linguagem na clínica fonoaudiológica. **Bakhtiniana**, São Paulo, 12 (2): 174-190, Maio/Ago. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/99qXsdGWrbQ455rgZmjtvNt/?lang=pt>> Acesso em: 22 de jun. 2023.

SANTOS, Ana Fátima Cruz dos. **Makeba vai à escola/Makeba goes to school**. Salvador: Cogito, 2019. 24 p.

SANTOS, Andréia Cristina Munzlinger dos; DE LUCCIA, Gabriela. Perfil dos estudantes de Fonoaudiologia segundo o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 589-599, set. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/20876>. Acesso em: 03 set. 2024.

SANTOS, Denise Bispo dos. **Para além dos fios: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade**. 2019. 129 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/12526>. Acesso em: 03 set. 2024.

SANTOS, Nara Nathalie Nascimento dos. **Literatura Infantil Negra: Narrativas de Ancestralidade, Memória e Afetividade Entre Personagens Avós e Netas**. 2023. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/57117>. Acesso em: 01 abr. 2024.

SANTOS, Shirlene Almeida dos. **Nos Traços da Mulher: A menina negra na literatura infantil negro-brasileira**. 2016. 248 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. Universidade do Estado da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/996b5de2-b4bf-4bcc-a6e2-256d72acdd50/full>. Acesso em: 12 mar. 2024

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. 2. Ed. São Paulo: Veneta, 2020. 214 p.

SEVERO, Renata Trindade. Letramento racial e técnicas de si. **Fórum lingüístico**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 6400-6415, jul/set. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/82010>. Acesso em: 03 set. 2024.

SILVA, Eli Neuza Soares da. **O livro ilustrado: entre a palavra e a imagem**. 2015. 156 f. Dissertação. (Dissertação em Letras e Artes). Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2015. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1902>. Acesso em: 03 set. 2024.

SILVA, Gutemberg Lima da; CAIADO, Roberta Varginha. A intertextualidade: um conceito em muitos olhares. *In: XXVIII JORNADA DO GELNE*, 2020. **Anais**. 2020.

SILVA, Mabile Francine Ferreira. **Usos e sentidos da linguagem escrita na clínica fonoaudiológica**. 2008. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/28969>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SILVA, Tarcia Regina da; SANTOS, Ernani Martins dos. Ser menino negro: uma análise em livros de literatura infantil. **Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 30, n. 62, p. 46-61, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/D5AB>. Acesso em: 01 abr. 2024.

SILVA, Denise Guapyassú; SAMPAIO, Tania Maria Marinho; BIANCHINI, Esther Mandelbaum Gonçalves. Percepções do fonoaudiólogo recém-formado quanto à sua formação, intenção profissional e atualização de conhecimentos. **Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 15, n. 1, p. 47-53, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/5vYJVD3ZsSgVnR8Hp7p4ct/?lang=pt>. Acesso em 03 set. 2024.

SOUSA, Andréia Lisboa de. Representação afro-brasileira em livros Paradidáticos. *In: Literafro – o portal da literatura afro-brasileira*, Minas Gerais, 07 mai. 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/51-andreia-lisboa-de-sousa-representacao-afro-brasileira-em-livros-paradidaticos>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SOUSA, Sandra Luiza da Paixão. **Estudo sobre a valorização da estética negra feminina por meio da aceitação do cabelo de origem afro**: orientações para o mercado de produtos para cabelos afro. 2019. 34 f. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Administração), Universidade Federal de Ouro Preto. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Dc9N8>. Acesso em: 03 set. 2024.

STEFANELI, Flávia Ruffa; MONTEIRO, Káthia Dias Guedes Machado; SPINELLI, Renata Lara. Perfil do fonoaudiólogo na cidade de São José dos Campos. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 101-105, jan.-mar. 2004. Disponível em: <https://abrir.link/WTzUi>. Acesso em: 03 set. 2024.

VASCONCELOS, Thalia Cristine Novaes de. A cor que não apagaram da língua: a colonialidade na fonoaudiologia brasileira. **Anãnsi: Revista de Filosofia**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 274-281, 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/16188>. Acesso em: 03 set. 2024.

VASQUES, Cristina Maria. **Uma viagem pela intertextualidade em reinações de narizinho**. 2007. 101 f. Dissertação. (Dissertação em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/7ee0bb6d-8ffd-4c10-ab3b-cfa7097b9e0c>. Acesso em: 12 mar. 2024.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

1 Dados de identificação da pesquisa:

Título do Projeto: Os usos da literatura infantil negra como estratégia terapêutica no setting de linguagem

Pesquisadora Responsável: Lais Alves Porto

Orientadora Responsável: Prof^a Dr^a Lilian Lima Gonçalves dos Prazeres

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: Universidade do Estado da Bahia

Telefone para contato da Pesquisadora Responsável: (71) 99317-0949

2 Dados de identificação do (a) participante:

Nome do participante da pesquisa:

Idade: _____ anos

Sexo: F () M ()

Documento de Identidade (R.G.): _____

Endereço (Estado e Cidade): _____

O Sr. (a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Os usos da literatura infantil negra como estratégia terapêutica no setting de linguagem”, de responsabilidade da pesquisadora Lais Porto e da orientadora Lilian dos Prazeres, cujo objetivo é analisar as práticas das fonoaudiólogas da área da linguagem que utilizam a literatura infantil negra no setting terapêutico. Com tal pesquisa é possível gerar reflexões acerca das produções realizadas, podendo resultar numa autoanálise por parte dos trabalhadores. Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista. A entrevista que ocorrerá em dia e horário acordados será gravada, contudo após a transcrição literal e publicação dos resultados da pesquisa, as gravações serão destruídas, a fim de preservar a identidade dos (as) participantes. Os potenciais de riscos

decorrentes de sua participação são mínimos, contudo, como se trata de uma pesquisa está sujeita a riscos variados seja nas dimensões, física, moral, psíquica, cultural, intelectual, social e espiritual, podendo ocorrer à sensação de cansaço em alguma destas dimensões, sendo que qualquer dano causado pela pesquisa é de responsabilidade da pesquisadora. Por isso, se depois de consentir sua participação o Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Se o (a) Sr. (a) aceitar participar, contribuirá na produção de reflexões acerca das práticas realizadas pelos (as) fonoaudiólogos (as) possibilitando que os mesmos possam debater e construir conhecimentos sobre o cuidado em saúde utilizando a literatura infantil negra. O (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Em caso de ocorrer algum prejuízo durante a participação, o (a) Sr. (a) tem o direito a indenização com respaldo em leis brasileiras. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras pelos telefones (71) 99317-0949 da pesquisadora Lais Porto e pelo telefone (73) 99817-0374 da orientadora Lilian dos Prazeres. Ainda, poderá entrar em contato diretamente com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia pelo telefone (73) 32638050 ou endereço UNEB – Departamento de Educação- Campus X – Av Kaikan S/n, B. Kaikan – Teixeira de Freitas – Cep: 45992255. Telefone: (73)32638050. E-mail: cepuenb@uneb.br

Eu, _____,
RG nº _____ declaro ter sido informado sobre a pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito, sabendo que não ganharei nada e que posso me retirar da pesquisa quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ (cidade), _____ de _____ de _____

APÊNDICE B**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

Nome: _____

Idade: _____

Endereço: _____

Sexo: () feminino () masculino

Informações sobre formação e atuaçãoUniversidade que realizou a graduação:

Pós-graduação:

() especialização

() mestrado

() doutorado

() aprimoramento

() outros (cursos)

Quais? _____

Tempo de formada:
_____Quanto tempo atuando na área de linguagem?
_____***Informações sobre o trabalho***Local de trabalho (público ou particular):
_____Tempo de atuação neste trabalho:
_____Quantos pacientes atende por dia:
_____Duração do tempo da sessão de atendimento:
_____O local onde trabalha oferece recursos terapêuticos, se sim quais?

Informações sobre a prática clínica de linguagem

O que você entende por contação de história?

Para que é utilizado a contação de história na clínica?

Onde aprendeu sobre contação de história?

Faculdade

Curso

Trabalho

Outro

Quais? _____

Quais obras você utiliza para realizar a contação de história?

O que você entende por representatividade?

Quais obras utilizadas são de escritores negros?

Acha importante ter o conhecimento sobre representatividade na literatura para a prática de contação de histórias na área da linguagem?

Como utiliza os livros dos escritores negros na contação de história?

Quais resultados são observados durante e após a contação de história utilizando livros de escritores negros?

Quais as dificuldades têm de se trabalhar com livros da literatura infantil negra na clínica de linguagem?

Agradecemos a sua participação!